

**Edivania Alexandre da Silva**

**“O MUNDO ESTÁ AS AVESSAS”:** relações, tensões e  
enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes  
de Barros – Recife (1900-1920)

**Salvador**

**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA**

**2007**

**Edivania Alexandre da Silva**

**“O MUNDO ESTÁ AS AVESSAS”:** relações, tensões e  
enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes  
de Barros – Recife (1900-1920)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da prof<sup>a</sup> Dra. Edilece Souza Couto.

**Salvador**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFBA**  
**2007**

**Edivania Alexandre da Silva**

**“O MUNDO ESTÁ AS AVESSAS”:** relações, tensões e  
enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes de  
Barros – Recife (1900-1920)

Dissertação defendida e aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edilece Souza Couto -UFBA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elizete da Silva –UFBA /UEFS

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Gilmário Moreira Brito – UEFS / UNEB

A meus pais com carinho e muita saudade

A Jason Bittencourt

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Dona Neide e Seu Zé do Doce, que no ano de 2007 decidiram terminar um noivado que já durava trinta e um anos, e finalmente, vão se casar!! (rs!);

A minhas irmãs Rose, Vania, Aurea e Alexandra, mulheres fortes e decididas, que me servem de exemplo, me protegem e me cuidam, mesmo à distância. A meus irmãos Maycon e Ronildo, que tentam ter alguma voz em meio a tantas mulheres...

Ao meu amigo Everaldo Santos Oliveira por me ouvir, aconselhar e amar (isso é por minha conta!). Agradeço seu carinho, que se iniciou antes mesmo desse ir e vir (SSA – SP) e se fortaleceu, mesmo em meio aos nossos encontros e despedidas;

As pessoas das instituições e acervos que, gentilmente, me acolheram: Fundação Joaquim Nabuco, Biblioteca Pública de Pernambuco, Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (PE); Instituto de Estudos Brasileiros (USP), Biblioteca Central Mario de Andrade (SP); Museu Casa do Sertão (UEFS); Biblioteca Pública dos Barris. Um agradecimento carinhoso à Miguel Teles, pessoa gentil e solícita, que me cedeu ricos materiais, e me manteve sempre próxima aos “causos” do sertão (Miguel é de Pedrão, por merecimento!);

Aos professores da UEFS por contribuírem significativamente na minha formação acadêmica e pessoal. Devo-lhes muitas lições de ética, coerência e compromisso. Agradeço notadamente aos professores Rogério de Fátima, João Rocha Sobrinho, Eurelino Teixeira Coelho, Marco Barzano e Professora Elizete da Silva, a quem devo um agradecimento à parte, por ler a versão inicial do meu projeto e fazer sugestões pontuais para o desenvolvimento do trabalho;

A professora Gabriela Sampaio por ter me acompanhado desde o projeto inicial, por suas intervenções pontuais e fundamentais para os resultados que apresento;

Ao professor Onildo Reis David pela atenção e dedicação que me acompanham desde a graduação, e que agora tive o prazer de novamente receber. Agradeço imensamente a leitura atenta e crítica de um dos meus primeiros leitores, bem como seu afeto, que certamente é (muito) recíproco;

A Edilece, orientadora, pela disponibilidade, presença e suporte necessários à construção desta dissertação. Ela foi fundamental para todo o processo, porque soube perceber o meu tempo, meu ritmo, e conseguiu trabalhar com eles. Pude contar com sua paciência e sensibilidade, ao que sou imensamente grata;

Aos companheiros de casa Agrimária Matos e Igor José Trabuco, por aceitarem com paciência as “redefinições” dos espaços durante o período de escrita da dissertação, e por tornarem esse tempo agradável e divertido. A Igor agradeço a boa vontade, disposição e incentivo nos momentos de impaciência, desespero e falta de dinheiro! A Guiu agradeço as incontáveis horas de audição e discussão em que precisou interromper seu café, seu sono, seu estudo, seu merecido ócio. A Igor agradeço por ter feito silêncio, e a Guiu, por ter feito Igor fazer silêncio! (rs!)

A Tito Casal que “riniticamente” (palavras dele) me cedeu alguns dias de suas férias como pesquisador nos arquivos do Recife;

A Igor Gomes pela atenção e disposição em ler, discutir e fazer proposições, principalmente no período inicial da pesquisa;

A Tatiana Farias, Fabrício Mota e João Lucas Mota (meu afilhado) pelos momentos agradáveis de descontração, pela preocupação e suporte a mim dispensados desde o primeiro dia na cidade de Salvador. Agradeço as visitas, os bate-papos gostosos, as discussões teóricas, e principalmente a alegria de pertencer a essa família;

A amiga Ana Clara Farias pela presença, e apoio em todos os momentos da pesquisa, principalmente pela disposição em se deslocar ao Recife para me ajudar na coleta de fontes. Agradeço suas propostas convidativas e divertidas, que certamente me ajudaram a manter a serenidade, durante todo esse processo;

A Bia, Ângela e Umberto por me hospedarem no Recife e serem tão prestativos e gentis em território tão próximo, e ao mesmo tempo tão distante...

A Luango e Júlio Braga pelos momentos de descontração e risadas que passamos juntos. A Luanguinho pela companhia firme e divertida no banco de trás, pelos abraços e beijinhos roubados quando seu pai não estava olhando (rs!). A Júlio por todas as consultas prestadas, empréstimo de obras fundamentais de sua biblioteca, e principalmente solicitude e atenção sempre a mim dispensadas;

A amiga Iris Verena pela preocupação que sempre dirige a mim. Agradeço por me devolver o chão quando me falta, dar um norte nos momentos de desespero, ser firme nas inseguranças, e principalmente pela certeza de que não estou só. Agradeço pelas palavras duras nos momentos de precisão, e também pelas perguntinhas retóricas em momentos pontuais, e que (sempre) já sabe a resposta!

Ao professor Gilmário Moreira Brito com quem aprendo a muitos anos os meandros do ofício do historiador. Mesmo que desejasse não conseguiria agradecê-lo como merece, porque foram incontáveis discussões, correções, orientações e leituras feitas com rigor e firmeza. Sou grata pelos bons momentos que passamos juntos, seu bom humor, as engraçadas histórias de São Paulo, Vitória da Conquista, do carro roubado, do mutetão, dos abacates numerados e tantas outras (rs!). Não teria palavras para descrever o empenho, boa vontade e carinho de uma pessoa extremamente observadora, que percebeu, inclusive, que eu cantarolava enquanto escrevia. Pensei que como seria impossível lhe agradecer por tudo, ao menos lhe dedicaria todas as canções que embalaram essa dissertação!!! (rs!)

A FAPESB que, através de seu programa de bolsas possibilitou um ambiente mais tranquilo para a realização deste trabalho.

“O sertanejo sabe pelo rádio ou por ouvir dizer os acontecimentos importantes. Mas só acredita quando sai no cordel. Se sai no cordel, então é verdade.”

## RESUMO

Os folhetos populares começaram a ser impressos e divulgados no final do século XIX, tornando-se suporte de relações sociais e uma importante mídia de comunicação difundida pelo Nordeste brasileiro. Através de suas narrativas, é possível desvelar tensões culturais advindas de diferentes sujeitos que, originários de tradições orais, não letradas, manifestavam e registravam posições, valores, enfrentamentos e tradições através das poesias ali presentes. Nesse trabalho, examinamos o processo de formação e difusão de práticas culturais religiosas católicas, nas duas primeiras décadas do século XX, na cidade do Recife, principalmente a partir dos enfrentamentos empreendidos pelo poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, um dos maiores autores da literatura de folhetos nordestina, possivelmente o primeiro a unir o advento das gráficas à impressão de narrativas. Ele é, sem sombra de dúvidas, sujeito de importância ímpar para o presente trabalho, pois, a partir de sua produção, retiramos materiais essenciais para entender aspectos da cidade e religiosidade ali presentes. A partir dos posicionamentos contundentes e incisivos desse poeta, partimos para outras fontes e desvelamos tradições, relações e tensões estabelecidas entre sujeitos de diferentes posições sociais, dando a ver aspectos da produção de um segmento da população muitas vezes excluído e invisibilizado pela historiografia.

Palavras-chave: Folhetos Populares; Tradições Religiosas; Catolicismo Popular; Narrativas Oraís.



## RÉSUMÉ

Les feuillets populaires ont été imprimés et divulgués depuis la fin du 19<sup>ème</sup> siècle, en devenant un support de relations sociales et un important moyen de communication diffusé dans le Nord-Est brésilien. Dans ses narratives, il est possible de dévoiler des tensions culturelles issues des différents sujets qui, originaires des traditions orales, non lettrées, manifestaient et enregistraient des positions, des valeurs, des affrontements et des traditions à travers les poésies ici présentes. Dans ce travail, nous examinons le processus de formation et de diffusion des pratiques culturelles religieuses dans les deux premières décennies du 20<sup>ème</sup> siècle, à Recife, surtout à partir des affrontements entrepris par le poète issu de Paraíba, Leandro Gomes de Barros, un des plus grands auteurs de la littérature de feuillets du Nord-Est, probablement le premier à unir l'avènement des imprimeries à l'impression des narratives. Il est, sans aucun doute, sujet d'importance impaire pour le présent travail, car à partir de sa production nous retirons des matériaux essentiels pour comprendre des aspects de la ville et de la religiosité ici présents. A partir des positionnements contondants et incisifs de ce poète, nous passons à d'autres sources et nous avons dévoilé des traditions, des relations et des tensions établies entre des sujets de différentes positions sociales, donnant vue sur des aspects de la production d'un segment de la population plusieurs fois exclu et occulté par l'historiographie.

Mots Clefs: Feuillets Populaires; Traditions Religieuses; Catholicisme Populaire; Narratives Orales.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capa do folheto Casamento a Prestação / O testamento de <<Cancão de Fogo».....	12
Figura 2: “Infallíveis da semana” palpite oferecido pelo jornal <i>O periquito</i> a apostadores do Jogo do Bicho.....	44
Figura 3: Capa do Folheto <i>Doutores de 60</i> .....	47
Figura 4: Sátira publicada no Periódico “Lanterna Mágica” sobre as epidemias que assolavam a cidade do Recife. ....	54
Figura 5: Charge do Periódico “Lanterna Mágica” sobre a cobertura jornalística da passagem do avião Santos Dumont pela cidade.....	66

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO 1:</b> <b>“MUNDO VELHO DESGRAÇADO TEU POVO PRECISA DE FREIO”:</b> <b>O poeta e as transformações da cidade</b> .....	20
1.1. Leandro Gomes de Barros: mais um retirante na Capital.....	27
1.2. Recife e o novo século: inovações e olhares de protesto .....	38
<b>CAPÍTULO 2:</b> <b>PELEJA ENTRE FOLCLORISTAS E POETAS: LEITURAS ACERCA DE</b> <b>POSTURAS E COMPORTAMENTOS DO CLERO</b> .....	69
2.1. Poesia e Religiosidade nas Letras dos Folcloristas .....	71
2.1.1. O folclore e a busca do “popular”: registros de fontes escassas.....	72
2.1.2. “Ninguém me fale de padre, seja lá o que for” - Em busca da fé do outro: religiosidade na construção do folclorista.....	89
2.2. Poesia e Religiosidade em Folhetos Populares: observações acerca do Clero Católico.....	105
<b>CAPÍTULO 3:</b> <b>“POVO INCRÉDULO E DESCRENTE”: EM DEFESA DE UMA MORAL</b> <b>RELIGIOSA PARA O RECIFE</b> .....	121
3.1. “As cousas não vão de graça”: religiosidade nos folhetos populares em oposição a valores e práticas em profusão na cidade.....	123
3.2. “Ou que lugar desgraçado”: enfrentamentos religiosos contra a presença estrangeira.....	144
3.3. “A nova-ceita é caipora”: ofensiva contra os protestantes.....	161
3.4. Esse mundo não é meu: retirantes sertanejos e suas manifestações religiosas no Recife.....	177
<b>Considerações Finais</b> .....	187
<b>Fontes</b> .....	192
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	196

## Introdução

Por volta do ano de 1914, Leandro Gomes de Barros escreveu o folheto *Casamento a Prestação*<sup>1</sup>, uma brochura de dezesseis páginas que contava de forma engraçada e jocosa algumas das novidades em profusão na capital pernambucana naquele início de século. Prestação, seguros de vida, indenizações, namoros desregrados, cobranças de serviços religiosos, eram alguns dos motes explorados e criticados pela narrativa.

O poeta se servia de suas histórias bem humoradas para chamar atenção de seus leitores e apontar o descontentamento com o rumo que as coisas tomavam na cidade. A capa do folheto funciona como uma espécie de síntese de sua obra, pois ali identifica de forma simples e direta alguns dos sujeitos que considerava “culpados pelo atraso da nação”:



Figura 1: Capa do folheto Casamento a Prestação / O testamento de <<Cancão de Fogo>>

<sup>1</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Casamento a prestação / Testamento de Cancão de Fogo. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1977.

A capa de *Casamento a Prestação*, folheto singular ao enfatizar as “reviravoltas” em acontecimento naquele início de século na cidade do Recife<sup>2</sup>, é singular ao sugerir de forma pontual alguns dos sujeitos, cujas ações eram alvo de observação e crítica por parte do poeta: Mulheres “fúteis”, “espalhafatosas”, desejosas de parecerem modernas, que se enfeitavam, pintavam, vestiam roupas “indecentes” e “desavergonhadas”, produzidas por modas “mundanas”, que contrariavam a moral e os bons costumes da cidade; Somava-se a elas homens das classes mais ricas, que copiavam e desejavam seguir à risca referenciais estrangeiros, de roupas, comportamentos, falas, posturas, costumes, eram indivíduos que ansiavam por ostentar a classe e a “civilização” do velho mundo, principalmente de Paris; Além disso, havia os próprios estrangeiros, considerados “invasores”, ingleses, franceses, italianos, tidos como responsáveis pela profusão de lógicas, balizadas por referenciais puramente comerciais e mercadológicos, cujo objetivo principal era o lucro, isso, sem contar suas novas e diferentes religiões, a exemplo da famigerada “nova-seita”, uma alegoria direta ao protestantismo; Para finalizar, padres gatunos, interesseiros, golpistas, que vendiam por um bom “precinho” os serviços do Senhor e da salvação.

Prontamente, a capa do folheto, entrevem de maneira pontual alguns dos sujeitos enfatizados e alegorizados nas narrativas de Barros, que os combate regularmente ao longo de sua obra, registrando posições contundentes e enfrentamentos significativos contra eles e as inovações em desenvolvimento no início do século XX na cidade do Recife. O poeta e seus leitores percebiam uma inversão no mundo que conheciam, e lutavam com empenho para afirmar tradições e valores que consideravam pertinentes, num universo que tentava negá-los, por considerá-los “atrasados”, “incultos”, “incivilizados”, diferentes dos referenciais pretensamente “modernos” e “universais”.

É importante salientar que os sujeitos produtores deste suporte material imprimiam em suas obras o fervor da religiosidade, ensinando valores e dando conselhos que apareciam ancorados a experiências cotidianas. Oriundos geralmente

---

<sup>2</sup> “Porque se originou de um acidente geográfico – o recife ou o arrecife – a designação do Recife não prescinde do artigo definido masculino: O Recife e nunca Recife. Por isso no Recife, do Recife, para o Recife e não em Recife, de Recife, para Recife”. MELLO, José Antônio Gonsalves de. *O Recife e os arrecifes*, apud REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: Histórias de uma cidade*. 2<sup>o</sup> edição. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005, p. 21.

de tradições católicas oralmente transmitidas, interpretadas a partir de suas vivências, estes poetas registravam em suas obras sentimentos e práticas de uma cultura religiosa impregnada de valores e tradições. Veiculavam crenças e reelaboravam aspectos significativos da religião, através de um diálogo vigoroso, permanente e dinâmico com grande parte da população, a qual influenciava e por ela eram influenciados<sup>3</sup>. É interessante perceber que, mesmo ao tratar de assuntos diversificados como moda, inovações tecnológicas, ou cobrança de impostos, as vivências e valores religiosos sempre eram tomados como referencial para avaliar as posturas mais corretas.

Além disso, cabe-nos ressaltar a peculiaridade dessa religiosidade, presente nos materiais produzidos e difundidos no início do século XX, pois, apesar de ser pautada em referenciais católicos, nem sempre possuía estreita relação com a Igreja Católica tradicional. Em muitos momentos, os folhetos que circulavam na cidade criticavam, inclusive, alguns religiosos que se mostravam gananciosos e interesseiros, pautando sua conduta em lógicas, cuja finalidade era a obtenção de lucros. Esses sujeitos não eram absolvidos e tinham seu lugar garantido no rol de sujeitos problemáticos, alvo de condenação.

Com base nessa apresentação inicial acerca dos folhetos e temáticas por eles abordadas, enfatizamos a especificidade dessa fonte que começou a ser produzida e veiculada no final do século XIX, tornando-se suporte de relações sociais em uma sociedade em que eram fortes as tradições de cantar, rezar, contar histórias, utilizando-se da oralidade como meio de transmiti-las para gerações.<sup>4</sup> Sua produção era realizada por pessoas simples, que muitas vezes sequer possuíam aproximação com a língua portuguesa formal, entretanto conseguiam registrar sentimentos, esperanças, temores, valores, formas de ver, pensar e sentir o mundo de um segmento da população, que, durante muito tempo, permaneceu à margem das produções historiográficas.

---

<sup>3</sup> BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. 2001. 295f. Tese de Doutorado em História Social - Programa de estudos Pós- Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Antonieta M. Antonacci. p. 20.

<sup>4</sup> ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 91.

Nesse trabalho, enfatizamos a criação e inventividade do poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, mais um dos milhares de retirantes que chegou à cidade do Recife no início do século XX, e ali passou a produzir e difundir os seus folhetos. Esse autor possui relevância singular para o presente trabalho, porque suas produções estão carregadas de valores e tradições que representavam segmentos sociais que tentavam se afirmar e se posicionar naquele universo “distinto” e “contraditório” de transformações por que passava a cidade.

As produções de Leandro de Barros são tomadas como porta de entrada para a cidade e o cotidiano das pessoas simples que compravam, liam, ouviam, dialogavam e, através das narrativas presentes nos folhetos, manifestavam seus pontos de vista, visões de mundo e experiências. A religiosidade presente nesse material é salutar, pois é utilizada para manifestar diretamente a relação com o campo, e com as tradições que tentavam defender em relação às mudanças e novidades que presenciavam na cidade.

Embora os folhetos da literatura popular possam ser considerados peculiares por sua aproximação com segmentos sociais menos favorecidos da população, desejamos destacar alguns cuidados metodológicos que adotamos ao trabalhar com essa fonte, que em alguns momentos também pode se apresentar incerta e escorregadia.

É importante ressaltar que os folhetos da literatura popular, durante muito tempo, foram utilizados como importante veículo de comunicação de massa, já que possuíam formato editorial barato, e eram consumidos por segmentos específicos da população. Muitas vezes sua produção era realizada por membros de outras classes no intuito de propagar idéias e pensamentos que pudessem chegar a segmentos mais pobres e a um maior número de pessoas. Destacamos entre elas as produções de religiosos que, no intuito de difundir valores e dogmas da Igreja Católica, imprimiam nessa mídia ensinamentos ligados às doutrinas da instituição.<sup>5</sup>

Outra categoria que também se apropriou da produção de folhetos foram os editores, que estampavam nesses folhetos histórias produzidas por grandes

---

<sup>5</sup> Nessa perspectiva, ver principalmente BRITO, 2001, op.cit.

literatos, mas reduziam, cortavam, censuravam, remanejavam e adaptavam as narrativas para torná-las legíveis a indivíduos não familiarizados com os livros.<sup>6</sup>

Além das diferentes apropriações do formato editorial do folheto, outro problema bastante comum ao empreendermos trabalho com essa literatura se relaciona à tradição oral de que ela é depositária, pois muitas narrativas pertencem a gêneros, épocas e tradições múltiplas e fragmentadas, havendo uma distância cronológica e social considerável entre o contexto de produção, circulação e leituras desse material.<sup>7</sup>

No intuito de minorar algumas dessas questões, com relação à utilização dos folhetos populares como fonte, fizemos a opção metodológica de trabalhar com a produção de um único poeta, Leandro Gomes de Barros, pois assim poderíamos amenizar as questões da imprecisão cronológica da produção, além de poder localizar o lugar social que o poeta ocupava, bem como suas intenções ao produzir e distribuir sua literatura. Destacamos que esta opção foi importante, pois assim pudemos apreender na obra do autor aspectos de seu cotidiano, relações e tensões estabelecidas entre as pessoas com as quais vivia e se relacionava, além de nos aproximarmos de sua inserção nos fazeres da cidade e num período definido e específico.

Com relação aos riscos de eleger um único sujeito como principal vetor de um processo histórico do qual pretendemos nos aproximar, ratificamos Carlo Ginzburg em seu livro *O queijo e os vermes* ao defender a utilização de personalidades individuais na pesquisa histórica: “[...] da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação”.<sup>8</sup> Assim, elegemos o trabalho de Barros como um dos principais condutores para nos aproximarmos daqueles dias e também dos sujeitos com os quais dialogava. Entendemos que a partir de sua produção é possível estabelecer relações com aquele determinado processo.

---

<sup>6</sup> Sobre essas discussões ver: BURKE, Peter. *Cultura Popular na idade Moderna*. São Paulo: Cia das letras, 1989; EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004;

<sup>7</sup> Ver CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

<sup>8</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1987, p. 27.



Com base na proposição da apropriação da obra do poeta para estudo histórico, fizemo-nos vigilantes no sentido de perceber a produção literária desse sujeito inserida num contexto e processo históricos específicos, buscando tomar sua produção como evidência histórica. Nesse sentido, corroboramos com Sidney Chalhoub, na sua indicação acerca da utilização da literatura como fonte para o estudo da História:

[...] a proposta é historicizar a obra literária [...] inseri-la no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social, destrinchar não sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social - algo que faz mesmo ao negar faze-lo. Em suma, é preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim, *testemunho histórico*<sup>9</sup> (grifo do autor)

Nesse sentido, acreditamos que a literatura produzida na cidade do Recife no início do século XX deve ser pensada e tomada como problema histórico, uma produção que se destaca não somente por sua finalidade de diversão e entretenimento puro e simples, mas também por seus objetivos, manifestações, posturas e posicionamentos que marcavam lugares sociais de relações, embates e tensões, a partir da defesa de valores e tradições pertencentes aos seus produtores e leitores.

Em função disso, trabalhamos também com outras fontes, que exerceram valor estimado para o presente trabalho, pois auxiliaram na percepção acerca das relações estabelecidas na cidade. Utilizamos materiais produzidos e coletados pelos folcloristas do final do século XIX e início do século XX que, no intuito de “salvarem” as tradições populares, que julgavam em extinção durante o processo de “modernização” do país, recolheram aspectos singulares de nossa cultura. Embora as coletas desses estudiosos fossem feitas com o mínimo de interferência possível, o olhar que lançavam sobre as manifestações populares as alocava como fragmentos folclóricos, desprovidos de sentidos e significados. Aproximamo-nos desses materiais lançando novas questões, e tentando localizá-las dentro de seus

---

<sup>9</sup> CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs). *A História Contada: capítulos de História Social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 7.

contextos de produção, utilizando como fonte, não somente as coletas, mas inclusive os posicionamentos de seus estudiosos.

Vale ressaltar que outro material fundamental para a pesquisa foram as crônicas e outros escritos deixados pelos memorialistas que viviam na cidade no momento da produção dos folhetos. Esses registros, carregados de saudosismos e minuciosidades foram capitais para percebermos o cotidiano da cidade, bem como suas atividades, festejos, curiosidades e manifestações. Tentamos perceber os posicionamentos desses sujeitos que registravam com detalhes os acontecimentos ali vivenciados, sem deixarem de emitir opiniões e posicionamentos, que revelavam os lugares sociais de onde falavam.

Por fim, trabalhamos também com jornais, periódicos, relatórios e outras produções do período que nos auxiliaram na percepção de elementos da história da cidade, bem como posições assumidas por sujeitos que ali viviam e se manifestavam.

Dividimos o texto em três capítulos. No primeiro, localizamos o narrador dos folhetos, Leandro Gomes de Barros, evidenciando o lugar social de onde falava, sua origem, atividades que desenvolvia, e sua chegada na capital, como mais um retirante que fugia da seca e buscava ali alternativas de sobrevivência. Em seguida trabalhamos o contexto de transformações e modernizações da cidade nas duas primeiras décadas do século XX. Fizemos isso a partir de indicações presentes nos folhetos de Barros, tentando acompanhar as críticas do poeta em relação às mudanças físicas, infra-estruturais e de valores ali presentes.

No segundo capítulo, analisamos os enfrentamentos em relação às transformações religiosas vividas na urbe, principalmente através das críticas a posturas e comportamentos do clero católico. Localizamos os enfrentamentos travados pelo poeta, bem como coletas e posicionamentos empreendidos por folcloristas que, apesar de se dizerem próximos às tradições populares e aos sujeitos de origem sertaneja, muitas vezes tinham visões destoantes daquilo que se podia encontrar nos folhetos.

No terceiro capítulo enfatizamos outros enfrentamentos religiosos perpetrados nos folhetos de Barros. Tentamos enfatizar os modos que o poeta assumia para levar para o campo religioso o combate dirigido às inovações, tradições, valores e

também sujeitos que representavam os “novos tempos”. Médicos, intelectuais, mulheres, capitalistas, estrangeiros, protestantes, todos eram combatidos e satirizados. Fechamos esse capítulo tentando apontar caminhos que indicassem as tradições que estavam em questão, os sujeitos que as compartilhavam, e os elementos que desejavam combater.

Nesse sentido, convidamos o leitor a um passeio ao Recife do início do século XX. O texto possui a especificidade de dialogar com sujeitos bravos, engraçados, satíricos, surpreendentes, que utilizam a experiência da narração para a transmissão de valores baseados em uma interpretação da religiosidade calcada em experiências cotidianas. Em alguns momentos eles marcam seus lugares a partir do confronto direto, enfrentando e desnudando seu oponente, mas na maioria das vezes riem, fazem chacotas, e mostram que estavam atentos à cobrança de posturas corretas e contundentes, mesmo vivendo um mundo que consideravam estar “às avessas”!

## Primeiro Capítulo:

### **“Mundo velho desgraçado teu povo precisa de freio”: o poeta e as transformações da cidade**

No início do século XX a cidade do Recife passava por intensas modificações em seus aspectos físicos e comportamentais. A urbe era reformada de maneira a modificar sua infra-estrutura: prédios antigos eram demolidos, ruas alargadas, eram implementadas redes de esgotos e de luz elétrica, criavam-se novas formas de lazer, ampliavam-se os circuitos de transportes urbanos, dentre muitas outras modificações. Concomitantemente, planejava-se também mudar alguns hábitos, comportamentos, modos de ver e viver da população. No entanto, essas transformações não passavam despercebidas a certos olhares, que insistentemente censuravam, criticavam e se manifestavam contrários às tentativas de mudança presentes no novo século:

Há quem diga assim mesmo  
Que o ceculo é civilisado  
Eu para faser favor  
Não fallo, fico calado  
Elle tem luz como as noites  
Sem lua em tempo turbado<sup>1</sup> (sic)

Nesse verso, recortado do folheto *Casamento a prestação* do poeta Leandro Gomes de Barros, provavelmente escrito em 1914, o conjunto da narrativa traz algumas informações sobre as transformações da cidade e o sentimento de algumas pessoas naquele início de século. Através de sua rima afiada, o poeta deixava clara a tensão entre as inovações, advindas das transformações do Recife, por um lado, e o seu posicionamento crítico, forjado a partir de vivências e experiências cotidianas, ancoradas em tradições que prezavam por valores já consolidados, por outro. Ao

---

<sup>1</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Casamento a prestação / Testamento de Cancão de Fogo. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1977, p. 136.

manifestar seu descontentamento, Barros utiliza uma narrativa irônica, patente no caso de um pai que vendeu a filha em quatro prestações, para um noivo que não podia pagar à vista.

No verso apreendemos uma crítica que se inicia pelas terminologias utilizadas para discernir os tempos. É perceptível certa ironia e um pouco de sarcasmo advindos do autor, que se apropriava com destreza em sua poesia de qualificações, utilizadas naquele período<sup>2</sup> para mostrar suas opiniões. Iniciava o verso demonstrando que a qualificação dada ao “novo século” não era sua: “Há quem diga assim mesmo que o século é civilizado”, ou seja, provavelmente, havia um esforço para denominar o século de “novo” e assim propagar suas “vantagens”, adjetivando-o como “moderno”, “civilizado”, “cheio de avanços” e “inovações”. Ao se apropriar ironicamente do termo “civilizado”, Barros insinua que não falaria sobre o assunto e ficaria calado, mas acaba por expressar sua opinião. Para ele, o alvorecer do século mostra-se agitado, sombrio, um “tempo turbado”, na sua própria expressão.

A história aqui indicada, *Casamento a Prestação*, pode ser tomada como porta de entrada para esse universo da cidade do Recife, pois reúne uma série de características sobre o modo como os poetas tratavam criticamente as inovações daquele período. As narrativas dos folhetos produzidos na capital pernambucana no início do século XX mostram a opinião de pessoas que nem sempre estavam contentes com os problemas decorrentes das transformações da urbe, sendo peculiares em suas escolhas sobre o modo como deveriam relatar os acontecimentos.

No folheto, o poeta trata as relações comerciais, *seguros de vida e negócios à prestação*, de forma veemente e chacoteada, como tentativa de criar alegoria satírica e extremista das mudanças de relações na cidade:

E aqui em Pernambuco  
Progrediu esta envenção  
Hoje é plaxe de negocio,  
Da capital ao sertão  
Ja temos visto até noivo

---

<sup>2</sup> Não é difícil encontrar a denominação “século das luzes” nos jornais da época, o *Diário de Pernambuco*, por exemplo, faz uso da expressão em reportagem sobre os avanços da ciência em remédio para homens. “OS VELHOS teem a palavra”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 04 mar. 1917. p. 7.

Comprar noiva a prestação<sup>3</sup> (sic)

Na narrativa o poeta exagera, tentando chamar a atenção de seus leitores para as transformações das relações sociais e culturais pelas quais passava a cidade, que, sob sua ótica, estava perdendo as referências dos valores e sentimentos familiares, passando por uma banalização, efetivada por relações comerciais e de mercado alimentadas por grupos sociais que apresentavam novas perspectivas ideológicas. Contrapondo-se à ética de um tempo fundamentado em relações nas quais notas promissórias, assinaturas e papéis substituíram o valor da palavra, o poeta reagia ao mostrar que as modernas relações comerciais e de mercado chocavam-se profundamente com o perfil dos novos moradores que chegavam à cidade.

Diversos elementos presentes nessa história demonstram uma visão de mundo diferente daquela que, provavelmente, vinha sendo difundida por autoridades e instituições oficiais na capital pernambucana. O poeta, através de suas rimas, mostra que não se via participando das contínuas inovações e transformações da cidade. Sua posição, ao contrário, era de aguda desconfiança, uma vez que traçava clara associação entre as transformações materiais e as muitas variações comportamentais das pessoas que ali viviam. Estas mudanças de valores preocupavam-no de modo significativo, tanto que faz clara distinção alegórica entre as atitudes do passado e o “tempo das luzes”,

Os do tempo do atraso  
Tinhm carater e ação  
Criavam bem as famílias  
Davam bôa criação  
Alguns do ceculo das luzes  
Vendem filhas a prestação

Um homem naquelle tempo  
Que chamavam-lhe ceculo escuro  
Uma benção dos pais velhos  
Era um brilhante futuro,  
Hoje querem ter mãe velha  
Para botar no seguro<sup>4</sup> (sic)

<sup>3</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Casamento a prestação/ Testamento de Cancão de Fogo. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. op.cit., p. 136.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 137.

Nos versos selecionados, o autor evidencia clara separação de tempos, e mostra suas restrições com o início do século XX, momento em que as relações estabelecidas por diferentes grupos que se enfrentavam passaram a estabelecer oposições. Para o autor, os tempos se configuravam de expectativas absolutamente distintas, principalmente por que, se para alguns grupos as referências do viver na cidade eram marcadas pelos avanços tecnológicos e inovações infra-estruturais, para outros, tais modificações deviam ser enfrentadas, porque impunham rupturas na postura do corpo, “no caráter e na ação”, e no comportamento das pessoas, que “vendem filhas a prestação” e querem “ter mãe velha para botar no seguro”, eram mudanças que promoviam diferenças profundas nas tradições e nos valores.

Nesse sentido, o “tempo do atraso” caracterizou-se na poesia por recordações e saudosismos, pois era marcado por virtudes e valores idealizados, como “caráter”, criar “bem as famílias”, usar a “benção dos pais velhos”. Tudo, enfim, a expressar atitudes consideradas apropriadas pela tradição, valores e condutas moldadas por sujeitos e baseadas nas relações de solidariedade, respeito e afeto, diferentes daquelas que vinham sendo disseminadas, aceitas e praticadas em nome do novo século.

Ao traçar um paralelo entre o “ceculo escuro” e o “ceculo das luzes”, Leandro Barros aponta em sua narrativa poética algumas referências sobre valores, normas de comportamentos relacionados ao cotidiano de grupos que, apesar de viverem em uma grande cidade do Nordeste do Brasil, no início do século XX, ainda guardavam modos de viver baseados em relações familiares, de solidariedade e de honra que estavam, declaradamente, sendo colocadas em oposição a outros tipos de valores que emergiam na cidade, e eram pautados em referências mercadológicas e materiais em plena difusão.

Tal oposição, enfatizada pelo autor, cumpre o papel de indicar que o “homem de antigamente” estava fortemente ligado a valores e tradições, inclusive religiosas, ao passo que o “homem do ceculo das luzes” não apenas rejeitava essas “reminiscências”, como se colocava como defensor de nova ordem, cujos pressupostos fundamentais simplesmente estavam apegados às novas demandas de negócios e lucros.

Observamos ainda nos versos selecionados os conflitos escolhidos pelo autor para situar pesos e valores de cada tempo, e criar alegorias e padrões para confrontar diferentes modelos de vida. Através de uma comparação, evidencia que, se por um lado o homem para o qual se aplica o tempo “do escuro”, escolhido por receber “benção dos pais velhos”, tem possibilidade de organizar “um brilhante futuro”, por outro lado, para os homens de “hoje”, isto é, do início do século, a única vantagem de ter mãe velha é para poder “botar no seguro”.

O respeito aos pais e mais velhos, valor reiterado na narrativa poética, era uma prática tão enraizada e constante na vida de muitos grupos de sertanejos, que inclusive em suas poesias não é raro encontrar situações nas quais respeito, carinho e atenção fossem motes recorrentes em suas poesias<sup>5</sup>. Além de possuir aspecto muito difundido nas práticas e no cotidiano, o respeito aos pais revela ainda uma dimensão religiosa, já que “honrar pai e mãe” é um dos dez mandamentos do antigo testamento<sup>6</sup>. Observar e respeitar este mandamento eram caminhos a ser trilhados para estar próximo a Deus. Com efeito, o poeta encontra mais um motivo para censurar os “novos tempos” que, em sua concepção, propunham um conjunto de relações para inverter valores e subverter modos de se comportar, desrespeitando, inclusive, práticas e ensinamentos religiosos, com o propósito de impor novos relacionamentos desprovidos de valores e de fé.

Além disso, o poeta registrava uma prática social que estabelecia uma hierarquia baseada no respeito e na obediência às experiências acumuladas nos lugares sociais, configuradas no ato de tomar a bênção, que parece ter sido um dos comportamentos alterados. No Antigo Testamento, a bênção é a palavra de Deus para harmonizar toda a sua criação<sup>7</sup>, de modo semelhante, o Novo Testamento aponta que Jesus utilizava a bênção enfatizando o sentido de paz<sup>8</sup>. Na Santa Ceia,

---

<sup>5</sup> MOTA, Leonardo. *Viroleiros do Norte: Poesia e Linguagem do Sertão Nordestino*. 3ª edição. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. p. 181-215.

<sup>6</sup> “Honre seu pai e sua mãe: desse modo, você prolongará sua vida, na terra que Javé seu Deus dá a você” (Êxodo, 20:12). BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada* - Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. p. 92.

<sup>7</sup> “Eu farei de você um grande povo, e o abençoarei; tornarei famoso o seu nome, de modo que se torne uma bênção. Abençoarei os que abençoarem você e amaldiçoarei aqueles que o amaldiçoarem. Em você, todas as famílias da terra serão abençoadas”. (Gênesis, 12: 2-3) BÍBLIA, 1990, op.cit., p. 25.

<sup>8</sup> “Desejem o bem aos que os amaldiçoam, e rezem por aqueles que caluniam vocês.”. (Lucas, 6: 28). BÍBLIA, 1990, op.cit., p. 1319.



quando abençoou o pão e o vinho,<sup>9</sup> associou esse gesto à "eucaristia" no sentido de dar graças e de "louvar".

No sentido sugerido pela interpretação bíblica do antigo e novo testamentos, percebemos que o poeta estava interessado em apontar diferenças, e principalmente se posicionar diante desse "novo tempo", de inovações materiais e também de valores. Para o autor, além das virtudes e boas atitudes dos indivíduos dos "tempos do atraso", o recorte destacado acima também tenta disseminar caminhos e valores religiosos de fundamental importância para seus leitores enfrentarem as mudanças que estavam em curso no início do século na cidade do Recife.

Partindo dessas inquietações do poeta, percebemos que estudar questões da religiosidade nos folhetos da literatura popular poderia ser interessante para desvelar relações/tensões culturais entre diferentes pontos de vista de moradores do Recife. Estes, migrantes do interior nordestino, estranhavam as reformas e normas urbanas, pretensamente modernas, pois apresentavam valores "antigos" e sagrados, advindos de tradições orais, diferenciando-se de outros valores, inseridos em novas relações comerciais, empreendimentos, infra-estruturais, locais de convivência ou entretenimento.

Diante desse processo, interessa-nos perceber relações e tensões entre esses distintos sujeitos, seus posicionamentos ante as tradições de cunho moral e sobre os avanços de idéias e práticas capitalistas na cidade. Preocupamos-nos, sobretudo, com os conflitos travados entre eles, pelo modo como determinados sujeitos despontam em defesa de uma tradição em xeque, a maneira como se rebelavam contra a imposição de novos valores e, sobretudo, como imprimiam e difundiam seus posicionamentos, enfrentando outros segmentos sociais para afirmar os valores que professavam.

Nessa investida, inicialmente apresentaremos o poeta Leandro Gomes de Barros, autor cuja obra serve de baliza para acompanharmos alguns segmentos sociais que viviam, escreviam, liam, ouviam, expunham seus temores, esperanças, sentimentos e visões de mundo, naquela cidade do Recife do início do século XX.

---

<sup>9</sup> "Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu aos discípulos, e disse: «Tomem e comam, isto é o meu corpo.»" (Mateus, 26: 26). BÍBLIA, 1990, op.cit., p. 1275.

Apresentaremos alguns aspectos da vida e obra desse poeta, para muitos um dos maiores autores da literatura de folhetos nordestina, possivelmente o primeiro a combinar o advento das gráficas com a impressão de narrativas, para nós, sujeito de importância singular, pois, partindo da sua produção, colhemos informações essenciais para entender certos aspectos da cidade e da religiosidade ali praticada.

Por intermédio da obra desse poeta e de seus folhetos, podemos esboçar alguns valores, sentimentos e experiências de certos segmentos da população, que viveram naquele início de século na cidade do Recife, pois é necessário reconhecer que, mesmo lidando com uma fonte literária, não podemos prescindir das críticas, tensões, modos de ver o mundo presentes nos folhetos. Estes podem contribuir para identificar e caracterizar pessoas comuns que escreviam, compravam, liam, sentiam, assimilavam e recontavam histórias carregadas de humor e tensões sociais.

A narrativa poética do autor permite que nos aproximemos daqueles dias, episódios e principalmente sujeitos que, em meio aos acontecimentos e transformações, viviam, resistiam e, eventualmente, diferenciavam-se, registrando e difundindo suas idéias e valores. Por essa razão, buscamos entender de onde, como, por que e para quem falava essa figura inquieta, que não se intimidava com as novas perspectivas abertas pela modernização da cidade e, sobretudo, pelejava com diversos sujeitos, autoridades e instituições, mantendo opiniões firmes e contundentes.

Ao problematizar as relações, tensões de práticas culturais religiosas vividas e difundidas principalmente através da produção literária de folhetos nas duas primeiras décadas do século XX, é necessário investigar os acontecimentos ocorridos no Recife à época, para compreender o contexto no qual vivia e produzia Leandro Gomes de Barros, cuja produção poética tomamos como ponto de partida para apreender aspectos da religiosidade vivenciados e difundidos naquela cidade. A apresentação das tensões e relações acerca das inovações que chegavam à cidade será realizada na segunda parte do capítulo.

No presente texto, tentamos apreender histórias que, menos humoradas, às vezes são igualmente relatadas em fontes oficiais e acadêmicas, mas estas últimas nem sempre expressam integralmente as opiniões de segmentos populares que viviam e se manifestavam naquela cidade em transformação. Assim posto,

queremos saber por que, diante de tantas mudanças na capital pernambucana do princípio do século XX, pessoas comuns, gente simples, como Leandro Gomes de Barros, manifestavam-se e incitavam outros segmentos da população que achavam que o mundo e o seu povo, definitivamente, “precisava de freios!”.<sup>10</sup>

### 1.1. Leandro Gomes de Barros: mais um retirante na Capital

Normalmente o poeta Leandro Gomes de Barros não é figura conhecida e visitada nos materiais que tratam da História do Recife. Sujeito de origem muito simples e humilde, marcou sua presença na cidade por meio de pequenas publicações, conhecidas como folhetos. O material produzido pelo poeta trazia grafia muitas vezes irregular e afastada dos cânones literários presentes em produções da época, no entanto marcava lugares sociais, que diziam sobre seu autor e principalmente sobre grupos de retirantes que, por diferentes motivos, partiam do campo em direção à cidade e ali passavam a viver e se manifestar, afirmando suas experiências e tradições.

Afirma-se comumente que Leandro Gomes nasceu em 1865, na fazenda Melancia, Município de Villa do Pombal, Estado da Paraíba. Aos dezesseis anos de idade transferiu-se para Pernambuco, onde residiu por longos anos nas cidades de Vitória de Santo Antão, Jaboatão e posteriormente Recife. Viveu unicamente do produto de suas histórias rimadas, escrevendo mais de mil narrativas<sup>11</sup>. De acordo com o próprio poeta, teria começado a escrever em 1889, como declara nesta sextilha de *A Mulher Roubada*, publicada em 1907 no Recife,

Leitores peço desculpa  
Se a obra não for de agrado  
Sou um poeta sem força

---

<sup>10</sup> Frase utilizada por Leandro Gomes de Barros para indicar que os costumes se “afrouxavam” na cidade do Recife. LESSA, Orígenes. Nota Introdutória. In: \_\_\_\_\_; SILVA, Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os dismantelos do Mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro de Pesquisas, Setor de Filologia, 1983. p. 1.

<sup>11</sup> SLATER, Candace. *A vida no Barbante: A literatura de cordel no Brasil*. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 29.

O tempo tem me estragado,  
Escrevo há 18 anos  
Tenho razão de estar cansado.<sup>12</sup>(sic)

Todavia, segundo Márcia Abreu, o mais antigo folheto de Leandro que se tem notícia data de 1893.<sup>13</sup>

A maioria dos autores também afirma que Leandro faleceu no dia 4 de março de 1918, ele teria deixado sua produção literária para seu genro, o escritor Pedro Batista, que publicou suas histórias em Guarabira, Paraíba, até por volta de 1920, período em que a viúva do poeta, D. Venustiniana Aleixo de Barros,<sup>14</sup> vendeu parte dos direitos autorais ao poeta João Martins de Atayde. Algumas dessas histórias são publicadas atualmente pelas filhas de José Bernardo da Silva, no Ceará, mas nem sempre mencionam o nome do poeta.<sup>15</sup>

Essas são as informações encontradas nas diversas fontes sobre o início da produção de folhetos populares no Brasil. Dizem pouco sobre os modos de ser e ver o mundo de um dos maiores poetas populares dessa época, homem de posturas e opiniões contundentes, expressas nas histórias que contava em suas narrativas, por isso sentimos necessidade de ir um pouco além, e tentar encontrar mais informações sobre a vida pessoal, posição social, relações, conflitos, que permeavam a vivência do poeta e influenciavam em seu modo de se posicionar, ver e criticar o mundo, levando-o a travar pelejas contra empreendimentos modernos, censurando valores, posturas e sujeitos que causavam modificações nas vivências e tradições que considerava corretas.

Diante da escassez das fontes, procuramos sanar a deficiência do material a partir do inter-cruzamento entre produções sobre a vida e obra do poeta, informações contidas em seus próprios folhetos, bem como documentos produzidos sobre a cidade de Recife, no contexto em que o narrador ali habitava.

---

<sup>12</sup> PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Antologia Literatura Popular em Verso*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 575; CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 43.

<sup>13</sup> ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 92.

<sup>14</sup> Em alguns materiais referentes à vida do poeta, encontramos diferenças com relação ao nome de sua esposa, conhecida também como Venustiniana Eulália de Souza. TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de Lutas - Literatura de Folhetos no Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983, p. 40.

<sup>15</sup> LOPES, José Ribamar. *Literatura de Cordel*; Antologia. Fortaleza. BNB. 1982, p.19; PROENÇA, 1986, op. cit., p. 577.

O folheto *Leandro Gomes de Barros: o pioneiro de literatura de Cordel*, de Antônio Klévisson Viana, ajudou-nos a levantar alguns aspectos da vida e obra de Barros. Esta brochura está em sua terceira edição e faz parte da “Série heróis e mitos brasileiros”, vol. IV.<sup>16</sup> A narrativa é interessante, pois mostra aspectos detalhados acerca da saída de Leandro Gomes da fazenda Melancia, onde nasceu, para a Serra do Teixeira, Paraíba, local de forte efervescência poética, que influenciou o jovem retirante, então com quinze anos de idade, no ofício de poetar. Ali conviveu com sujeitos de expressiva importância para a poesia oral e escrita no Brasil, dentre os quais, Nicandro Nunes da Costa, Bernardo Nogueira, Inácio da Catingueira e Romano Mãe d’água, todos poetas de primeira linha, que forjaram um ambiente de versos no qual o poeta cresceu.

Segundo Francisco Linhares e Octacílio Batista registram na *Antologia Ilustrada dos cantadores*, a Serra do Teixeira – PB é local de significativa importância para a poesia popular no Brasil, já que Agostinho Nunes da Costa (1797- 1858), primeiro poeta de grande relevância e destaque nas narrativas orais, passou os últimos anos de sua vida nessa localidade, deixando ali seus filhos Antônio Ugolino Nunes da Costa, conhecido como Ugolino do Sabugi, e Nicandro Nunes da Costa, outros dois expressivos poetas populares desse período.<sup>17</sup>

A passagem de Leandro Gomes pela Serra do Teixeira e o contato que manteve com esses mestres da poesia oral indicam que esse percurso teve aporte fundamental na definição de sua aptidão para a poesia, concretizada através da decisão em investir na produção, comercialização e veiculação de folhetos como alternativa da qual se tornou o primeiro a sobreviver exclusivamente. A brochura de Klévisson Viana deixa evidente a aproximação de Leandro Gomes com a produção poética da Serra do Teixeira e ressalta também o diferencial de Barros ao conseguir aliar experiência de versejar à impressão de folhetos. Aproveitou a presença das tipografias na região, criando um tipo de mídia diferenciada, que alcançaria todo o Nordeste do Brasil.

---

<sup>16</sup> VIANA, Antônio Klévisson. *Leandro Gomes de Barros: O pioneiro de literatura de Cordel*. Fortaleza: Tupynanquim editora, 2005.

<sup>17</sup> LINHARES, Francisco e BATISTA, Octacílio. *Antologia Ilustrada dos Cantadores*. Fortaleza: Edições UFC, 1982, p. 338.

Candace Slater afirma que a presença e inserção dessas prensas no Nordeste deveu-se, em parte, ao capital acumulado pela produção algodoeira, que juntamente com o açúcar constituíam os principais gêneros exportados pela ampla região polarizada pelo Recife, durante o século XVIII. Os preços e a produção do algodão nordestino foram declinando como resultado da forte concorrência com a produção dos Estados Unidos no século seguinte. Contudo, a Guerra Civil Norte-Americana forçou as indústrias têxteis britânicas a buscarem novos fornecedores de fibra crua, incentivando a retomada da produção algodoeira do Nordeste, o que acabaria por promover um novo surto produtivo e de trabalho na região, nas palavras da própria Slater:

O aumento da renda por causa do algodão contribui muito para explicar a presença de prensas impressoras de segunda mão em cidades relativamente insignificantes (...). A necessidade de gerar novas fontes de negócios em um meio limitado tornou essas prensas, que entraram em ação diversas décadas antes do final do século, um estímulo importante para a produção de folhetos. Apesar de estes terem de ser produzidos de forma barata, de longe excederam em número as publicações eruditas, tornando-os lucrativos para os poetas assim como para impressoras.<sup>18</sup>

Seguindo sugestões dessa pesquisadora, percebemos que Leandro Barros conseguiu atentar para essa conveniência e entreviu a possibilidade de unir dois empreendimentos dos quais se aproximara: a poesia – uma aptidão – e a impressão, uma possibilidade de reproduzir sua obra e distribuí-la para lugares cada vez mais longínquos. Na contra capa de seus folhetos, é possível verificar que as histórias produzidas e impressas na cidade do Recife eram distribuídas para inúmeras localidades do Norte e Nordeste, principalmente através do trabalho dos representantes de cada região, que se encarregavam de viajar de feira em feira vendendo o material.

Apesar de ser um dos maiores autores de seu tempo, constituindo um enorme patrimônio poético, seu ofício não garantia a certeza de riqueza. Aliás, em nenhum dos documentos pesquisados há quaisquer referências a enriquecimento com a venda de folhetos, ao contrário, o que apreendemos, de modo geral, é uma constante batalha pela sobrevivência.

---

<sup>18</sup> SLATER, 1984, op.cit., p. 25.

No decorrer de suas narrativas, são muito recorrentes passagens que contam em versos trechos do cotidiano do poeta, suas viagens de trem para vender folhetos em outras cidades, hospedagens pelo Nordeste, dificuldade com a falta de dinheiro para garantir o sustento de sua família,

Chego em casa muito triste,  
Achei a mulher trombuda,  
Perguntei: filha o que tem?  
Pespondeu-me, carrancuda:  
Ora a 18 de Maio,  
O *mundo velho* se muda.

Perguntei: tem jantar pronto?  
Venho com fome e cansado,  
Desde ontem, respondeu-me,  
Que o fogão está apagado,  
Devido a esse cometa'  
Não querem vender fiado.  
[...]

Fui fallar um fiadinho,  
Que eu estava de olho fundo,  
O marinheiro me disse:  
Já por alli, vagabundo.  
Eu disse: venda Seu Zé  
Que eu pago no outro mundo. (sic)<sup>19</sup> (grifo do autor)

Esses versos da narrativa poética *O cometa*, publicada em 1910, conta o desespero de alguns moradores da cidade com a notícia acerca da passagem de um astro móvel pelo céu, o que foi interpretado por alguns, como sinal do fim dos tempos. As informações presentes no material eram referentes à aparição do Cometa *Halley*, que passou pela Terra em 18 de maio de 1910<sup>20</sup>, data fielmente registrada no folheto.

No texto, o poeta argumenta que havia regressado de uma viagem que fizera à cidade de Natal, no Rio Grande do Norte e, ao chegar, constata a precária situação econômica de sua casa; sua esposa já não comia desde o dia anterior; o fogão estava apagado; ao tentar “fallar um fiadinho” não parecia encontrar eco entre os comerciantes, que, talvez pelas dívidas que já possuíam no comércio, ou mesmo

<sup>19</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O cometa / Romano e Ignácio da catingueira. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros – 2, op. cit., p. 210-211.

<sup>20</sup> WIKIPEDIA, *Cometa Halley*. Disponível em <[http://gl.wikipedia.org/wiki/Cometa\\_Halley](http://gl.wikipedia.org/wiki/Cometa_Halley)> Acesso em: 12 nov. 2006.

pela desconfiança em relação ao fim do mundo, não queriam abrir crédito. Observamos que restritas condições de vida estavam presentes, já que o próprio poeta afirma que já “estava de olho fundo”, certamente devido à fome, e mesmo tento acabado de chegar de viagem, não trazia recursos minimamente necessários para saldar suas dívidas no entanto, também notamos que, mesmo diante dessa situação, ele não perdia o bom humor, fazendo promessas de que pagaria suas dívidas “no outro mundo”!

Assim, notamos que a vida do poeta parecia ser, de fato, uma batalha cotidiana pela sobrevivência. Podemos acompanhá-la em parte através de alguns de seus folhetos, mas também mediante outros trabalhos que muito ajudam a desvelar aspectos da vida desse sujeito. Um desses trabalhos intitula-se *Os mestres da Literatura de Cordel*: Leandro Gomes de Barros, publicado em maio de 1999. O seu autor, Antônio Américo de Medeiros, é um veterano que há 32 anos escreve, publica e vende folhetos da literatura popular.

Nesse sentido, aborda o êxodo de Leandro Gomes e Silvino Pirauá da cidade de Vitória de Santo Antão para o Recife, onde muitas tipografias eram responsáveis pela produção de brochuras que circulavam por todo o Estado de Pernambuco. Conforme Medeiros, esses dois poetas muito se empenharam para produzir e reproduzir suas poesias, de tal forma que, em 1898, Leandro possuía mais de vinte originais de narrativas inéditas para serem publicadas. Nesse ir e vir para publicar suas histórias, em 1908 muda-se definitivamente para a Capital Pernambucana e, como mais um dos milhares de retirantes, busca ali alternativas para sua sobrevivência.

Acerca do êxodo para o Recife no final do século XIX, Raimundo Arrais no livro *Recife, culturas e confrontos* afirma que em 1872 a cidade atingiu a soma de 100 mil habitantes, e em 1910 arrancou para 200 mil, praticamente dobrando em pouco mais de trinta anos. Sua pesquisa revela que o impulso demográfico não resultou apenas do crescimento natural da população, mas também das ondas migratórias advindas das decadentes zonas açucareiras, às quais se somavam as



vagas periódicas de retirantes que buscavam salvação em face de catástrofes naturais, como as secas que assolavam a região<sup>21</sup>.

Arrais afirma que a usina de açúcar representou, em Pernambuco, o esforço modernizador do início do regime republicano. Nos primeiros vinte anos do novo regime, com o apoio do Estado, as usinas prosperaram, expandindo sua capacidade produtiva a partir de maior racionalidade no processo fabril. Contudo, privilégio de grandes produtores, a usina de açúcar fez com que proprietários de pequeno porte não alcançassem competitividade, sendo reduzidos a simples fornecedores de cana, ou, quando endividados, perdessem suas terras e mudassem para a cidade, onde integravam as camadas médias urbanas. De acordo com o autor, essas camadas não eram as únicas a procurarem a cidade como refúgio:

O Recife não recebia apenas os filhos das elites decaídas: a cidade tornou-se desaguadouro do movimento populacional que o processo de instalação das usinas havia desencadeado. Massas humanas liberadas pelas mudanças que a usina introduziu no campo – concentrando propriedades, arruinando produtores de subsistência e liberando braços – se dirigiam ao centro mais atrativo da região. O Recife não apenas exercia dominação sobre uma região que recobria outros estados, como concentrava, em relação a seu território, a maior parte do comércio, das indústrias, serviços e instituições.<sup>22</sup>

As pessoas procuravam a cidade, porque, de fato, era uma das mais prósperas da região. Desde meados do século XIX, as mudanças já aconteciam em um grau de relativa intensidade, principalmente através do incremento das indústrias, vias férreas, navegação a vapor, emprego do ferro nas construções, utilização de água canalizada, serviços de bonde de tração animal, serviço de telégrafo, serviço telefônico manual, dentre muitos outros<sup>23</sup>.

No entanto, a mesma cidade, que se transformava e se modernizava para uns, tornava-se lesiva e excludente para outros:

<sup>21</sup> As principais secas que atingiram o Nordeste do Brasil no final do XIX e primeiros anos do século XX foram: 1877- 1879; 1888-1889; 1898; 1900; 1903-1904. SOUZA, Itamar; MEDEIROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca: uma análise sócio-política das secas no Nordeste*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 38-39.

<sup>22</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Recife, Culturas e Confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvaçionista de 1911*. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 1998, p. 42.

<sup>23</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *O pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX*. 2001. Tese de Doutorado em História Social - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientador Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva, p.180; ARRAIS, 1998, op.cit., p. 45-46.

Na primeira década do século as mudanças eram visíveis no novo quadro social da cidade: o aumento da população, a extensão das manchas de mocambos e pensões insalubres nas áreas residenciais da cidade, a mendicância, o abandono dos menores nas ruas, o recrudescimento das condições sanitárias, os altos números da mortalidade, as ameaças crescentes aos valores que haviam norteado tradicionalmente os comportamentos.<sup>24</sup>

Notamos que, além dos problemas infra-estruturais enfrentados pelos novos moradores, ao chegar à cidade, havia ali também um choque cultural, no qual inclusive os valores mais íntimos que esses sujeitos traziam também eram questionados.

Instalado na cidade, o poeta passava também a conviver com muitas dessas restrições impostas pelos novos tempos e, diante dessa realidade, registrava em seus folhetos tanto as lembranças e histórias de magia e encantamento trazidas do sertão, como também críticas e enfrentamentos aos valores e empreendimentos que surgiam em seu novo local de habitação.

Barros mostrava posicionamentos contundentes daqueles que, assim como ele, passavam a fazer parte de uma urbe que inchava, modificava-se, enchia-se de problemas sociais, embalados com muitas inovações urbanísticas e tecnológicas, afirmava seus pontos de vista em oposição a uma cidade que se pretendia “civilizada” e, para isso, negava tudo e todos que não correspondessem a seus referenciais de “modernidade”.

Essas pessoas eram frequentemente varridas para longe do centro da cidade, pois definitivamente não se enquadravam nos referenciais dos novos tempos. Seguindo os locais de habitações do poeta, impressos como lugar de vendas dos folhetos, podemos dizer que ele era mais um desses sujeitos “indesejáveis” na urbe: Rua do Alecrim nº 38 E (1910); Rua do Alecrim nº 34 (provavelmente, 1911 a 1914); Areias, Arrabalde do Recife (1915); Rua do Motocolombó nº 28, Afogados do Recife (1917); Rua do Motocolombó nº 190, Afogados / Arrabalde do Recife (1917)<sup>25</sup>. Os

---

<sup>24</sup> ARRAIS, 1998, p. 43.

<sup>25</sup> Informações obtidas nos seguintes folhetos: *O cometa / Romano e Ignácio da Catingueira*, Recife, 1910; *O Cachorro dos mortos* (Obra completa), Recife, s.d.; *Festas do Juazeiro no vencimento da guerra*, Recife, 1914; *A crise actual e o augmento do sello / A urucubaca / O antigo e o moderno*,

endereços revelam que Leandro de Barros era mais um dos moradores dos arrabaldes da cidade, inclusive em alguns momentos morava de aluguel, haja vista as constantes mudanças de endereço, às vezes para casas localizadas na mesma rua, e que certamente passava pelos mesmos problemas de diversos outros moradores, como o desemprego, as péssimas condições de saneamento básico, os altos impostos, a falta de iluminação e transporte público, dentre outros.

Além disso, seus locais de habitação indicam que o poeta não era homem de muitas posses, mas certamente sabia improvisar a sobrevivência, uma vez que, segundo as fontes, a sua renda era proveniente exclusivamente da produção e venda de folhetos, que discorriam sobre temas e personagens cotidianos, facilmente reconhecidos pelo seu público consumidor, formado por gente simples, exilada, exposta aos rigores da sobrevivência, mas também uma gente que sabia rir da própria condição e buscava nos folhetos, além de informação, um mote para a diversão.

A propósito dessa presença sertaneja na obra de Leandro Gomes, Luís da Câmara Cascudo em seu livro *Vaqueiros e Cantadores* registra que Barros escreveu para sertanejos, matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiros, feirantes e vaqueiros. Os seus versos eram lidos nas feiras, fazendas, sob as oiticas, no oitão das casas pobres, nas horas do “rancho”, soletrados com paixão e admiração<sup>26</sup>, tanto que as estrofes dos seus romances, histórias em versos, pelejas e cantigas eram decoradas pelos cantadores que se aproximavam dessas narrativas, viam-se, identificavam-se e interagiam com as histórias que lhes eram apresentadas.

Os conteúdos das narrativas contadas e cantadas pelos poetas, cantadores e trovadores populares parece possuir forte relação com seu público, que os referenda, consome, divulga, uma vez que seu conteúdo parece dispor de opiniões, vivências e experiências bastante semelhantes às de seus consumidores. Acerca dessa relação de proximidade do autor com seu público, Mikhail Bakhtin aborda

---

Recife, 1915; *A defesa feita pelo doutor Ibiapina em que livrou da força um réo já sentenciado*, Recife, 1917; *Echos da Pátria / Guerra / Canto da Guerra*, Recife, 1917.

<sup>26</sup> CASCUDO, Luís da C. *Vaqueiros e cantadores*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968, p. 264.

tópicos interessantes referentes às relações estabelecidas na praça pública, que parecem se aproximar do nosso tema:

[...] Ouvimos o “grito” do vendedor de feira, do charlatão, do mercador de drogas miraculosas, do vendedor de livros de quatro centavos, ouvimos enfim as imprecações grosseiras que se sucedem aos reclames irônicos e aos louvores de duplo sentido. Assim, o tom e o estilo do Prólogo retomam os gêneros do reclame e da linguagem familiar empregada na praça pública. Nesse Prólogo, a palavra é o “pregão”, isto é, o palavrão pronunciado no meio da multidão, saído da multidão e a ela dirigido. O que tem a palavra é solidário do público, não se opõe a ele, não lhe passa sermão, não o acusa, não o intimida, mas *ri* com ele.<sup>27</sup> (grifo do autor)

Embora Bakhtin se referisse a outro contexto, a essência dessa relação entre autor, vendedor, comerciante, negociante, enfim aquele que possui a palavra, ou a produção dos materiais, não parece diferir do sentido que percebemos na obra de Barros, pois seus folhetos eram igualmente anunciados nas feiras, mercados, trens, comércios, contados e cantados com o intuito de atrair os leitores e ouvintes, que geralmente não eram o alvo de suas críticas, mas, assim como a imagem trazida de Bakhtin, ria junto, anuía, comprava e divulgava suas produções, e dispunham de idéias, valores, críticas sociais bastante próximas às dos poeta.

Contudo, se os folhetos de Leandro Gomes, repletos de críticas sociais, causavam admiração e reciprocidade a alguns, particularmente àqueles de camadas sociais mais baixas, suscitavam o desdém e a reprovação de outros, a exemplo daqueles responsáveis pelo controle e manutenção da ordem. Isto nos é relatado de modo inédito por Manoel Monteiro, no folheto *Leandro Gomes: O rei do Cordel*.<sup>28</sup> A quadra intitulada “Têje preso cabra!” relata um episódio abordado por Ruth Brito Lemos Terra em *Memórias de Luta: Literatura de Folhetos do nordeste. 1893 – 1939*. O caso foi resumido assim:

<sup>27</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993, p. 144.

<sup>28</sup> MONTEIRO, Manoel. *Leandro Gomes: o rei do cordel*. Campina Grande: Projeto Paraíba, sim senhor!, 2005.

[...] Contam que já morava aqui no Recife quando um senhor de engenho, indignado com um morador, resolveu aplicar uma sova de palmatória (...) Um dia o senhor de engenho é surpreendido por violenta punhalada vibrada pela mesma mão que levava seus bolos. O poeta Leandro aproveita o caso policial, transformando-o em folheto que era libelo contra o senhor de engenho. Descreve em O PUNHAL E A PALMATÓRIA, com calor e simpatia, a inesperada vindita.

O chefe de polícia, enfurecido com a literatura de Leandro (e a serviço do latifundiário), manda metê-lo na cadeia. Apesar de folgazão, Leandro era homem de muita vergonha e de muito sentimento. E como naquele já distante ano de 1918 a cadeia constituía uma humilhação, à humilhação da cadeia sucumbiu o grande trovador popular<sup>29</sup>

Terra informa que não é possível verificar a veracidade das afirmações relacionadas à prisão e morte do poeta, mas Manuel Monteiro interpreta que Leandro Gomes morreu de tristeza em decorrência da prisão, entendendo que o castigo se mostrou incontornável na vida do poeta, pois “feriu seu peito tão fundo que o ferimento exposto, suas forças consumiu”.<sup>30</sup>

Monteiro lembra ainda que os poetas não gostam de falar da morte de Leandro Gomes, no entanto é interessante notar que sua versão, contada em prosa e verso, difere daquela apresentada por outros estudiosos. É o caso de Ribamar Lopes, que afirma ter sido o poeta vitimado fatalmente pela *influenza*, a terrível gripe espanhola que chegou ao Brasil em setembro de 1918 e vitimou cerca de 300 mil pessoas no país.<sup>31</sup>

Não parece haver evidências que confirmem essa última versão, pois segundo o estudo de Geraldo Maia, a *influenza* chegou ao Brasil em setembro de 1918<sup>32</sup>, enquanto o poeta teria morrido em março do mesmo ano. Versões controversas à parte, é forçoso reconhecer ter sido a morte de Leandro Gomes permeada por mito, que também serviu de mote à criação literária de outros poetas.

Os jornais recifences de grande circulação à época não fazem menção alguma aos episódios acima descritos.<sup>33</sup> Isso nos leva a considerar que talvez o

<sup>29</sup> TERRA, 1983, op.cit, p. 41.

<sup>30</sup> MONTEIRO, 2005, op. cit., p. 16.

<sup>31</sup> LOPES, 1982, op.cit., p. 19.

<sup>32</sup> MAIA, Geraldo. A influenza espanhola. O Mossoroense. Mossoró: 28 jun. 2005. Nossa História. Disponível em: < <http://www2.uol.com.br/omossoroense/mudanca/nhistoria.htm>>. Acessado em: 20 jun. 2006.

<sup>33</sup> Pesquisamos nos jornais *A província*, *Diario de Pernambuco*, *Jornal do Recife* e *Jornal Pequeno*.

poeta fosse representativo apenas no segmento popular do qual fazia parte, sendo desconhecido ou desprezado no ambiente da elite letrada. No entanto, embora haja esse espaço nas produções de sua época, é inegável a contribuição desse autor para a poesia e produção literária popular, sua afirmação e difusão, com ênfase à visibilidade alcançada por segmentos da população, nem sempre privilegiados por outros tipos de fontes.

Atualmente sabemos que, apesar do “desconhecimento” enfrentado por Leandro Gomes durante sua vivência na cidade do Recife, seus folhetos foram fonte para inúmeras reedições, que até hoje são encontradas nas feiras, bancas e comércios de cidades como Recife, Campina Grande, Fortaleza, Feira de Santana, Salvador e inúmeras outras localidades, indicando que possuíam grande aceitação entre o público consumidor, o que pode servir como indicativo para pensar a anuência por parte da população, que comprava, consumia e divulgava tais publicações.

Nessa perspectiva, buscamos contextualizar e acompanhar informações acerca da vida desse poeta, cuja obra servirá de suporte para acompanharmos as relações e tensões ocorridas na capital pernambucana nos primeiros anos do século XX, principalmente aquelas que circundam os sentimentos e valores religiosos. Tentaremos evidenciar algumas das muitas transformações que ocorriam na cidade, para assim entender os sentimentos e posicionamentos do poeta e das pessoas que compartilhavam de suas opiniões. A incursão pela urbe será de muita relevância para que possamos compreender críticas e embates travados por certos segmentos da população, que partiam em defesa de tradições que vinham sendo questionadas e modificadas naquele início de século.

## **1.2. O Recife e o novo século: inovações e olhares de protesto**

A proposta desse tópico é fazer uma imersão sobre a cidade do Recife nas duas primeiras décadas do século XX. Desejamos perceber as relações ali estabelecidas, as mudanças, a injunção de valores que se pretendiam universais, as

imposições e principalmente as reações de determinados segmentos sociais diante das alterações.

No entanto, ao fazer essa aproximação com a cidade, tínhamos que os elementos ressaltados durante a observação das relações e acontecimentos ali vividos ficassem deslocados de nosso objeto e sujeitos de estudo, por essa razão decidimos tomar como base os próprios folhetos de Leandro Gomes de Barros como suporte para fazer essa investida. É como se aceitássemos as provocações oferecidas por esse autor e com elas tentássemos construir nosso próprio guia para percorrer a cidade. Optamos por esse caminho para não correr o risco de contextualizar a cidade a partir de aspectos fortuitos que, talvez, sequer tivessem relação com os sujeitos com os quais estamos dialogando.

Seguindo essa estratégia, acompanhamos principalmente as pistas presentes no folheto *Casamento a prestação*, no qual o poeta perpetra críticas ferrenhas às inovações do “seculo das luzes”, inclusive àquelas que considerava responsáveis pelo “atraso do Brasil”. Nesse folheto, o poeta cita empreendimentos que não paravam de chegar à cidade de Recife, e para os quais lançava seu olhar de desconfiança e reserva. Além dessa narrativa, outros folhetos do poeta também serão utilizados.

No início do século XX, muitas novidades surgidas na cidade do Recife eram alvos constantes dos olhares críticos dos poetas que, atrelados a valores tradicionais e desconfiados do excesso de mudanças, chamavam a atenção, em seus folhetos, para os desarranjos do mundo. Eles censuravam impiedosamente quem ousasse aderir às inovações, compondo narrativas engraçadas e carregadas de crítica social, que geralmente partiam em defesa dos costumes, valores e práticas das quais eram adeptos. Formas de lazer, jogos, novas tecnologias, práticas comerciais, presença de novos sujeitos, e, principalmente, mudanças nos comportamentos, inclusive os religiosos eram alvos corriqueiros das críticas e censuras dos poetas.

O folheto *Casamento a Prestação* e outros folhetos de autoria de Leandro Gomes de Barros estão permeados por críticas e censuras, foram escritos numa época considerada bastante conturbada pelo poeta. No decorrer da narrativa, o seu posicionamento em relação às mudanças físicas estruturais, de princípios e valores

da região fica bastante evidente. O poeta marca sua posição contestante desde as primeiras linhas da narrativa:

O atraso do Brazil  
É esta desunião  
Cinema jogo de bichos  
Automoveis e balão  
Esses Seguros de vida  
E negocio a prestação <sup>34</sup> (sic)

No primeiro verso do folheto, o poeta identifica de forma simples e direta os elementos que considera responsáveis pelo “atraso” por que passava o Brasil. A lista é extensa e inclui o cinema, o jogo do bicho, os automóveis, o balão, o seguro de vida e as compras a prazo, ou à prestação. Eram estes novos fenômenos que pareciam, na visão do poeta, ser os responsáveis pela desagregação social ou, nas suas próprias palavras, pela “desunião” que causava o “atraso do Brasil”.

A narrativa aponta alguns caminhos interessantes de investigação ao indicar a recusa de parte da população em aceitar certos tipos de empreendimentos que chegavam à cidade naquele início de século, e principalmente o estranhamento a esses elementos, até então somente conhecidos por ouvir dizer.

O cinema, primeiro a ser lembrado, pode nos dar algumas pistas sobre os que eram contrários às investidas da “modernização” na cidade, pois foi um dos mais concorridos meios de diversão das camadas urbanas no começo do século passado, sendo também alvo de muita rejeição.

Segundo Raimundo Pereira Alencar Arrais, no livro *Recife, culturas e confrontos*, o cinema exerceu um papel importante ao contribuir para introduzir as camadas populares na renovada vida cidadina. Isto acontecia porque criava a sensação no público de estarem partilhando das conquistas dos tempos modernos. Segundo ele, em pouco tempo as salas dominaram as áreas mais nobres e elegantes da cidade, contribuindo, entre outras coisas, para modificar hábitos antigos, como o de recolher-se antes das nove horas da noite<sup>35</sup>. Intencionalmente ou não, o cinema terminou por influenciar esse costume, já que as variadas

---

<sup>34</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Casamento a prestação / Testamento de Cancão de Fogo. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III, op. cit., p. 136.

<sup>35</sup>ARRAIS, 1998, op.cit p. 50-51.



programações iniciavam às seis e terminavam às dez da noite, sempre com muitas novidades<sup>36</sup>.

O memorialista Mário Sette (1886-1950), escritor autodidata, descreve o “reboiço” que as primeiras salas de cinema causaram na cidade do Recife, com afluência de muita gente às saídas, que se aglomeravam nas calçadas e dificultavam a passagem dos bondes. Sette afirma que as salas de espera ficavam superlotadas e as bilheterias eram concorridíssimas. Lembra ainda que, desde as primeiras apresentações do Cosmorama, o pai fundador do cinema, os mais velhos já observavam as inovações com olhares pouco otimistas. Avessos a tais novidades, avistavam com ar de reprovação ou exclamando que aquilo só podia ser “artes do inimigo!”<sup>37</sup>.

Segundo o memorialista, o advento do cinema em sua versão mais moderna aumentou as possibilidades de lazer. Homens sisudos começaram a regressar aos lares depois das dez horas da noite, o que era considerado um comportamento escandaloso à época, ou melhor, “uma indisfarçável imoralidade”. A atribuição de culpa por esta atitude heterodoxa recaía invariavelmente sobre as salas de cinema, ainda que a sisudez daqueles homens estivesse experimentando outras formas de lazer.<sup>38</sup> O escurinho do cinema também colaborou para ampliar as possibilidades de encontros e namoros menos discretos, o que suscitava a censura de moradores mais antigos e zelosos da cidade, o que o poeta Leandro Barros percebeu como uma invasão de hábitos e costumes dos moradores.

A primeira sala de projeção chegou à capital pernambucana em 1909, recorda Sette, abrindo caminhos para muitas outras. Elas acabariam se espalhando por toda a cidade, mas sob olhares reprovadores que anunciavam prognósticos bastante pessimistas:

- Aquilo não dura dois meses.
- Dura nada! Nem um. Ouvi dizer que no Rio já está esfriando...
- Diversos cinemas fecharam à falta de fregueses.

---

<sup>36</sup>Quase sempre os jornais do período dedicavam uma página inteira à programação a ser exibida nos cinemas da cidade ou faziam colunas para falar sobre suas acomodações. Ver principalmente *A província, Diário de Pernambuco, Jornal do Recife, Jornal Pequeno, O andarilho*.

<sup>37</sup> SETTE, Mário. *Maxambombas e Maracatus*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1958, p. 136.

<sup>38</sup> SETTE, 1958, op.cit., p.139.

- Está visto! Que dirá aqui, hein, *seu* Marcolino? Numa terra destas!
- A mais infeliz do mundo. Com esse govêrno...
- E temos lá gente para ir ao cinema todo dia?
- Maluquices dos Guedes Pereiras.
- Fogo de Palha...<sup>39</sup> (sic)

Certamente o cinema concorria para modificar diversos costumes da população citadina, além de fazer com que o ritmo frenético dessas mudanças fugisse ao controle dos zeladores da moral. Estes últimos pareciam desejar que as condutas não se alterassem de forma irreversível, por isso tomavam partido e torciam pelo insucesso dos novos empreendimentos, que, uma vez falidos, possibilitariam a restituição da pretensa harmonia social. Todavia, as previsões pessimistas não se confirmaram e as salas de cinema se espalharam-se por diferentes pontos da cidade.

Mesmo passados alguns anos da inauguração da primeira sala de projeção, a rejeição a essa forma de entretenimento parecia perdurar. O jornal *O andarilho* de 07 de novembro de 1913 traz uma pequena nota informando que, além dos freqüentadores normais, o cinema atraía também um público inconformado:

“Qual é o desoccupado que no Cinema Olinda no feitosa, dirige pilherias para os freqüentadores do mesmo!...”<sup>40</sup> (sic)

O trecho acima traz indícios de que era possível pessoas da cidade se deslocarem aos locais das salas de cinema para manifestarem censuras aos seus freqüentadores. O jornalista e autor da nota reclama das “pilhérias” proferidas pelo “manifestante”, tanto que o classifica pejorativamente como “desoccupado”. O tempo verbal utilizado pelo periodista – presente do indicativo, “dirige” – indica que aquela era uma ação freqüente dos opositores do cinema.

Outro aspecto digno de nota diante do recorte em discussão é a personificação do problema causado pelo novo entretenimento. A nota registra claramente que o “desoccupado” não disse “pilherias” aos funcionários ou aos proprietários da sala de projeção, mas tão só e generalizadamente aos freqüentadores do mesmo, como se transferisse para esses a responsabilidade pela

---

<sup>39</sup> SETTE, 1958, op.cit., p. 139.

<sup>40</sup> *O andarilho*, Recife, 07 nov. 1913, p. 3.

presença e funcionamento do cinema. O que não chega a surpreender, pois eram os “freqüentadores” que, influenciados pelas modas estrangeiras e os comportamentos “inovadores” projetados nas telas dos cinemas, tornavam-se potencialmente os propagadores mais decisivos das mudanças sociais em curso.

A partir desses argumentos, constatamos alguns dos motivos que levaram o poeta Leandro Gomes de Barros a dirigir recriminações contra o cinema, considerando que estava “tudo pelo avesso”<sup>41</sup>. O poeta partia em defesa de sujeitos apegados a valores tradicionais cujos meios de diversão nada tinham a ver com as novidades que não paravam de chegar.

Em seus folhetos, de vez em quando Barros deixava escapar atividades realmente valorizadas, consideradas meios de diversão, que em sua opinião não causavam problemas em relação à moral ali presente. Referimo-nos aos momentos alegres de cantigas, pelejas, trovas, danças, autos populares, anedotas, bate papos e até mesmo as festas públicas, com conversa jogada fora durante o momento de apreciação de uma boa cachaça.

Embora muitas dessas atividades não fossem mais praticadas na cidade, o poeta não deixava de contrapô-las aos novos empreendimentos de lazer, que traziam mudanças nos hábitos e costumes da cidade, além de modelos de comportamentos, posicionamentos sociais e referências, em sua maioria, vindas do estrangeiro.<sup>42</sup>

Contudo, como já fora citado nos primeiros versos da narrativa *Casamento a prestação*, o cinema não era o único responsável pelas “desordens da nação”. O jogo do bicho era outro divertimento público que entrava no rol dos “desordeiros”, sendo também digno de reprovação.

No início da pesquisa não conseguimos visualizar as relações do jogo do bicho com aspectos da modernização do Recife, ou seja, elementos e caminhos propostos por esse movimento que estivessem em oposição aos antigos valores e práticas já consolidadas no início do século passado. Contudo, ao atentar para os

---

<sup>41</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As cousas mudadas / História de João da Cruz. In: *Antologia Leandro Gomes de Barros - 2.op.cit.*, p. 284.

<sup>42</sup> Mário Sette informa sobre os atraentes filmes da Ambrósio, Gaumont, Éclair, Nordisque, fábricas francesas, italianas e dinamarquesas que produziram grandes sucessos cinematográficos, que, reproduzidos no Recife ajudavam a inventar comportamentos e modas, como o beijo tipo zepelin: compridos e amarrando à torre dos lábios para demorar. SETTE, 1958, op.cit., p. 140.

indícios e as curiosidades que foram emergindo sobre sua relação com a cidade, insistimos em seguir a pista, rastreando o jogo nos folhetos de Leandro Gomes. Adiantamos que essa temática é bastante sugestiva para a pesquisa, não somente por que ampliou as possibilidades de análise sobre as transformações citadinas, mas particularmente por que descortinou uma teia de confrontos entre saber popular e outros saberes, bastante evidente nas brochuras do poeta.

Presente no Brasil desde os primeiros anos da República, o jogo do bicho possuía no Recife caráter informal e constituiu-se fonte de criminalidade. De acordo com Raimundo Arrais, algumas autoridades policiais tentavam controlar essa contravenção, mas tal intenção resultava ineficaz, pois, como era sabido, até as autoridades policiais de várias patentes jogavam.<sup>43</sup>

Pesquisando jornais dos primeiros anos do século XX no Recife, não é raro encontrarmos colunas como essa:



Figura 2 – “Infallíveis da semana” palpite oferecido pelo jornal *O periquito* a apostadores do Jogo do Bicho.

<sup>43</sup> ARRAIS, 1998, op. cit, p. 73.

A coluna, extraída do jornal *O Periquito*<sup>44</sup>, faz clara referência ao jogo do bicho através de imagens e números correspondentes a três grupos de animais que compõem o conjunto de possibilidades de apostas. O jornal recomendava um palpite para aqueles jogadores que, certamente, ficavam atentos às sugestões de grupos, dezenas, centenas, milhares, que pudessem favorecer a sua sorte durante a semana, que possuía uma temporalidade independente, contada de quinta-feira a quinta-feira. Na tabela oferecida, há um palpite muito comum entre os apostadores do bicho, pois cerca alguns animais começados com a letra c – “cabra”, “cavalo” e “cobra” –, jogada muitas vezes reproduzida pelos apostadores. Importante destacar que *O Periquito* não era o único periódico do Recife a oferecer essas tabelas. O periódico *Jornal Pequeno* também chegou a publicá-las durante algum tempo — numa espécie de cerco aos bichos no papel.<sup>45</sup>

Renato Carneiro Campos, em seu livro *Ideologia dos poetas populares do Nordeste*, afirma que essa modalidade de jogo era forte em Pernambuco, sendo retro-alimentado pelo sonho do trabalhador de ganhar algum dinheiro extra que, ao menos por certo tempo, melhorasse a sua situação econômica. Dinheiro que desse para comprar uma roupa nova, um chapéu, um sapato,

Arriscam sempre os matutos – velhos, homens, mulheres e até meninos. Esperam que uma alma do outro mundo lhes indique a milhar do dia ou o lugar onde esteja enterrada uma botija. Acreditam que os sonhos tanto podem ser bons, indicando o caminho da sorte, como também aziagos e de maus presságios. Traduzem as imagens do sonho pela semelhança com animais ou alguma coisa que tenha relações com eles [...] há bichos que trazem sorte como há outros que sugerem desgraça.<sup>46</sup>

Apesar de possibilitar um “dinheirinho extra”, que eventualmente tirasse o sujeito do aperto, o jogo do bicho nem sempre era visto com bons olhos naquela sociedade de início de século. Em muitos jornais da época era freqüente a associação de bicheiros com atividades escusas ou prática de atos condenáveis. Observemos, por exemplo, essa nota extraída do jornal *O Andarilho* de 1913,

<sup>44</sup> *O Periquito*. Recife, 24 Jan. 1902, p. 8.

<sup>45</sup> MOTA, Mauro. *O jogo do bicho*. Jangada Brasil: e o Bicho vai pegar. Ano VIII, edição especial, N° 88, Mar de 2006. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco88/especial26.asp>> 20 mar. 2007.

<sup>46</sup> CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. Recife: MEC-INEP – Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, 1959, p. 33.

A minha Arara diz:

Que o conhecido bicheiro Arnaldo Leite tem ultimamente sido visto n'um estado de completa embriaguês, transitando pelos beccos immundos de Santo Antônio beijocando as meretrizes que da janella lhe dirigem gracejos.<sup>47</sup> (sic)

O periodista faz, pelo menos, duas associações entre o bicheiro e atitudes consideradas socialmente reprováveis. A primeira delas se refere ao uso freqüente de bebida alcoólica, já que Leite era visto “ultimamente” em estado de “completa embriaguês”, ou seja, deixa margem para que a figura do bicheiro fosse associada ao descontrole causado pela bebida. O tom da nota enfatiza a imagem de um bêbado, marginal que ocupa lugar de indisciplina, solto pelos becos da cidade, sem qualquer preocupação com o recato.

A nota faz referência ainda à prostituição, deixando implícito que o bicheiro não se preocupava com a moral social daquela sociedade que se desejava moderna, freqüentando abertamente locais de baixo meretrício, que o jornal adjetivava de “immundos”, portanto, passivos de censura.

Apesar de ser uma pequena nota, cujo tom era desqualificar através da fofoca, já que a frase “A minha arara diz” sugere ter chegado ao conhecimento público através de boca-a-boca ou de ouviu dizer, a reportagem aponta as razões para que o jogo do bicho fosse visto com reprovação pelos leitores. Em apenas um parágrafo, a reportagem identifica o bicheiro à marginalidade, relacionando ao mesmo tempo sua imagem ao jogo, álcool e prostituição.

Mas, voltando a outros folhetos de Leandro Gomes, percebemos que o jogo do bicho volta a aparecer sempre retratado com desaprovação. O poeta reforça constantemente seu posicionamento em defesa da tradição e dos antigos costumes, e, sempre que tem oportunidade, condena a atividade do jogo, que para ele havia se alastrado em meio à população. Nesse sentido podemos observar, por exemplo, a capa do folheto *Doutores de 60*, que provavelmente foi escrito entre 1911 e 1914.

---

<sup>47</sup> *O andarilho*, Recife, 29 Dez. 1913. p 2

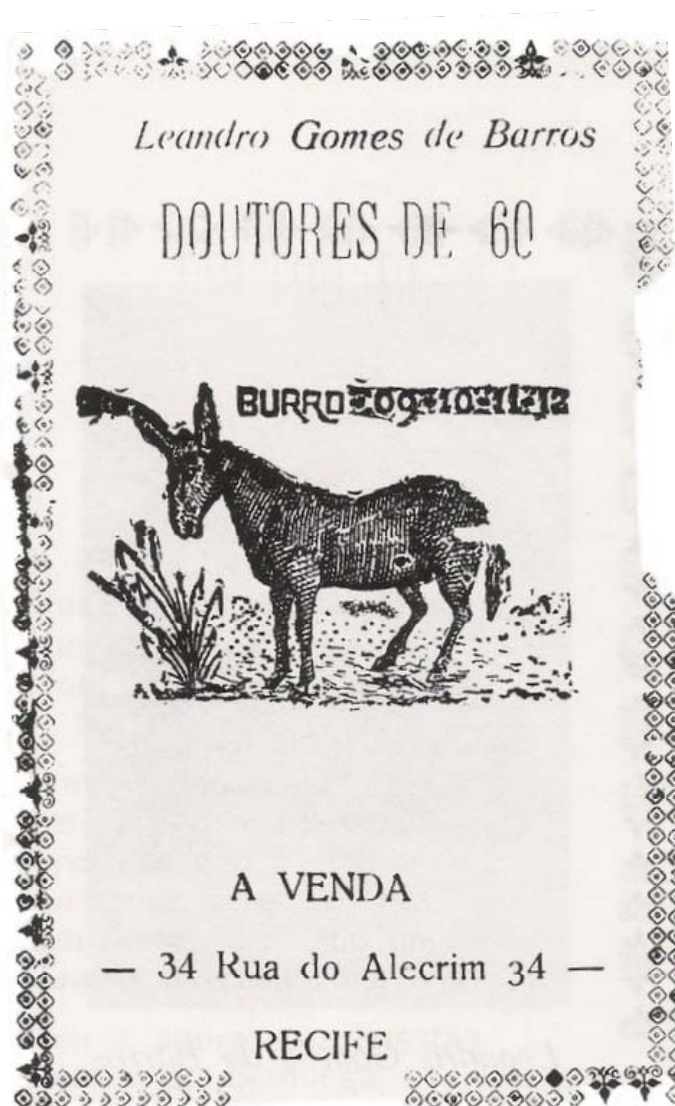


Figura 3 – Capa do Folheto *Doutores de 60*

Em sua narrativa, o poeta novamente se mostra descontente com as “inovações” do século e aponta suas armas contra mais um dos “males da modernidade”, dessa vez compra briga com os médicos da cidade. Na história denuncia a formação de alguns “doutores” que, através da compra de diplomas no Rio de Janeiro, retornavam ao Recife para desempenhar a medicina de maneira improvisada e perigosa, cometendo erros absurdos devido à falta de preparação para o exercício da profissão.

Em uma breve observação sobre a capa do folheto, observamos logo abaixo do título *Doutores de 60* a palavra “burro”, juntamente com a gravura de um burrinho, caracterizado por orelhas compridas e cabeça volumosa. A capa sugere, portanto,

ao leitor da escrita e da imagética, uma síntese da narrativa poética, que procura estabelecer estreita relação entre os doutores que compravam os diplomas e os burros, geralmente identificados como preguiçosos, teimosos e de pouca inteligência.

Observamos que ao lado da palavra “burro” há quatro números registrados 09,10,11,12, justamente as dezenas que representam o animal no jogo do bicho. Um olhar apressado sobre a capa desse folheto poderia supor que, apesar de ácidas críticas às inovações e modernidades, conforme aquelas dirigidas ao jogo em questão, o poeta entrava em aparente contradição ao divulgar as dezenas correspondentes ao animal na capa de seu folheto, e terminava por fazer alusão ao sorteio, ajudando a difundi-lo entre os praticantes.

No entanto, ao observarmos mais atentamente o conteúdo da história narrada, encontramos em todo o seu conjunto apenas uma alusão ao jogo do bicho, localizada na última estrofe da narrativa, concluída da seguinte forma:

Por isso não sou dotor,  
Sustento isso a capricho  
O dinheiro' de um diploma,  
E' melhor botar no lixo  
Talvez aproveitasse mais  
Jogando tudo no bixo<sup>48</sup> (sic)

Com efeito, ainda que a capa fizesse alusão ao jogo do bicho, o conteúdo se mostrava bastante crítico já que relacionava de maneira contundente o gasto com a aposta a um dinheiro desperdiçado, “jogado no lixo”. Constatamos assim que a posição do autor se mantinha negativa em relação a essa modalidade de jogo, mesmo quando ‘brincava’ com as dezenas do animal na capa de seu folheto.

Assim, a narrativa do folheto *Doutores de 60* não é importante apenas por demonstrar a posição do poeta em relação ao jogo do bicho, considerado como mais um “causador do atraso da nação”. O folheto é também singular por inserir em sua abordagem uma discussão sobre elementos significativos para as transformações da capital pernambucana. Referimo-nos especificamente às transformações médicas e

---

<sup>48</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Doutores de 60*. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1980, p. 149.



sanitárias ocorridas na cidade. Estas foram agregadas ao rol de enfrentamentos compreendidos pelo poeta, principalmente através das críticas direcionadas aos seus principais representantes: os médicos.

No folheto, Leandro Barros trava uma peleja engraçada, reforçada por muita anedota e zombaria, na qual enfrenta seus opositores, desnudando pontos vulneráveis e frágeis de sua profissão, no intuito de compor uma caricatura daquilo que seria o aparato médico-sanitário da cidade. No folheto *Doutores de 60*, o enfrentamento aos novos saberes que se organizavam com a nova constituição da cidade é declaradamente exposto através da apresentação satírica e irônica sobre as insuficiências da formação de alguns profissionais da saúde, e, em decorrência disso, suas práticas pouco confiáveis.

Observamos desde o princípio da história o modo como o poeta arquiteta o desenrolar de sua narrativa, deixando bem clara sua opinião sobre alguns médicos da cidade:

Porque a coisa pençada  
Peresse até um revez,  
Criaturas que só faltam  
Andarem de quatro pés,  
Um desses diz: sou doutor  
Graças a secenta mil reis.

Deu-se agora uma questão  
Com o dr. berduega,  
Quem disse foi o pae d'elle  
Creio que o velho não nega  
Um burro passou por elle  
Disse: bom dia colega.

O dr. lhe disse burro  
E's dos irracionaes,  
O burro então perguntou-lhe  
Collega o que é que quer mais  
Somos diferentes em corpos  
No saber somos iguaes

O dr. disse-lhe burro,  
Então não sabes quem és?  
Es um animal estúpido  
So andas de 4 pés  
O burro disse eu custei,  
Duzentos e dez mil reis <sup>49</sup>(sic)

---

<sup>49</sup> Barros, Leandro Gomes de. *Doutores de 60*. In: *Antologia Leandro Gomes de Barros -3.op. cit.*, p. 141-142.

O folheto expõe de maneira jocosa e engraçada possíveis estranhamentos dos moradores da cidade com os médicos e sua formação acadêmica débil, cujo exercício profissional era caracterizado por pouca teoria e nenhuma prática. Na opinião de Barros, os doutores prescreviam tratamentos tão estranhos, executados de maneira bizarra e até mesmo equivocada, que nem mesmo eles tinham certeza da eficácia, no entanto, sempre permeados por intenções de lucro.

No pequeno recorte dos versos em destaque, notamos que o poeta demonstra muita criatividade ao traçar um paralelo entre os médicos da cidade e os burros, deixando explícita a crítica social direcionada aos profissionais da saúde. A brochura também nos aproxima de sujeitos que desempenharam atividades relevantes naquele momento de transformações na cidade, e que, por essa razão, terminavam sendo alvo constante de austeras críticas formuladas por alguns segmentos da população.

É assaz curioso o modo como o poeta pretende difundir a figura do médico na imaginação de seus leitores, ao identificá-lo com uma planta muito comum no Norte e Nordeste do Brasil: “Dr. Berduega”. A beldroega é também denominada popularmente como bênção-de-deus, capanga, bredo, caruru, língua-de-vaca, maria-gomes, maria-gorda, ora-pro-nobis. O termo científico é *Talinum paniculatum*<sup>50</sup> e se caracteriza por ser uma planta invasora de outras culturas, nasce em qualquer tipo de solo, reproduz-se facilmente e, principalmente, é resistente às mais extremas mudanças de ambiente. A beldroega é uma espécie de erva daninha, que nasce em qualquer lugar e pode servir para alimentar tanto pessoas como animais.

Diante disso, podemos arriscar que o poeta estivesse inconformado com a atuação dos médicos, considerando-os como seres irracionais e sem valor, ou melhor, menos racionais e valiosos que o burro. Percebemos que o autor da poesia constrói, sutilmente, uma expectativa de que, através do seu folheto, ao satirizar certas práticas e comportamentos médicos, pudesse chamar atenção de seus leitores, denunciar e apresentar mecanismos para vigiar, criar procedimentos que, de certa forma, contivesse uma possível expansão dessa categoria pela cidade.

---

<sup>50</sup> LORENZI, H., ABREU, M.F.J. *Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas*. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

Não obstante, o poeta vai além de nomear o seu opositor com o nome de erva daninha, pois, durante o diálogo efetuado com o burro, percebemos as formas que encontrava para privilegiar o animal com respostas prontamente aptas a desqualificar o “doutor”. Um exemplo dessa afirmação se refere ao momento em que o burro cumprimenta o médico e este se ofende, enfatizando a irracionalidade do animal. Notamos que, durante a réplica, o burro em momento algum nega sua irracionalidade, mas afirma que em matéria de saber eram iguais, ou seja, ambos irracionais. Evidenciamos por meio da sinuosidade dos diálogos as intenções do poeta em diminuir o doutor, fazendo-o perder uma discussão até mesmo para um burro, que insiste em afirmar que, mesmo com sua estupidez ou irracionalidade, ainda assim valia mais que o médico.

Nesse trecho o poeta expõe de forma pontual o enfrentamento aberto entre o saber popular e o saber acadêmico, evidenciando que não estava desatento às redes de transformações por que passava a cidade, que se apoiava muitas vezes nos discursos dos médicos para legitimar as mudanças que eram impostas à população. O poeta assume o lugar daqueles que muitas vezes eram negados durante esse processo de “limpeza” urbana que, respaldada pelo discurso da higienização, varria essas pessoas do centro, impunha-lhes sanções e regras que se opunham a tudo aquilo que elas consideravam correto.

Esse confronto declarado direcionado ao médico nos faz indagar os motivos que levariam esse poeta, ligado aos problemas e vivências da população, a escrever uma narrativa que em seu conjunto fazia duras críticas à formação dos médicos e ao modo como exerciam a profissão. Até aqui é possível perceber que o poeta não estava muito contente com a atuação desses profissionais. Mas por que os considerava ‘invasores’, e os comparava a uma erva daninha? Por que sentia que os médicos se alastravam? Que acontecimentos da cidade o instigavam a assumir essa batalha declarada aos médicos através desse mote para compor essa narrativa poética? Quais teriam sido as causas que levariam o poeta a caracterizá-los como irracionais, ignorantes, e questionar através de sátiras os conhecimentos e tratamentos que ministravam?

Diante desses questionamentos, decorridos de uma leitura atenta do folheto *Doutores de 60*, vemos a necessidade de investigar a presença e atuação dos

doutores naquele período, e assim tentar compreender alguns motivos da hostilidade declarada a esses profissionais. Essa investigação é relevante para entender o contexto no qual os saberes médicos influenciavam no processo de transformação da cidade.

Ao pesquisar periódicos da época, encontramos algo sintomático sobre a presença dos doutores a partir das notas publicadas nos jornais de grande circulação, pois o número de médicos e tratamentos oferecidos é algo considerável. Em uma única edição de oito páginas do *Diário de Pernambuco*, de 1918, encontramos quarenta e seis anúncios classificados de médicos, ofertando variados tratamentos, além de trinta e uma opções de medicação para diferentes problemas de saúde, somando setenta e sete referências relacionadas à saúde.<sup>51</sup>

Os números presentes na edição não parecem insignificantes, pois, se calcularmos uma média entre todas as propagandas que aparecem nas oito páginas do veículo de comunicação, percebemos que nenhum outro assunto possuía tantos anúncios quanto aqueles relacionados à saúde pública. A quantidade de médicos, bem como as ofertas de tratamento nos jornais são indícios da forte presença, atuação e relevância desses profissionais na cidade.

Na referida edição do *Diário de Pernambuco*, é possível encontrar diferentes aspectos da presença dos médicos na cidade do Recife, desde os simples anúncios sobre mudanças no seu cotidiano de atendimento, às listagens elaboradas sobre diferentes clínicos especialistas e as doenças tratadas por eles.

Utilizando-se do mesmo expediente, o Dr. Victor de Moura apresentava seus serviços médicos, juntamente com muitos outros profissionais. Nessa ocasião, oferecia terapêutica para “moléstias dos órgãos genito-urinários, syphilis e partos”. Outro médico, o Dr. Lins e Silva anunciava tratamentos para “moléstias das creanças, vias urinárias, da pele e syphilis”, assim como o Doutor Ladislau Cavalcante, especialista em “Syphilis e moléstias de creanças”. Muitos outros profissionais das áreas médicas também ofertavam tratamentos para as mais variadas enfermidades: “molestias internas, doenças nervosas, mentais, molestias de senhoras e creanças, cirurgia geral nas vias urinárias, syphilis, tratamentos da

---

<sup>51</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 04 mar. 1918, passim.

cabeça, coração, rins, bexiga, estômago, coração, olhos, garganta, nariz e ouvidos, erysipela, febre typhoide”, dentre muitas outras.<sup>52</sup>

Considerando-se o número de profissionais que ofereciam os seus serviços, receitavam e assinavam os medicamentos, bem como o amplo espaço dedicado aos aspectos de saúde no jornal, vemos que em 1918 o número de profissionais da área médica na cidade crescia rapidamente. Talvez, por isso, não fosse por acaso a comparação, nos folhetos de Leandro Gomes de Barros, com a “berduega”, planta que crescia ligeiramente e se alastrava sem controle algum.

Embora beirando a chegada dos anos 1920 fosse tão fácil encontrar e mapear os serviços oferecidos pelos médicos através dos jornais de grande circulação, é importante salientar que os médicos nem sempre foram categoria numericamente representativa na região. Na verdade, durante todo o século XIX, a cidade do Recife não tinha tantos desses profissionais, possuindo, ao longo de todo o período, pouco mais de 102 doutores.<sup>53</sup>

No entanto, com a formação e retorno de muitos profissionais que estudaram nas escolas de medicina do Rio de Janeiro e de Salvador, o número de clínicos foi ampliado gradativamente. Isso se deu, principalmente, a partir dos primeiros anos do século XX, quando retornavam à cidade e atuavam juntamente com seus colegas de profissão em diferentes esferas da saúde pública.

A presença desses profissionais de saúde contribuiu de forma cada vez mais intensa para controlar os hábitos da população, principalmente porque nesse período as questões de higiene pública estavam na pauta das discussões sobre os problemas da cidade e os médicos exerciam um trabalho incisivo e marcante na disciplinarização da população.

É importante notar que, desde meados do século XIX, a capital de Pernambuco era constantemente assolada por epidemias, chegadas através do porto. Embora trouxesse benefícios comerciais para a cidade, as docas também

---

<sup>52</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 04 mar. 1918, passim

<sup>53</sup> LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. *Cidade São, corpo São: Urbanização e saber médico no Recife (Final do século XIX, início de século XX)*. 99f. 1996. Dissertação de Mestrado em História - Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

eram portas de entrada para inúmeros surtos de diferentes doenças, como varíola, febre amarela, sarampo, coqueluche, *influenza*, dentre outras.<sup>54</sup>

Os altos números de mortalidade causada pelas doenças faziam com que o Recife fosse apelidado de “cidade bombainizada” ou “cidade da morte”.<sup>55</sup> Assim, o médico sanitarista Octávio de Freitas, desde o século XIX, muito se destacou na atuação junto à higiene pública e apresentava indicações que ajudavam a entender alguns problemas sanitários da cidade. Segundo esse médico, a situação higiênica da capital era agravada pela sua situação geográfica, quase ao nível do mar; pelas galerias de esgotos mal construídas; péssimo serviço de limpeza e remoção dos dejetos domésticos; ruas estreitas e mal traçadas; condições precárias dos pobres que habitavam mocambos e cortiços.<sup>56</sup>

As preocupações com a higiene eram expostas por certos segmentos sociais que durante algum tempo se manifestavam nos jornais do período através de sátiras como esta publicada no periódico *Lanterna Mágica* de 1903.<sup>57</sup>



Figura 4: Sátira publicada no Periódico “Lanterna Mágica” sobre as epidemias que assolavam a cidade do Recife.

<sup>54</sup> LOPES, 1996, op.cit, p. 48-50.

<sup>55</sup> Ibid., p. 50.

<sup>56</sup> FREITAS, Octavio de. *Do registro sanitário das habitações*. Memória apresentada ao Congresso Médico Pernambucano. Recife. Imprensa Industrial, 1909 apud LOPES, 1996, op. cit., p. 39.

<sup>57</sup> *Lanterna Mágica*., Recife, 10 Jul. 1903. Ano XXII, Número 736, p 4.

As sátiras, bastante comuns nos periódicos da cidade, zombavam das autoridades políticas e seu desgoverno diante de epidemias que se sucediam na região, como a de peste bubônica, adjacente à epidemia de febre amarela. Na gravura vemos representações de epidemias que conversam aparentemente em tom amigável, discutindo qual das duas teria maior impacto no próximo surto, com a ressalva de que a febre amarela parecia bem mais confiante!

Os jornais cobravam providências da administração pública para efetivação de ações decisivas no combate às doenças, bem como maior atenção às reformas sanitárias. Políticos, engenheiros, intelectuais, médicos e demais representantes da administração pública discutiam as necessidades de reformas, já adotadas em outros estados, principalmente na capital do país, e constituíam referência para a tão pretendida modernização.

Nesse contexto, nas primeiras décadas do século XX, um dos principais requisitos desejados pela elite política e intelectual para que a nação atingisse a “grandeza” e “prosperidade” dos “países mais cultos” era indubitavelmente a solução dos problemas relacionados à higiene pública.<sup>58</sup> Acerca do processo de difusão da nova ordem de “modernização”, “limpeza” e “embelezamento” nas cidades, Cátia Wanderley Lubambo em seu livro *Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero* explica que:

Nos espaços urbanos, onde a nova ordem se propagou com mais intensidade e rapidez, tornou-se oficial a urgência do saneamento e da higienização. Formalizaram-se, nesta época, as Políticas Sanitaristas e os Planos de Saneamento nas principais cidades do País. Neste ímpeto, assume a Direção Geral da Saúde Pública, em 1903 (Governo de Rodrigues Alves) Oswaldo Cruz, permanecendo no cargo até 1909. Recém chegado da Europa, médico e sanitarista brasileiro, Oswaldo Cruz, orientou as pesquisas de medicina experimental, reformulou o Código Sanitário, a partir de estudos sobre as condições sanitárias em várias partes do País e

---

<sup>58</sup> Sobre os processos de urbanização e Higienização adotados em outros estados, principalmente no Rio de Janeiro, ver principalmente CHALHOUN, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984. Na Bahia, ver FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1987-1930*. Salvador: EDUFBA; Universidade Federal da Bahia. Centro de estudos Baianos, 2002; LEITE, R. C. *E a Bahia Civiliza-se...: em um contexto de modernização urbana Salvador 1912-1916*. 139 f. Dissertação de Mestrado em História Social - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996; ALBUQUERQUE, Wlamira R. de. *Algazarra nas Ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923)*. Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

colocou a Diretoria Geral da Saúde Pública a frente da campanha contra a varíola, a peste bubônica, a tuberculose, a malária e a febre amarela no Rio de Janeiro.<sup>59</sup>

A dianteira desse processo de saneamento e higienização foi tomadas pela Capital Federal, que se tornou uma das pioneiras no processo de urbanização e reforma, objetivando tornar-se uma metrópole moderna. Os governos do presidente Rodrigues Alves e do prefeito Pereira Passos tomaram as mudanças que transformaram a cidade em verdadeiro emblema da Nação. Os vícios, pobreza, doenças e outras “mazelas” foram varridos para a periferia, com o propósito de deixar o centro com aparência de urbe moderna. A reforma também pretendia mudar costumes e criar uma nova mentalidade, voltada para o progresso<sup>60</sup>. Para executar essa política, um consentimento especial foi dado aos médicos, que, a exemplo de Oswaldo Cruz, assumiam funções públicas determinantes no processo de modificação e higienização da cidade.

No Recife as discussões sobre as reformas foram bastante acirradas desde a época do império, principalmente diante da necessidade de ampliação e melhoramento do porto, que há muito tempo já não correspondia às demandas. Contudo, foi somente sobre a égide política de Rosa e Silva, nascido em Recife e tornado vice-presidente entre 1898 e 1902, que o processo foi acelerado. De acordo com Lubambo:

[...] Rosa e Silva era tido como um autocrata rico e cosmopolita que governava Pernambuco à distância, do Rio de Janeiro, ou o fazia do Porto, a bordo dos navios em que ia para a Europa ou voltava da Europa para a sua casa, na Capital Federal. Evitava vir a Pernambuco e desprezava o Nordeste por considerar pouco civilizado.<sup>61</sup>

Apesar de sua distância, o político lançou mão de sua grande influência e se tornou um intermediário entre o Recife e a Capital Federal, buscando acirradamente realizar a reforma da sua cidade. As reivindicadas reformas infra-estruturais foram iniciadas no Recife a partir de 1908, com diversas ações empreendidas para

---

<sup>59</sup> LUBAMBO, Cátia Wanderley. *Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero: A reforma urbana do início do século XX*. Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991. p. 80.

<sup>60</sup> CHALHOUB, 1984, op.cit., p. 35.

<sup>61</sup> LUBAMBO, 1991, op. cit., p. 103.



reformatar o porto e acabou se constituindo no embrião das amplas modificações urbanas da cidade:

Analogamente ao projeto de Melhoramentos no porto, [...] o debate sobre uma Reforma Urbana no Bairro do Recife seguramente tornou-se cotidiano, a partir do momento em que a reforma urbana na Capital Federal apresentou-se uma configuração bastante expressiva daquela mudança que se operava no País. Contudo, não se pode entender a Reforma no Recife como um exemplar de um modismo nacional, só com base na avaliação dos interesses daqueles que encabeçaram a idéia e de todos os outros envolvidos, é que se evidenciarão as suas justificativas.<sup>62</sup>

No que tangia às mudanças físicas da cidade, as transformações ocorreram de acordo com as pretensões dos reformadores, pois, sempre que se fazia necessário, o processo de desapropriação, demolição, alargamento, planejamento e edificação eram precedidos pela força a fim de acelerar a conclusão das obras. Obviamente, tudo era feito sob o crivo da lei, que também se adaptou, quando necessário:

[...] o plano de Reforma do Bairro do Recife propunha um grande número de desapropriações, tanto nos trechos onde seriam rasgadas novas avenidas, quanto naqueles onde seriam alargadas ruas antigas e onde seria aberta a avenida do cais. É interessante observar que o ônus que tais desapropriações adicionariam ao custo das obras não parece ter constituído entrave maior à execução dos serviços. É que, na realidade, com as alterações imprimidas “oportunamente”, durante a reforma da Capital Federal, a “LEI DAS DESAPROPRIAÇÕES”, o projeto de Reforma no Bairro do Recife teve seu custo reduzido.<sup>63</sup>

Conforme Lubambo, as desapropriações e demolições eram feitas muito rapidamente, pois a própria lei permitia uma redução no cálculo das indenizações a serem pagas aos ex-proprietários. Por outro lado, eram excluídos do ressarcimento prédios considerados “ruinosos”. Nessa categoria, poderiam ser enquadrados inúmeros “pardieiros”, ocupados por oficinas, mocambos, pequenos estabelecimentos comerciais e casas de cômodos. Era comum que a demolição desses prédios ocorresse sob a justificativa de “insalubridade”, atestada pela Comissão de Saneamento. Tal justificativa foi usada para que diversas construções

---

<sup>62</sup> LUBAMBO, 1991, op. cit., p. 98-99.

<sup>63</sup> Ibid., p. 105.

fossem demolidas, mesmo estando fora dos limites físicos aprovados para desapropriações.<sup>64</sup>

No lugar dos prédios demolidos surgiam novas e caras construções e seus antigos moradores invariavelmente tinham que se mudar para os arrabaldes da cidade, juntamente com grande parte da população que chegava fugindo das crises e secas do interior do estado. Essa população pobre, que possuía representantes como o poeta Leandro Gomes de Barros, tinha que enfrentar, além da especulação imobiliária, crescente com a urbanização, também uma ofensiva contra seus hábitos e costumes, que se tornaram alvo constante dos reformadores.

Nos relatórios de saneamento da cidade do Recife, produzidos pelo engenheiro sanitário Francisco Rodrigues Saturnino de Brito (1864-1929), que empreendeu obras de reformas sanitárias na cidade a partir de 1910, havia reclamação constante contra o que chamavam de “má vontade” e “antipatia injusta” da população.<sup>65</sup> O sanitário e aqueles que trabalhavam nas reformas não mediam esforços para cumprirem suas proposições, mesmo que tivessem que impor à força os referenciais a serem seguidos.

No entanto, a ofensiva médico-sanitária era contestada pelos segmentos mais pobres que se sentiam invadidos e mostravam sua indignação diante das medidas de higienização,

Anda tudo apavorado  
Aqui pela capitá;  
É a puliça sanitara  
Que ta dando o que fala.

Intope inté as cacimba  
E quebra os jarro de frô;  
Tira as cortinha de asa  
Pur orde de seu dotô.<sup>66</sup> (sic)

Os versos recortados do jornal *A Lanceta* se referem às visitas domiciliares empreendidas pela campanha da Inspeção de Higiene Pública do Recife, realizada em 1912, que objetivava remover, através da limpeza pública, tudo que fosse

<sup>64</sup> LUBAMBO, 1991, op. cit., p. 106.

<sup>65</sup> BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. *Saneamento de Recife: descrição e relatórios*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1942, p. 9-10.

<sup>66</sup> LEMOS FILHO. *Clã do açúcar*, Recife 1911/1934. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960. p. 38 apud LUBAMBO, 1991, p. 81.

considerado insalubre nas habitações. Contudo essa “limpeza” era realizada mediante a invasão dos domicílios independente do consentimento de seus proprietários.

Logo, ao observamos a expressão “anda tudo apavorado aqui pela capitá”, surpreendemos o sentimento de insegurança que tomou conta de alguns grupos de moradores do Recife. Naquela conjuntura na qual se tentava instituir uma forma de prevenção contra a ofensiva de doenças historicamente presentes na cidade, havia receio e temor diante das medidas governamentais que, através do poder de polícia, impunham posturas, intrometiam-se nos lares, desapropriavam habitações, e faziam obras, nem sempre discutidas ou negociadas com a população.

Podemos compreender o desespero do poeta, ao reclamar do entupimento das cacimbas, já que essas representavam, muitas vezes, a única fonte de água limpa das famílias que sofriam com problemas de abastecimento. O fornecimento de hídrico se dava por meio de transportes realizados por canoas ou canos feitos de chumbo.<sup>67</sup> Sendo assim, não parecia impropriedade tanto apavoro na cidade, visto que, antes mesmo de resolver o grave problema do abastecimento da água, os grupos políticos tomavam medidas autoritárias e entupiam cacimbas, sem ao menos discutir prioridades, ou dar maiores esclarecimentos sobre as medidas preventivas realizadas pela polícia sanitária.

Chama atenção o último verso do trecho publicado no jornal, no qual o autor parece identificar o responsável por todos os problemas causados pelas medidas sanitárias empreendidas na cidade. Tudo acontecia “Pur orde de seu dotô”. Novamente o médico aparece à frente das investidas da “modernização”, logo, não é de estranhar a assertiva feita em *Doutores de 60* de que esses profissionais se proliferavam como uma erva daninha.

Sem dúvidas, as reformas urbanas criaram um clima de efervescência civilizadora, que incitava a população a seguir uma lógica de práticas, atitudes e valores diferentes daqueles a que estava acostumada. Mas muitos não deixavam de manifestar certa desconfiança e pessimismo em relação às perspectivas abertas pelos civilizadores do novo século:

---

<sup>67</sup> Sobre a contaminação da população por chumbo ver principalmente PARAÍSO, Rostand. *Esses Ingleses*. 2ª ed. Revista e Ampliada. Recife: Bagaço, 2003, p. 164 e LOPES, 1996, op. cit., p. 28.

Este anno é o anno da cigarra  
 Este ceculo das luzes é tão escuro!  
 Vejo um rio se encher de sangue puro  
 E o mar civilisado ir fazer barra.

A miseria com desdem no mundo esbarra  
 O desastre diz garboso, estou seguro  
 Ja rasguei as vestes do futuro,  
 E o meu curso de heroe ninguém esbarra.<sup>68</sup> (sic)

Diante das incertezas, do “presente” e também dos tempos vindouros, o poeta Leandro de Barros não se cansava de contestar o mundo “civilizado” no qual vivia e expressar seu pessimismo com relação aos “novos tempos”. Escreveu esses versos no poema *A Urucubaca*, que registra o seu pouco entusiasmo em relação ao ano de 1915, em decorrência dos conflitos gerados pela Primeira Guerra Mundial e seus resultados para a cidade do Recife.

O poeta repete a sua opinião sobre o século XX, insistindo no trocadilho que reafirmava sua contestação aos “novos” tempos: “este ceculo das luzes é tão escuro!”. Posiciona-se na defensiva com relação aos resultados da guerra que foram comemorados pelas elites políticas e culturais como “conquistas da civilização”, expansão dos avanços tecnológicos, reviravoltas e redefinições das relações de poder a nível internacional.

Nesse sentido, o novo século trazia mudanças significativas que iriam transformar os modos de vida de amplos segmentos da sociedade, e que foram materializados nas inovações tecnológicas, urbanas, médicas, ideológicas e políticas, afetando os mais diferentes campos da existência humana. As novidades criadas e difundidas à época se alicerçavam na idéia de que ser moderno era economizar tempo, dinheiro e energia.

Assim, a rapidez, ou melhor, a velocidade se tornou uma das principais características da modernidade, fazendo com que, por vezes, fosse considerada a mais importante do ser civilizado.<sup>69</sup> Atento a ícones dos novos tempos, não por acaso, os automóveis e os balões, meios de transporte que impunham ritmos,

<sup>68</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A crise atual e o augmento do sello/ A urucubaca / O antigo e o moderno. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2.op.cit., p. 317.

<sup>69</sup> SILVA, J. P. Asas cobrem os céus. In: XXII Simpósio Nacional de História, 2003. Livro de resumo-XXII Simpósio Nacional de História: história, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH/UFPB, 2003, p. 198.

dinâmicas urbanas, disciplinas laborativas e corporais, características de novas cadências e descompassos estabelecidos nas tensas relações de grupos de moradores do Recife, já haviam sido percebidos pelo poeta.

Essas duas novidades deram muito o que falar no “ceculo das luzes”. Ao longo de todo o século XX acompanhamos que as linhas de montagem e a produção em massa de veículos motorizados permitiram aos fabricantes produzir mais produtos com menos custo, isso fez com que o automóvel se tornasse o meio de transporte mais importante do século. O mesmo se aplica à invenção de máquinas voadoras mais pesadas que o ar, e de motor a jato. Mesmo chegando à cidade em escalas super reduzidas, essas duas inovações foram alvos de muita polêmica no início do século XX.

De acordo com o memorialista Mário Sette, os automóveis que ganhavam as ruas do Recife naquele início de século, ultrapassando “absurdamente” os limites de velocidade - até então ditados pelos carros movidos à tração animal - causavam muitas discussões entre os moradores. Estes falavam sobre os seus proprietários, o barulho, a velocidade etc. O novo veículo havia se tornado a fonte para muitas discussões.

O primeiro automóvel a circular no Recife chegou em 1903. O veículo era da marca Renault, com alavancas de marchas exteriores e iluminado a carbureto. O seu proprietário era o já citado doutor Otávio de Freitas, que passava triunfante pilotando a sua máquina importada. Chegou causando espanto e admiração às pessoas, que deixavam tudo o que estavam fazendo para verem o carro passar. À noite nas calçadas era fato do dia a ser comentado:

- Ouvi dizer que o diacho foi da Rua do Crêspo à passagem da Madalena em 15 minutos!
- Minha Nossa Senhora! Que desadôro de correr!
- É capaz de ir a Caxangá em meia hora...
- Se é! O capeta voa, D. Inácia. Não viu êle inda não?
- Vi, não. Me disseram que êle passa tôdas as manhãzinhas para o hospital, mas é pela Santa Cruz.
- Aonde foi que o Dr. Otávio comprou êsse automóvel?
- Em Paris.
- Logo vi... Oh! Terra para mandar novidades! Cada moda!
- [...]
- Mas, isso de automóvel não pega, não, compadre.
- *Mode* o quê?
- Fogo de palha... Vem êsse, babau, acabou-se. Só de amostra...

- Eu também acho. Então, aqui neste Recife. Isto é um lugar que não dá mais nada... Daqui para a trás vocês vão ver. Já se foi o tempo das vacas gordas. Me enforcem neste lampião se alguém comprar outro... [...]<sup>70</sup>(sic)

Caso a aposta do compadre fosse levada a sério, muitos enforcamentos no lampião seriam necessários! Novamente as previsões daqueles que boquejavam o insucesso do empreendimento automobilístico não se confirmaram. Ao contrário do que desejavam ou previam os atentos observadores, os automóveis ganharam cada vez mais espaço nas ruas da cidade, tanto que no ano de 1912 o Recife criou a sua primeira Delegacia de Trânsito, órgão destinado a regular e fiscalizar o ir e vir dos veículos ali existentes.<sup>71</sup>

De acordo com Mário Sette, depois que o automóvel chegou à cidade, o sumiço processual de antigos veículos, como os cupês, landôs, berlindas, vitórias e cabriolés foi inevitável. Eles foram aos poucos cedendo espaço para os novos e “velozes” motores, que assim como outras inovações do período se expandiriam por todos os lugares. É bem verdade que esse crescimento foi bastante lento e gradual, mas não deixava de chocar as pessoas onde quer que chegasse.

A expansão automobilística não aconteceu do dia para a noite. Rostand Paraíso observa que até o ano de 1914, quando os bondes de tração animal e trenzinhos a vapor, conhecidos como maxambombas, ainda faziam linha pela cidade, era comum entrarem pela contramão, já que o número de automóveis era bastante reduzido.<sup>72</sup> Entretanto, apesar de nos primeiros anos do século XX os carros não terem tido expansão acelerada na cidade, as reformas da capital se encarregaram do alargamento das ruas e do calçamento das vias públicas que favoreciam aos veículos tomarem cada vez mais espaços, substituindo os antigos meios de transporte movidos a tração animal.

Retomando o memorialista Mario Sette no diálogo apresentado acima, percebemos que, embora o Recife não possuísse uma frota muito significativa, os automóveis já entravam para o rol das novidades mais detestáveis por alguns segmentos da população. Supomos que para essas pessoas sua presença estava

<sup>70</sup> SETTE, 1958, p. 178-179.

<sup>71</sup> Detran /PE – Departamento Estadual de Trânsito de Pernambuco. “Pernambuco Registra um milhão de veículos”. 12 Nov. de 2002. Disponível em <[http://www.detran.pe.gov.br/noticias2002/news\\_12112002.shtml](http://www.detran.pe.gov.br/noticias2002/news_12112002.shtml)> 15 maio 2007.

<sup>72</sup> PARAÍSO, 2003, p. 130.

intimamente relacionada à presença da modernidade na cidade. Por coincidência, ou não, o primeiro automóvel a circular na capital pernambucana pertencia a um médico, logo, sua velocidade, os acidentes que eventualmente causava, e até mesmo seus proprietários, diziam bastante sobre os segmentos sociais que se faziam contemplados com tais inovações. As propostas embutidas nas tecnologias em ascensão no início do século estavam impregnadas de um universo que se pretendia “civilizado”, que trazia perspectivas e valores novos, pretensamente universais, e conseqüentemente se chocavam com outros valores e tradições.

Atentos a esses enfrentamentos interculturais e também materiais, acreditamos que o universo dos membros das classes mais abastadas, que podiam trazer seus automóveis de Paris, estava abissalmente distante do mundo daqueles sujeitos que precisavam voltar para casa em bondes movidos a tração animal, iluminados a carbureto. Sujeitos que, ao utilizar o meio de transporte que lhes cabia, precisavam aturar os desmandos das cobranças indigestas de administradores ingleses, bem como seus serviços mal prestados constantemente alvo de reclamações.<sup>73</sup> Logo, entendemos que a presença do automóvel e o grau de modernidade que esse representava podiam significar a afirmação de valores, tradições que desejavam ser assimiladas e aceitas na cidade. Indubitavelmente essas tradições se chocavam com outras, menos modernas, muitas vezes taxadas de “rústicas”, “atrasadas” e, portanto, pretensamente passíveis de serem extirpadas.

Retornando às inovações que adentravam a cidade, as novidades temerárias não se limitavam à chegada do automóvel. Outra invenção, igualmente criticada no folheto *Casamento a Prestação* e que causou espanto e fascinação aos cidadãos da cidade, foram os balões. Invento engenhoso, era mais um dos símbolos que aproximava a capital dos tão sonhados “tempos civilizados”.

Desde o final do século XIX, a exemplo do que já acontecia em cidades como Lisboa e Paris, o Recife presenciava tentativas desafiadoras de fazer funcionar empreendimentos aeronáuticos na cidade. Em 1868, a população viu pioneiramente

---

<sup>73</sup> Rostand Paraíso informa que o gerente da *Brazilian Street Railway*, um inglês chamado Fletcher era uma pedra de gelo diante das inúmeras reclamações, queixas e protestos, contra as maxambombas. Impassível, sem tomar qualquer providência, ele se limitava a dizer: “Passageira não estar satisfeita vai a pé...”. PARAÍSO, 2003, op.cit., p. 133.

Júlio Burlay levantar vôo no seu balão até certa altura e fazer acrobacias no ar preso a uma corda pendurada na barquinha.<sup>74</sup>

Anos depois, em 1905, a cidade recebeu a visita do capitão português Antônio da Costa Bernardes, o famoso Ferramenta, que chegou disposto a demonstrar sua coragem e também a funcionalidade de seu aeróstato. De acordo com Mário Sette, a presença desse português deu muito que falar, pois o público comparecia em peso às suas apresentações. Muitos se decepcionaram, pois nos dois primeiros dias as tentativas de Ferramenta foram frustradas e ele não decolou, dando mote para alguns expectadores mais criativos comentarem com ironia:

O pau rolou,caiu,  
Seu Ferramenta não subiu.<sup>75</sup> (sic)

Atribuíram o insucesso à má qualidade do gás da companhia de iluminação, que segundo Mário Sette era fraco. Nada obstante, nos outros dias, o português obteve sucesso e sobrevoou triunfante pelos céus da cidade.

Apesar do êxito das apresentações do Seu Ferramenta, ninguém obteve mais sucesso nos céus do Recife do que o legítimo aeronauta pernambucano Zé da Luz. Capitão José Pereira da Luz, como era formalmente conhecido, foi um músico asilado do exército que, em outubro de 1906, levou a cidade ao delírio ao realizar um sobrevôo espetacular em um balão esférico pelo céu da capital pernambucana. O Capitão era um sertanejo nascido em Limoeiro do Norte, pouco antes da Guerra do Paraguai. Retirante da seca de 1877, foi um sobrevivente que realizou incontáveis atividades durante sua vida.<sup>76</sup>

Conta Mário Sette que o aeronauta vendeu um piano, juntou dinheiro, seduziu amigos para entrarem em um empreendimento e mandou vir da Europa um balão igual ao do Ferramenta.<sup>77</sup> Segundo o memorialista, a chegada desse balão foi uma festa para o Recife antigo, tendo saído dos armazéns da Alfândega num carroção todo enfeitado, com uma banda do exército à frente.

---

<sup>74</sup> SETTE, 1958, op.cit., p. 291.

<sup>75</sup> Ibid., p. 292.

<sup>76</sup> WANDERLEY, Eustórgio. *Tipos Populares do Recife Antigo*. 2ª série, 2ª edição. Recife: Colégio Moderno, 1953-1954, p. 213-218.

<sup>77</sup> SETTE, 1958, op.cit., p. 293.



Como se tratasse de um pernambucano era [...] natural que aparecessem os incrédulos, os descontentes e os críticos, somando todos eles apenas uma classe: os invejosos. Remoques, descrenças, ironias, fingidos receios... Até para a polícia apelaram. Tornava-se necessário impedir essa doídice. Onde já se vira um filho de Pernambuco voar? Que o fizessem alemães, gregos, portugueses, chinas, argentinos, vá lá. Ou mesmo filhos de outros estados brasileiros. Mas. Daqui!! Gente do Capiberibe ou do Una, de Garanhuns ou de Afogados de Ingazeira, qual! [...] <sup>78</sup> (sic)

Apesar da torcida contra a investida aerostática de Zé da Luz, quando o seu balão subiu aos céus, a população entusiasmou-se, vibrou, explodiu, saudando-o com vivas, palmas, gritos, gestos, foguetes, música.<sup>79</sup> Posteriormente, esse aeronauta seria rememorado pelos pernambucanos, pois à sua maneira trazia uma novidade tecnológica que outras cidades do mundo já conheciam, particularmente aquelas relacionadas ao campo da aeronáutica.

Muitos recifenses orgulhavam-se dos feitos do Capitão Zé da Luz, pois ele e suas evoluções aéreas faziam-lhes sentir a chegada dos ares do progresso, ao menos do progresso aeronáutico. Outros moradores da cidade, no entanto, observavam distantes, reticentes e, muitas vezes, descrentes desse desenvolvimento. De qualquer modo, orgulhosos e descrentes viviam em um mundo que não era apenas veloz, o mundo voava!

Concomitantemente aos balões, as inclinações para a exaltação dos inventos modernos penderam, em 1903, para os empreendimentos da aviação, isso ocorreu durante a visita de Santos Dumont, que, a caminho da Europa, ancorou no Recife por algum tempo. O periódico *Lanterna Mágica* não deixou de publicar e comentar a presença do aviador<sup>80</sup>:

---

<sup>78</sup> SETTE, 1958, op. cit., p. 293.

<sup>79</sup> Ibid., p. 294.

<sup>80</sup> *Lanterna Mágica*. Recife, 1903. Ano XXII, Número 744. p 4.



Figura 5 – Charge do Periódico “Lanterna Mágica” sobre a cobertura jornalística da passagem do aviador Santos Dumont pela cidade.

Sempre com sua veia humorística bastante acentuada, o periódico destacou a presença do aviador na cidade, entendida ali como sinal de prestígio, já que o condecorado brasileiro era de renome internacional e bastante prestigiado no mundo inteiro. Na gravura publicada pela *Lanterna Mágica*, percebemos vários fotógrafos tentando registrar sob diferentes ângulos a presença de Santos Dumont no Recife. O aviador sequer aparece na gravura, que prima por mostrar os muitos profissionais que realizavam a cobertura do evento, cada um tentando encontrar um bom ângulo, mesmo que fosse para registrar o navio ou a lua!

Provavelmente, além de uma possível sátira, o jornal pretendia enfatizar a especificidade da cobertura jornalística acerca da presença do importante aviador na cidade. Afinal, fora realizada por um contingente significativo de fotógrafos, o que

naquele período constituía-se algo pouco comum, pois a fotografia com finalidade jornalística era usada há muito pouco tempo.<sup>81</sup> Deduzimos, portanto, que a presença do avião, somada à significativa cobertura jornalística e fotográfica indicavam sinais do progresso!

Com isso percebemos que a necessidade de se mostrar próximos e íntimos aos avanços tecnológicos e infra-estruturais é patente ao pesquisar as fontes do Recife no início do século XX. Havia um desejo acentuado nas classes dominantes da capital pernambucana em estar sintonizada com as mudanças que ocorriam nas grandes cidades do mundo. Fosse promovendo reformas urbanas e sanitárias, incorporando de novos locais de lazer e entretenimento, ou mesmo através da implementação da tecnologia aeronáutica ou automobilística, o que valia eram as tentativas de se inserir nos tempos modernos.

No entanto, é necessário lembrar que, de acordo com os grupos dominantes, para se tornar “civilizado” não bastariam as inovações físicas ou tecnológicas, concomitante a ela havia também a necessidade de reformar costumes, hábitos, comportamentos e valores dos moradores da cidade. Essas investidas às vezes eram sutis, divulgadas pelos veículos de comunicação através de lançamentos da moda, anúncios, propagandas; outras vezes, truculentas, coercitivas, repressivas, aplicadas pela polícia, impostas aos grupos menos favorecidos de cima para baixo.

Não obstante, essas ofensivas nem sempre foram respondidas com silêncios ou consentimentos explícitos, ao contrário, alguns segmentos da população se mostravam profundamente invadidos com tais pretensões das classes mais abastadas e respondiam suas investidas com estranhamento, traduzido em satirizações, zombarias e diminuição dos valores que tentavam ser impostos. De diferentes maneiras esses segmentos sociais buscavam mostrar que suas tradições e valores eram outros e que estavam muito distantes daquilo que se queria anunciar como universal e homogêneo.

O poeta Leandro Gomes era um desses sujeitos que, através de seus folhetos, marcavam lugares sociais de grupos que consideravam absurdas as

---

<sup>81</sup> Kubrusly informa que em 1897, faltando apenas quatro anos para terminar o século, o *New York Tribune* do dia 21 de Janeiro publicava a primeira imagem impressa sem “auxílio da mão do artista”. De acordo com o autor a reprodução gráfica transformou definitivamente a fotografia num produto de massa. KUBRUSLY, Cláudio A. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 72.

investidas que fervilhavam na urbe. Barros apresenta em suas narrativas tradições fundamentadas e consolidadas, afirmando com veemência e convicção seus pontos de vista. Estranhava, insinuava, brincava, e principalmente ria das “modernidades” em voga, deixando claro o que pensava e quão absurdas eram as inovações. Tudo isso de maneira bastante convicta e também estratégica, pois levava muitos dos enfrentamentos para o campo religioso, e dali deixava claro com muita persuasão o quanto seu opositor era ridículo, e destoava dos valores e modos de vida experienciados por ele e por pessoas que, assim como ele, possuíam valores diferentes e totalmente distantes daqueles ali praticados.

Nesse sentido, no próximo capítulo tentaremos evidenciar algumas dessas tensões. Trabalharemos principalmente com fontes recolhidas pelos senhores folcloristas, enfatizando distintos olhares sobre o comportamento do clero católico na cidade, mostrando que o poeta criticava impiedosamente as posturas de alguns religiosos que, inseridos no processo de transformação e modificação da urbe, também modificavam suas atitudes e práticas, cometendo erros imperdoáveis.

Barros fazia parte de um grupo de pessoas que viam ações e práticas reprováveis nos novos tempos e não se calavam diante das novidades que lhes causavam estranhamento e indignação, não paravam de criticar um mundo que, em sua opinião, precisava de freios!

## **Segundo Capítulo: Peleja entre folcloristas e poetas: leituras acerca de posturas e comportamentos do clero**

No primeiro capítulo, mostramos que, no início do século XX, a cidade do Recife se encontrava inserida num processo de transformações, no qual não somente sua infra-estrutura mudava, mas também valores, atitudes, e desejos de seus moradores sofriam modificações, principalmente em decorrência da chegada de elementos da “modernidade”. Evidenciamos que, com o processo de saída do campo para a cidade, o Recife recebia novos moradores que traziam, juntamente com esperanças de sobrevivência, modos de vida e valores que, muitas vezes, entravam em choque com aquilo que ali encontravam.

O poeta Leandro Gomes de Barros era um dos milhares de retirantes que ali chegavam e tomavam a cidade como um novo lugar para viver. Seu grande diferencial foi conseguir, através dos folhetos que imprimia, e vendia, dar visibilidade a posicionamentos que não eram somente dele, mas de todo um grupo social, que criticava, manifestava-se e insurgia-se contra valores que não considerava apropriados, mas se encontravam em pleno processo de difusão na cidade.

No presente capítulo, apresentamos e discutimos algumas especificidades dessa religiosidade, de modo particular as peculiaridades dessa manifestação, a qual se mostrava, ao que parece, calcada à prática cotidiana daqueles que a difundiam, tanto na defesa e exaltação da religião católica e dos valores cristãos, em determinados processos, quanto na manifestação de ferrenhas críticas aos valores em profusão na cidade, em outros contextos.

Nesse capítulo, especialmente, iniciaremos as discussões com uma das temáticas mais peculiares das narrativas, que ajudam a compreender sua relação com elementos do campo religioso ali presente; enfatizaremos os enfrentamentos direcionados ao clero católico, justamente para mostrar que a religiosidade que as pessoas manifestavam muitas vezes se chocava, inclusive, com o ‘padrão’ religioso ali presente.

Devemos ressaltar que acompanhamos evidências em folhetos e, ao contrário de muitas interpretações, não foi verificada nem total “subserviência” à Igreja Católica, nem tão pouco um “anticlericalismo” declarado e impetuoso. Observamos apresentações de posturas marcadas pelos modos de ver e viver o mundo daqueles que produziam as narrativas e, apesar de pregarem e difundirem crenças e práticas ligadas à religião católica, não deixavam de repreender, satirizar e condenar posturas que consideravam incorretas, mesmo que estas fossem praticadas pelo clero, evidenciando uma religiosidade específica que muitas vezes fugia do modelo que se pretendia exclusivo.

Na tentativa de buscar evidências sobre essas diferentes percepções e atitudes diante da religiosidade que se praticava na cidade, nesse capítulo dialogamos com dois tipos de fontes: o primeiro, registros recolhidos e comentados por folcloristas, intelectuais que se preocupavam em coletar e avaliar aspectos da poesia popular que consideravam “prestes a serem perdidos”, portanto, passíveis de recolhimento para suposta preservação<sup>1</sup>; e o segundo, conforme já foi citado, eram narrativas produzidas por poetas sertanejos que sobreviviam de sua produção, escreviam e imprimiam visões de mundo em pequenos folhetos, de diferentes temáticas, inclusive a religiosa. Esses materiais foram produzidos por distintos sujeitos, que falavam de lugares sociais diferentes. Tento, a partir de sua investigação, esclarecer relações e levantar questões acerca das tensões de seus posicionamentos.

O texto está dividido em dois subcapítulos: no primeiro, faço um histórico sobre a atuação dos folcloristas, os interesses pela cultura popular, com destaque à suas aproximações com a poesia dos folhetos, tendo em vista a busca de uma nacionalidade brasileira. Trato, ainda, de forma específica, sobre a produção de Leonardo Mota, um dos folcloristas que mais se destacou na coleta e comentários da literatura de folhetos, a partir de sua obra, ênfase principalmente, aspectos que tangem à religiosidade nos folhetos e suas opiniões com relação ao comportamento dos religiosos. Na segunda parte do capítulo, faço um contraponto entre a posição do folclorista, relacionada à obra de Leandro Gomes de Barros. Analiso algumas de

---

<sup>1</sup> CERTEAU, Michel de. A beleza do morto In: *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1993.

suas histórias e procuro, a partir de sua produção, surpreender relações e tensões entre poetas e intelectuais evidenciando os diferentes lugares de onde falavam e manifestavam diferentes sentidos e significados de religiosidade.

## **2.1. Poesia e Religiosidade nas Letras dos Folcloristas**

Perceber experiências e vivências de determinados grupos socialmente excluídos que não tiveram abundantes registros de suas manifestações religiosas na sociedade nem sempre é empreendimento dos mais simples. Evidenciar sentimentos de sujeitos que tiveram pouca aproximação com os códigos letrados pode ser tarefa complicada e às vezes escorregadia.

No processo de aproximação com as fontes, a necessidade de apreender elementos da experiência religiosa difundida na literatura de folhetos em finais do século XIX e início do século XX no Recife, recorreremos a registros e memórias deixadas pelos folcloristas que recolheram, comentaram e avaliaram pormenores dessa produção material. Os acervos, registros e estudos deixados por esses intelectuais são de importância fundamental, pois, além de conterem narrativas não encontradas em outros documentos, trazem consigo juízos, normas, valores e interpretações sobre a religiosidade que consideravam “retratada” no material recolhido. Através de sua produção, mostram estranhamentos e as tensões que possibilitam avaliar os lugares de onde e para quem falam.

Ao examinar de perto algumas publicações e “impressões” deixadas por folcloristas e tomando os cuidados que os historiadores devem adotar para avaliar as fontes, percebemos se tratar de concepções de mundo bastante diferentes, ou completamente opostas àquelas que os poetas expunham em seus folhetos. Todavia, esse diálogo com as fontes produzidas por folheteiros e folcloristas nos ajudou a questionar de onde falam e para quem falam esses sujeitos, que lugares pretendiam ocupar na sociedade do Recife, quais os significados de tensões verificadas em suas diferentes, e opostas, visões de mundo.

### **2.1.1. O folclore e a busca do “popular”: registros de fontes escassas**

No final do século XIX, o Brasil foi marcado por produções acadêmicas que privilegiavam correntes de pensamento vindas da Europa como o cientificismo e positivismo, utilizadas para explicar a sociedade. Estas correntes levaram vários intelectuais a se preocuparem com o caráter da sociedade brasileira, que, formada por uma mistura de raças, e localizada numa região tropical, não reunia as condições propícias para o desenvolvimento e, uma vez comprovada a veracidade das teorias raciais, a sociedade estaria fadada ao fracasso.

Levando em consideração as peculiaridades da composição racial da população brasileira, que não se encaixava nas teorias científicas da época, partiu das inquietações de alguns intelectuais o interesse pela “construção” de uma identidade nacional, baseada no resgate das origens do país, no intuito de buscar novos caminhos para repensar a História e, a partir disso, compreender a sociedade brasileira e seu devir<sup>2</sup>.

Nesse contexto de mudança de século, o país passava por transformações políticas, econômicas, estéticas, culturais, dentre outras, produzidas no curso das lutas desencadeadas pelos movimentos republicano e abolicionista. Como acompanhamos no capítulo 1, no Recife essas transformações eram visíveis desde os últimos anos do século XIX através de aceleradas mudanças que imprimiam uma evolução urbana à cidade.

A partir das alterações materiais, vitais para as atividades econômicas e satisfação das crescentes necessidades de conforto da aglomeração urbana, houve melhoramento do porto sobre o qual se haviam concentrado as expectativas de amplos setores urbanos, dado que essa realização representava o fortalecimento dos vínculos econômicos locais com o mercado mundial e inseria a cidade num círculo cultural que tinha Paris como centro.

---

<sup>2</sup> DA MATTA, R. Digressão: A fábula das três Raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981.



Com o processo de modernização cada vez mais acentuado, havia em alguns grupos de intelectuais um constante sentimento de que as tradições e valores culturais estavam “prestes a serem perdidos”<sup>3</sup>. Com base nesse sentimento de perda, germina a urgência em “adentrar” o interior e coletar os elementos mais arraigados na “alma popular”, “antes que se perdessem”.

O crítico literário e historiador da literatura Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero foi um dos primeiros intelectuais a reconhecer e incentivar a busca e registro dos aspectos mais diversos das tradições culturais brasileiras. Em meio a suas produções sobre sociologia, história e crítica literária, filosofia e política, estiveram presentes também produções sobre o folclore brasileiro e a poesia popular.

Romero queria desvelar o Brasil, irritava-se com aqueles que “macaqueando” inconsideravelmente a frase “a França é Paris” diziam “o Brasil é o Rio de Janeiro!”. Insistia que havia tendências diversas das províncias do Norte e do Sul, e reforçava que tais diferenças deveriam ser mantidas. Valorizava as diferenças porque acreditava que a grandeza futura do Brasil viria do desenvolvimento autônomo de suas províncias. Tinha convicção de que os impulsos originais que aparecessem nos estados deveriam ser ajudados, aplaudidos, pois daí viria o nosso progresso:

Não sonhemos um Brasil uniforme, monótono, pesado. Indistinto, nulificado, entregue à ditadura de um centro regulador das idéias. Do concurso das diversas aptidões dos Estados é que deve sair o nosso progresso (...). Continuai, continuai, poetas e romancistas, estudai os costumes provincianos; reproduzí nos vossos cantos e nas vossas novelas o bom sentir do povo, quer do norte, quer do Sul; marcai as diferenças e os laços existentes entre estas gentes irmãs, que são o braço e o coração do Brasil (...)<sup>4</sup>

Esse recorte é interessante porque mostra postura contrária a alguns intelectuais que se interessavam por construir referências homogêneas,

---

<sup>3</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *O pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX*. 2001. Tese de Doutorado em História Social - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientador Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva, p. 36.

<sup>4</sup> ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira: Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*. Primeiro Tomo – 3ª Edição aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1943, p. 135.

estabelecidas a partir do Rio de Janeiro para a nação como um todo. Seguindo em diferente direção, Romero não se interessava pela “ditadura do centro”, mas pela exaltação da pluralidade de idéias, as quais deveriam ser buscadas em todas as partes de norte a sul, caracterizando-se as diferenças, que deveriam emanar no “bom sentir do povo”, da “gente tão diversa”, “mestiça”, “plural”, “ampla”, “difícil de ser definida”, que se encontrava “escondida” por todo o território nacional e, que, segundo o folclorista, merecia ter seus cantos e novelas reproduzidos, estudados. Ciente do lugar, da importância do pleito e dos limites de sua ação, apelava àqueles que poderiam “resgatá-las”: “continuai, continuai...”.

Percebemos, nessa convocação de Romero, uma extrema necessidade de encontrar o “povo”, “único espírito capaz de preencher a imagem da nação”. Um povo que não poderia ser identificado isoladamente como o “caboclo, negro, luso, sertanejo, matuto, caipira, praieiro”, etc, pois, de acordo com o autor, “o Brasil não é nada disto; porque é mais do que tudo isto”. Romero acreditava que haveria um espírito geral que compreendia e dominava: “o espírito popular”, subjetivo à nação, que não podia ser fabricado, devia ser espontâneo, estar “contido no sentir especial do brasileiro”.<sup>5</sup>

O crítico literário defendia de tal forma a valorização do homem simples do povo, que chegava a enfrentar a elite dos intelectuais da capital e das grandes cidades que insistia em desqualificar e falar mal das “gentes da roça, sertanejas ou não”, sem levar em consideração que “há quatro séculos, era ela quem trabalhava e produzia, sustentando o Brasil como povo que vive e como nação que se defende”.<sup>6</sup>

Porém, é importante indagar por que essa defesa intransigente. E, afinal, quem era a “gente” da qual falava? Já que o “povo” que Sílvio Romero considerava tão importante tinha alguns “defeitos” que, ao seu modo de ver, precisavam ser corrigidos para que somente assim pudesse alcançar a “civilização” e uma possível “identidade nacional”. De acordo com a perspectiva e aspiração do folclorista, faltava-lhe:

---

<sup>5</sup> ROMERO, 1943, op.cit., p. 132.

<sup>6</sup> ROMERO, Sílvio. *O Brasil Social*. In: *O Brasil Social e outros estudos sociológicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001, p. 89.

[...] hierarquização social, o encadeamento das classes, a solidariedade em geral, a integração consensual, a disciplina consciente dum ideal comum, a homogeneidade íntima [...] o aferrado ao trabalho, a base econômica, livre, ampla e segura, e, mais a masculinidade da vontade, o espírito de iniciativa, a audácia do esforço, do empreendimento, a luta pelo progresso e bem estar.

Notam-se de sobra a indisciplina, espírito de clã, a divisão, a desarmonia, a falta de solidariedade, de consciência coletiva popular.<sup>7</sup>

Percebemos, por meio das críticas do estudioso, conhecido por empreender constante busca pelo “espírito capaz de preencher a imagem da nação”, que, quando finalmente sua procura terminava e o “povo” era encontrado, nem sempre correspondia às expectativas idealizadas por seus entusiastas, pois a representação de povo: “disciplinado”, “consciente”, “aferrado ao trabalho”, “audaz”, “macho de corpo e espírito” e, principalmente, “empreendedor do progresso e do bem estar”, “modelo perfeito” para cumprir papel patriótico, cabia apenas em seus discursos e expectativas. Na prática, o “povo” se apresentava demasiado diferente daquilo que procuravam, e ao encontrá-lo se chocavam por ser excessivamente diferente. Não conseguiam percebê-lo com suas características e especificidades e, a partir de então, tentavam adequá-lo, já que só serviria à medida em se enquadrasse aos ideais desses estudiosos.<sup>8</sup>

A partir dessa evidência, podemos vislumbrar a postura desse intelectual ao observar seu “objeto” de estudo, na figura do povo, pois, se não conseguia percebê-lo dentro de uma situação específica, contexto, coerência, dinâmica, também não entenderia os significados de suas manifestações, lançando sobre elas um olhar de cima para baixo, como o intelectual que deseja registrar suas manifestações pelo simples valor incalculável do “exótico”.

Assim como Sílvio Romero, outros folcloristas partiram para os lugares mais interioranos do Brasil no intento de encontrar o “povo”, e assim tentar “salvar” suas origens que consideravam a gênese cultural do país. Nesse afã de encontrar a raiz do povo brasileiro, recolhiam o material que consideravam original para dar forma e feição à nação, coletavam canções, histórias em prosa e verso, autos, festas,

---

<sup>7</sup> ROMERO, 2001, op. cit., p. 90.

<sup>8</sup> CERTEAU, 1993, op.cit., p. 56.

danças, tradições, usos, rezas, crenças, superstições, dentre outros, como um verdadeiro “thesouro esquecido [...], a fonte verdadeira da vida da nossa raça”<sup>9</sup>.

Para esses estudiosos interessados na cultura popular, tão importante quanto buscar este “thesouro” era organizar o modo de coletá-lo, para que não se perdesse nenhuma especificidade de seu conteúdo. Ao examinarmos produções sobre o folclore, percebemos um grande cuidado dos estudiosos no momento da coleta, na tentativa de manter a “autenticidade” da mesma. Um claro exemplo pode ser percebido no livro *Manual de Coleta folclórica* de Renato Almeida, publicado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, que recomenda:

(...) anote cuidadosamente todas as informações e descrições que lhe fizeram várias pessoas sôbre o mesmo acontecimento. Não se limite a tomar apontamentos, para depois reconstituir uma versão, porque nesse caso essa versão será sua. Você desrespeitou a inviolabilidade dos textos que ouviu, a **santidade** dos textos como já foi chamado, para mostrar a importância do registro fiel. <sup>10</sup> (sic) (grifo nosso)

Percebemos, nesse manual escrito para leigos que recolhiam aspectos da cultura popular de suas cidades, o cuidado e repetidas recomendações de que não houvesse interferências no material recolhido, para que a “santidade” do registro fosse mantida e houvesse o mínimo de intromissão possível por parte da pessoa que realizava a coleta. O termo “santidade” utilizado por Almeida evidencia o quanto, para esses estudiosos, chegava a ser “sagrado” o objetivo de não interferir nas manifestações recolhidas.

Para os pesquisadores que trabalham com as coletas dos folcloristas, o cuidado tomado na hora do recolhimento se mostra muito importante, pois as descrições encontradas nesses materiais geralmente são pormenorizadas, com exposições completas dos ritos, festas, cantos, contos, danças, dentre outros. No entanto, como foi afirmado anteriormente, o grande problema desse tipo de material foi a forma estanque como os estudiosos percebiam as culturas com as quais interagiam.

---

<sup>9</sup>ARINOS, Affonso. *Lendas e tradições brasileiras*. São Paulo: Typographia Levi, 1917, p. 4.

<sup>10</sup> ALMEIDA, Renato. *Manual de Coleta Folclórica*. Rio de Janeiro, Oficinas Gráfica Olímpica Editôra Luiz Franco, 1965, p. 34.

Nesse sentido, o historiador inglês Edward P. Thompson apresenta o cuidado que devemos tomar ao estudar costumes e hábitos, transmitidos oralmente, recorrendo à produção dos folcloristas:

De valia, desde que utilizado com cautela, o material descritivo recolhido pelos folcloristas oitocentistas ainda pode ser útil. Todavia, o costume e o ritual foram freqüentemente encarados pelos cavalheiros paternal e estrangeiro [...] a partir de uma e por cima de uma fronteira de classe, sendo ainda divorciados de sua situação ou contexto".<sup>11</sup>

O autor esclarece os cuidados e precauções que o historiador deve tomar ao trabalhar com este tipo de fonte, já que, nos procedimentos de coleta esses estudiosos terminavam por desprover dos acontecimentos seus significados. Reforça seu uso como documento, somente a partir de novas perguntas que procurem recuperar os costumes perdidos e as crenças que os embasavam, devolvendo-os ao seu contexto.<sup>12</sup>

Atentos a possíveis armadilhas nas fontes do folclore, retornamos ao texto para evidenciar a “busca do nacional”, realizada por outros estudiosos brasileiros. A professora Mariza Lira, nascida em 1899, na cidade do Rio de Janeiro, era uma dessas folcloristas, apaixonada pela busca dos aspectos do Folclore no Brasil, foi diretora da Sociedade Luso-Brasileira de Etnografia e componente da Comissão Nacional de Folclore, um organismo que promoveu Campanha Nacional destinada a defender o patrimônio folclórico do Brasil e a proteger as artes populares.

Esta comissão trazia uma proposta de “atuação urgente”, pois, de acordo com seus intelectuais, no folclore se encontram os elementos culturais autênticos da nação e, com o avanço da industrialização e a modernização da sociedade, havia uma séria ameaça do seu desaparecimento, devendo a cultura do povo ser “intensamente divulgada e preservada”. Mariza Lira evidenciava o incentivo às buscas e aos estudos do popular na dedicatória do seu livro *Migalhas folclóricas* publicado em 1951, ao ambicionar “que estas migalhas folklóricas possam fazer parte do pão de cada dia dos folcloristas do Brasil”.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 231.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 234.

<sup>13</sup> LIRA, Mariza. *Migalhas Folklóricas*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Ltda, 1951.

A folclorista tenta despertar nos companheiros de trabalho o estímulo para prosseguir em suas constantes buscas pelo “ser nacional”, pois até aquele momento haviam conseguido coletar apenas “migalhas”, havendo ainda muito a ser recolhido. Apreendemos, da mesma forma, que, mesmo as descobertas sendo “poucas”, ainda assim, deveriam servir de alimento básico para aqueles que freqüentavam a mesma expedição.

Dentre as diferentes parcelas dessas “migalhas” coletadas por Mariza Lira, há destaque especial para a poesia que, segundo a autora, possui um exaustivo registro de nossa vida político-social, servindo como documento “valiosíssimo”, já que o brasileiro “sempre” revelou apreciável vocação poética, que acompanha sua existência “desde o berço ao túmulo”, iluminando a “simplicidade” da nossa gente:

Ainda de colo, ouve os versos das *cantigas de ninar*, mais tarde aprende os das *cantigas de roda*, na idade adulta, sabe versos para cantar nas festas profanas, nas cerimônias religiosas e até mesmo ouvindo as ladainhas e orações conforme a nossa tradição mística.<sup>14</sup> (grifo da autora)

Observamos, por intermédio desse recorte, que, segundo as indicações de Lira, a poesia popular estava presente no cotidiano do brasileiro desde o berço, quando, ainda sem saber falar direito, o recém nascido e a criança ouviam cantigas de ninar que, cantadas pelas mães através de melodias, versos e canções simples, criavam um clima de aconchego, fazendo os pequenos dormir; Quando maiores, as crianças também podiam participar das cantigas de roda, momentos de brinquedo, no qual, dando as mãos, formavam uma roda e cantavam todas juntas, podendo ou não executar coreografias acerca das letras cantadas; Ao se tornarem adultos, os versos tanto podiam fazer parte da vida profana do sujeito durante festas e diversões, como também da vida sagrada, no momento de fazer orações ou ladainhas, suplicando aos santos e mártires da Igreja a intervenção junto a Deus pelos fiéis.

Acompanhando as sugestões da folclorista Mariza Lira, percebemos alguns contornos da utilização da poesia no cotidiano das pessoas. No entanto, ressaltamos que, para além do conteúdo “divertido”, “dócil” e “quase infantil” observado pela autora, a poesia popular podia também assumir, em outros

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 25.

contextos, um caráter rebelde, contestatário e até mesmo subversivo, imprimindo em suas formas questionamentos, visões de mundo e posicionamentos sociais, que se relacionavam e se chocavam com os diferentes aspectos da sociedade, como é o caso da poesia de Leandro Gomes de Barros, que estudaremos mais abaixo.

Logo, vislumbramos que, por esses contornos múltiplos e peculiares, as produções poéticas podem ser utilizadas, nessa pesquisa, como suporte para problematizar sentimentos, esperanças, temores, valores, formas de ver, pensar e sentir o mundo do segmento da população que o produzia e dava-se a ver a partir de sua obra.

Essa dimensão da poesia relacionada à prática cotidiana de grupos sociais espalhados pelo Brasil também foi registrada por outros intelectuais. Basílio de Magalhães foi um deles, mineiro nascido na cidade de São João del Rei em 1874, muito se dedicou aos estudos do populário nacional, inclusive sua poesia escrita. Diplomou-se pela Escola de Minas de Ouro Preto (MG), foi professor de História em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Em seu *Folk-Lore no Brasil*<sup>15</sup>, publicado em 1928, aborda alguns aspectos consideráveis sobre a poesia popular brasileira fazendo breve mapeamento do material encontrado sobre essa produção poética. Em suas considerações afirma que, além de algumas notas sobre a “nossa literatura de cordel” encontradas em Sílvio Romero: *Novas contribuições para o folk-lore brasileiro*, somente conhece o juízo de Paulo Barreto (pseudônimo literário: João do Rio) no final de um capítulo de seu livro *A alma encantadora das ruas* (1908), em que, sob o título “A musa das ruas”, trata da nossa poesia bárdica.

O capítulo sobre a poesia encontrada, e enaltecida pelo folclorista, trata, especialmente, de dois poetas: Eduardo das Neves, palhaço, poeta, cantor, compositor e violonista, nasceu em 1874 no Rio de Janeiro; e Catulo Cearense, além de violonista, flautista, letrista, cantor, poeta e estivador do cais do porto, morreu em 1918. Talvez pela posição social ocupada por ambos, suas produções não foram muito valorizadas, permanecendo no “esquecimento”, ou sendo “adotadas” por outros poetas.

---

<sup>15</sup> MAGALHÃES, Basílio de. *O Folk-Lore no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1928.

Nesse sentido, é interessante atentar para o que Basílio de Magalhães observou sobre a circularidade das poesias na sociedade da época:

[...] Dessas produções, caem algumas em olvido, como as políticas e as carnavalescas, que vão substituindo por outras novas, permanecendo, todavia, no galarim, com assombrosa vitalidade, as lyrico-eroticas mais antigas. Note-se o que acontece com os termos e phrases do calão popular: - nascem nas alfurjas ou nas saburras e vão insensivelmente penetrando os altos salões, e dahi passam a ser apadrinhados por escriptores de boa nota [...] <sup>16</sup> (sic)

O fragmento Recortado do texto de Magalhães é muito relevante, pois nos coloca diante das relações e tensões culturais vislumbradas por muitos estudiosos que trabalham com a poesia popular. A partir do recorte, podemos depreender que havia uma renovação nas canções e poesias que faziam parte do universo de divertimento e brincadeira - com maior expressividade para aquelas de cunho político e carnavalesco - no entanto, as de cunho lírico-erótico sempre estavam em evidência.

Contudo, notamos que, de acordo com o folclorista, os elementos advindos das classes populares não permaneciam simplesmente nessas camadas, mas penetravam sorrateiramente, nas “altas rodas”, servindo de fonte de inspiração, de “mote” para escritores “de boa nota” para quem, de acordo com a observação de Magalhães, as formas de origem popular serviam de fonte para as produções eruditas.

As relações entre uma cultura produzida nas “alfurjas” ou “suburras” e que vão invisivelmente penetrando os altos salões apadrinhados por “escritores de boa nota” é uma discussão impossível de não ser enfrentada quando se trata de estudar a literatura popular. Na perspectiva apontada pelo autor, depreendemos uma tensão entre os locais de produção da poesia e apropriação dos escritores ao “batizar” o popular.

Nesse sentido, é interessante indicar que a discussão sobre circulação cultural, e de forma específica poética, entre camadas dominantes e dominadas, na literatura de cordel e de folhetos, já foi motivo para muitos debates e controvérsias

---

<sup>16</sup> MAGALHÃES, 1928, op. cit., p. 13.



no interior dos estudos sobre cultura popular. Dois autores em especial, os franceses Robert Mandrou e Geneviève Bollème, debateram em seus estudos sobre a biblioteca “azul” de Troyes. Possuíam o mesmo objeto de estudo: a literatura de cordel, mas abordado de maneira diferente.

Robert Mandrou, nos livros *De la culture populaire aux XVII<sup>e</sup> et XVIII<sup>e</sup>* e *La bibliothèque bleue de Troyes* (1964 e 1975), propôs-se a estudar não a cultura produzida pelas classes populares, mas a cultura imposta às classes populares e concluiu que essa literatura teria alimentado por séculos uma visão de mundo banhada de fatalismo e determinismo, de maravilhoso e misterioso, impedindo que seus leitores tomassem consciência da própria condição social e política, desempenhando uma função reacionária.

Ao contrário de Mandrou, Geneviève Bollème, no livro *La Bibliothèque bleue de Troyes* (1975), apesar de não contestar a origem erudita dessa literatura, que fora buscada nos acervos antigos da imprensa de Troyes, por impressores que “exumaram” uma cultura própria da aristocracia medieval, considerou essa biblioteca “popular” por ter conquistado o grande público, e por possuir uma pobreza particular de escrita e de leitura. Considerou-a expressão espontânea de uma cultura popular original e autônoma, sem mistificação ou alienação, voltada para o real.<sup>17</sup>

A discussão sobre a polarização ou não da matriz primordial das composições tidas como populares teve melhor direcionamento e abordagem na obra do crítico literário russo Mikhail Bakhtin *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*<sup>18</sup>. Seu trabalho sugeriu mudanças abissais nos modelos comumente adotados para o estudo da cultura popular, que tendiam a fazer polarizações estanques entre as culturas, como foi o caso dos trabalhos de Mandrou e Bollème.

De acordo com Peter Burke, a definição de Bakhtin de carnaval e do carnavalesco, pela oposição não às elites, mas à cultura oficial, assinala uma

---

<sup>17</sup> Essa discussão pode ser acompanhada em DOSSE, François. *A antropologia Histórica*. In: *A história em migalhas: dos Annales à nova História*. Tradução Dulce Oliveira Amarante dos Santos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

<sup>18</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo, HUCITEC; Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1993.

mudança de ênfase que chega quase a redefinir o popular como “o rebelde que existe em todos nós”, e não propriedade de algum grupo social.<sup>19</sup>

Ao estudar as relações estabelecidas entre Rabelais e a cultura popular de seu tempo, Bakhtin ressalta que a principal qualidade desse autor era manter uma profunda e estreita ligação às fontes populares que determinaram em seu conjunto um sistema de imagens, assim como sua concepção artística. Para Bakhtin, Rabelais é a chave para compreender os “esplêndidos santuários” da obra cômica popular, que permaneceu quase incompreendida e pouco explorada durante muito tempo. Em seu estudo destaca a importância de perceber a diferença capital entre os dois cânones grotesco e clássico:

Na realidade histórica viva, esses cânones (mesmo o clássico) nunca foram estáticos nem imutáveis, mas encontravam-se em constante evolução, produzindo diferentes variedades históricas do clássico e do grotesco. Além disso, sempre houve entre esses dois cânones muitas formas de interação: luta, influências recíprocas, entrecruzamentos e combinações.<sup>20</sup>

Nesse sentido, Bakhtin indica que, para compreender a profundidade, as múltiplas significações e as forças dos diversos temas grotescos, é preciso fazê-lo do ponto de vista da unidade da cultura popular e da visão carnavalesca do mundo; “fora desses elementos, os temas grotescos tornam-se unilaterais, débeis e anódinos”.<sup>21</sup>

Carlo Ginzburg, no seu livro *O Queijo e os Vermes*,<sup>22</sup> elogia a imagem “vivíssima” da discussão de cultura popular trazida pelo trabalho de Mikhail Bakhtin, através do influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica, todavia ressalta que o limite do trabalho de Bakhtin está relacionado a abordagem do autor, que enfoca os protagonistas, a partir dos quais tentou descrever a cultura popular, falando quase exclusivamente através das palavras de Rabelais, um erudito.

Em seu trabalho, Ginzburg busca melhorar essa abordagem desenvolvendo uma investigação, através da história de Domenico Scandella, um moleiro friuliano,

---

<sup>19</sup> BURKE, Peter. *Cultura Popular na idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 21.

<sup>20</sup> BAKHTIN, 1993, op. cit., p. 27.

<sup>21</sup> Ibid., p. 45.

<sup>22</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1987, p. 20-21.

conhecido por Menocchio, que foi condenado pela Inquisição. Através dessa documentação, consegue perceber leituras e discussões, pensamentos e sentimentos, dando novo enfoque ao processo de circularidade entre a cultura subalterna e cultura hegemônica, que se movia tanto de “baixo para cima”, como de “cima para baixo”.<sup>23</sup>

Ao propor esta discussão, Ginzburg se mostra bastante inquieto com a ambigüidade do conceito de “cultura popular”, exposto até aquele momento, pois alguns estudos ora atribuíam à cultura popular uma passiva adequação aos produtos sub-culturais, distribuídos com generosidade pelas classes dominantes; ora propunham uma tácita proposta de valores, ao menos em parte autônomos em relação à cultura destas classes; ora possuíam um estranhamento absoluto que se colocava até mesmo para além ou aquém da “cultura”.

Acompanhando algumas sugestões, e apesar das críticas, elogia a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante, contudo, ressalta ser necessário precisar os modos e os tempos dessa influência, e que tal posicionamento significa enfrentar o problema posto pela documentação que, no caso do popular, quase sempre é indireta. Ao concluir suas reflexões, afirma que, embora o conceito de “cultura popular” seja pouco satisfatório, faz sempre a opção por uma análise de classes.

Outro interessante estudo que traz questões para pensar a discussão acerca da cultura popular é o texto de Peter Burke, *Cultura Popular na Idade Moderna*<sup>24</sup>. O autor alarga as visões e problemas em torno desse debate, promove uma discussão pormenorizada e com muitos exemplos localizados na Europa durante a idade Moderna. Chama atenção para a falsa impressão de homogeneidade presente nesse conceito, alertando que talvez melhor fosse utilizá-lo no plural, ou substituí-lo por uma expressão como “a cultura das classes populares”.

Burke critica duramente o “modelo de duas camadas” de cultura de “elite” e “popular”, ressaltando que a fronteira entre as várias culturas do “povo” e as culturas das “elites” é vaga e, por isso, a atenção dos estudiosos deveria concentrar-se na interação e não na divisão entre elas.

---

<sup>23</sup> GINZBURG, 1987, op.cit., 13.

<sup>24</sup> BURKE, 1989, op.cit.

O autor provoca discussões acerca dos problemas suscitados pelo termo “cultura”, Burke fala sobre a ampliação de seu significado nos recentes estudos da chamada “história sócio cultural”, reconhece um estreitamento do uso em seu trabalho e admite ser impossível traçar um limite preciso entre o sentido estrito e o amplo de “cultura”.

Nesse sentido, o próprio Burke evidencia a objeção do historiador Roger Chartier ao seu conceito de “Cultura Popular”, que, apesar de tentar substituir inteiramente o conceito, não lhe parece contraditório, mas complementar. O autor enfatiza que o grande valor dos ensaios sobre “hábitos culturais populares”, realizados por Chartier, é o fato de este sempre ter em mente as indefinições da cultura. Observa que, de acordo com os estudos desse autor, não faz sentido tentar identificar cultura popular por alguma distribuição supostamente específica de objetos culturais, porque esses objetos eram, na prática, usados ou “apropriados” para suas próprias finalidades, por diferentes grupos, nobres e clérigos, assim como artesãos e camponeses.<sup>25</sup>

No interior desse debate, a posição de Chartier é sugerir que o consumo cotidiano é, também, um tipo de produção ou criação, pois envolve as pessoas imprimindo significado aos objetos:

O “popular” não está contido em conjuntos de elementos que bastaria identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de mais nada, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados.<sup>26</sup>

Com isso, enfatiza a pluralidade dos usos e entendimentos realizados pelos sujeitos. Para Chartier, compreender a Cultura Popular significa situar no espaço de enfrentamentos as relações que unem dois conjuntos de dispositivos: de um lado, os mecanismos da dominação simbólica, cujo objetivo é tornar aceitáveis, pelos próprios dominados, as representações e os modos de consumo que, precisamente,

---

<sup>25</sup> BURKE, 1989, op. cit., p. 24.

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, p. 184, 1993.

qualificam sua cultura como inferior e ilegítima, e, de outro lado, as lógicas específicas em funcionamento nos usos e nos modos de apropriação do que é imposto.

Ampliando o diálogo sobre cultura popular, outro historiador que participa desta discussão, optando por enfocá-la a partir de uma análise que privilegia o enfrentamento entre as classes, é o inglês Eduard P. Thompson, principalmente no livro *Costumes em comum: estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*<sup>27</sup>, no qual se preocupa especialmente com o tema do costume na Inglaterra do século XVIII. Ao utilizar o termo “cultura popular”, Thompson faz um alerta sobre os cuidados que precisamos ter com esse tipo de generalizações,

(...) Esta pode sugerir, numa inflexão antropológica influente no âmbito dos historiadores sociais, uma perspectiva ultraconsensual dessa cultura, entendida como “sistema de atitudes”, valores e significados compartilhados, e as formas simbólicas (desempenhos e artefatos) em que se acham partilhados. Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa (...) assume forma de sistema. E na verdade o próprio termo “cultura”, como sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto<sup>28</sup>

Para evitar cair em armadilhas ao utilizar indiscriminadamente conceitos como “cultura popular”, Thompson adverte que ele deve ser situado firmemente dentro de contextos históricos específicos.

Estas sugestões nos levam a perceber que a utilização do conceito “cultura popular”, bem como “circularidade cultural” devem ser realizadas com cautela, pois envolvem muita complexidade que, deixadas de lado pelo historiador no processo de interpretação, podem terminar por eliminar relações e tensões de grupos sociais que lutam para gerar seus lugares na História.

Deslocando o eixo dos estudos sobre a cultura popular, da Europa para o Brasil, focando especificamente literatura de folhetos, no que se refere à questão da produção e circulação entre cultura dominante e dominada, observamos que tais

---

<sup>27</sup> THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. Revisão técnica Antônio Negro e Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>28</sup> Ibid., p. 17.

estudos apresentam significativas ponderações. Alessandra El Far, por exemplo, em seu trabalho *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*<sup>29</sup>, ao abordar a literatura “popular”, explica que as obras tidas como populares, naquele contexto, não eram aquelas produzidas ou direcionadas a um público específico, e sim as que recebiam um tratamento editorial interessado em baixar custo de produção e dinamizar seu consumo.

A autora mostra que muitos romances voltados para o “povo”, escritos por autores brasileiros, foram inspirados em enredos europeus de sucesso, ou em escolas literárias em voga no Velho Mundo. No entanto, nem por isso perderam sua originalidade, pois, apesar do estrangeirismo latente, as narrativas e traduções brasileiras ganharam particularidades locais. As jovens protagonistas adquiriram, com os anos, feições próprias, em certas circunstâncias, uma pele amulatada, um temperamento específico, pronto para interagir com seu tempo e sua sociedade.

De acordo com a autora,

(...) no desafio de expandir e disseminar o exercício da leitura, (...) comerciantes editavam tudo. Versões mais baratas dos romances de Alencar e de Bernardo Guimarães, por exemplo, escritores em busca de sucesso, enredos pornográficos, manuais de assuntos diversos, livros infantis, volumes de cantigas e trovas, dentre muitos outros. Assim, os chamados “livros para o povo” não constituíam um gênero literário específico. Eram, acima de tudo, obras produzidas a baixo custo e vendidas por módicas quantias.<sup>30</sup>

Podemos depreender que no trabalho de El Far a caracterização “literatura popular” se dá, principalmente, pelo interesse de circuito da comercialização editorial, no qual a produção, o preço e o conteúdo dos livros se destinavam ao povo enquanto consumidor de um determinado produto, e não necessariamente era produzido por este.

Outro estudo que pode evidenciar o cuidado que os historiadores brasileiros vêm tomando com as caracterizações sobre literatura popular é o trabalho de Gilmário Moreira Brito, *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*, no qual há uma

<sup>29</sup> El FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>30</sup> El FAR, 2004, op.cit., p. 85.

preocupação em identificar o modo com o qual a Igreja Católica se utilizava dos folhetos religiosos, no formato da literatura popular em prosa e versos, para através de suas várias linguagens se aproximar de devoções “populares” a santos, cultuados por amplos setores de grupos sociais nordestinos que mantinham fortes vínculos com tradições orais. Através dessa oralidade, repassavam conteúdos, princípios, dogmas e práticas, com os quais fiéis devotados a santos podiam apreender e exercitar práticas religiosas do catolicismo que orientavam seus modos de vida, comportamentos e relações familiares ou de vizinhança.<sup>31</sup>

Sobre a utilização desse tipo de literatura, Gilmário Brito afirma que:

(...) nos ativemos à estrutura poética, narrativa e melódica (...) nos folhetos religiosos que apresentam uma linguagem erudita e rebuscada, própria de quem se expressa a partir de uma cultura letrada. Porém, a estrutura do folheto, (...) os procedimentos empregados no processo de classificação por estudiosos dessa literatura, o caráter pedagógico, e, principalmente, os esforços na produção de linguagens próximas a de grupos sociais que viviam em localidades mais ou menos distantes da presença de igrejas e padres, indicam que podem ser tomados enquanto fontes, pois permitem estudar formas de veiculação de tradições católicas e processos de construção de culturas religiosas de grupos “populares do Nordeste”<sup>32</sup>

Além sua preocupação com a aproximação da literatura de grupos sociais vinculados a tradições orais e distanciados dos códigos letrados, esse autor busca constantemente apreender o intercruzamento da linguagem letrada e erudita, derivada do clero, com linguagens orais, gestuais, visuais, nas leituras / transmissões / recepção dos folhetos religiosos. Tais práticas evidenciaram múltiplas e surpreendentes incorporações e reelaborações, permanentes de imaginários e práticas religiosas, carregadas de subjetividades, evidenciando o povo, também, como produtor.

A partir desses levantamentos, ressaltamos os diferentes caminhos percorridos por muitos estudiosos no sentido de abordar e estabelecer pressupostos acerca da definição do termo “cultura popular”. Acompanhamos, através dos

---

<sup>31</sup> BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. 2001. 295f. Tese de Doutorado em História Social - Programa de estudos Pós- Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Antonieta M. Antonacci.

<sup>32</sup> Ibid., p. 103.

debates, as dificuldades existentes em encontrar uma definição que não pareça escorregadia para o termo. Cientes dos perigos, fizemos a opção por utilizar o conceito de “cultura popular”, situando-o, é claro, dentro de seu contexto, e tendo sempre presente a noção de cultura popular como algo dinâmico, em constante transformação, relação e tensão com outras esferas da sociedade, justamente por entendermos que o conceito possui uma noção de classe.

Com essa discussão, percorremos um longo caminho apresentando diferentes abordagens nos estudos da cultura popular, surgida aqui a partir de um fragmento do texto do folclorista Basílio de Magalhães, que apontava a utilização por eruditos de fragmentos de poesias de criação popular. Procuramos evidenciar, a partir do diálogo com diferentes autores, como as abordagens sobre essa temática foram se construindo, tanto na perspectiva de compreender a dinâmica da cultura popular quanto, e principalmente, na tentativa de compreender como grupos de estudiosos que denominamos de folcloristas procuraram construir o lugar do outro dentro da sociedade e da nação e assim ser a referência.

Mas, retornando aos estudos de Basílio de Magalhães sobre a presença da poesia popular, esse autor expõe informações sobre a poesia de folhetos no Brasil, afirma que, apesar de ser bastante forte esse tipo de literatura no Nordeste, no momento em que escrevia o livro, (1928), possuía apenas meia dúzia de folhetos, pois eram poucos os que chegavam ao sul do país. No entanto, de acordo com o estudioso, graças a Rodrigues de Carvalho, Gustavo Barroso e Leonardo Mota, folcloristas que muito se preocuparam em recolher as poesias de folhetos, “o melhor que contém taes edições” já foi aproveitado em suas obras.<sup>33</sup> Elogia o trabalho desses intelectuais por conseguirem retratar muito da “nossa” poesia de “cordel”.

A indicação de Magalhães foi preciosa para este estudo, pois a partir de sua sugestão tentamos acompanhar a produção desses três autores, buscando em seus trabalhos materiais importantes, e ainda não mapeados, acerca da literatura popular, que ajudassem a melhor formular questões e organizar uma problemática sobre a religiosidade nos folhetos.

Nesse processo, observamos que tanto as produções de José Rodrigues de Carvalho, como Gustavo Barroso, poderiam ser úteis para o presente trabalho,

---

<sup>33</sup> MAGALHÃES, 1928, op. cit., p.12.



contudo, pela indisponibilidade de acesso a todas as publicações dos autores, escassez de tempo para aprofundar o diálogo com as obras dos três folcloristas, e principalmente por termos percebido aspectos singulares da literatura de folhetos produzida no Recife bastante presentes nas coletas do terceiro folclorista, Leonardo Mota, fizemos um recorte privilegiando a produção desse último estudioso.

### **2.1.2. “Ninguém me fale de padre, seja lá o que for” - Em busca da fé do outro: religiosidade na construção do folclorista**

Leonardo Mota nasceu na Vila de Pedra Branca, Ceará, no dia 10 de maio de 1891 e tornou-se Bacharel, formado pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1916. Destacou-se inicialmente como colaborador da Imprensa, escrevendo para seções humorísticas, até que seus trabalhos alcançaram êxito e repercussão, marcados por sua originalidade.<sup>34</sup>

É geralmente apontado por outros folcloristas como profundo conhecedor da realidade e peculiaridades das culturas sertanejas, e admirador entusiasta da literatura oral nordestina, especialmente anedotas, adágios, ou provérbios populares, presentes na poesia. Nos volumes publicados de sua obra, podemos observar esta aproximação, pois esses materiais se tornaram carregados de cantos, trovas e desafios, incorporados ao seu trabalho através de retransmissões de cantadores, violeiros, repentistas e emboladores.

Segundo Basílio de Magalhães, Leonardo Mota era conhecido como “garimpeiro do folclore”, “repórter da alma sertaneja”, “embaixador do sertão”, cuja obra compreendia “insuperáveis colheitas da fina flor do cancionero primitivo”.<sup>35</sup>

Apesar da dita “proximidade” com o sertão, anunciada em observações com relação ao trabalho de Leonardo Mota, nessa parte do texto, abordaremos alguns enfrentamentos e tensões presentes em suas coletas e interpretações acerca da

---

<sup>34</sup> CASCUDO. Luis da Câmara. Apresentação. In: MOTA, Leonardo. *Cantadores: poesia e linguagem do sertão cearense*. 3ª edição. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961, p. 10.

<sup>35</sup> MAGALHÃES, 1928, op.cit., p. 8-9.

cultura popular, principalmente por perceber diferenças significativas entre o que ele coletava e aquilo que pudemos localizar na literatura de folhetos.

Acreditamos que as tensões existentes entre os folhetos e as coletas de Mota aconteciam fundamentalmente devido à posição social ocupada pelo folclorista que, muitas vezes, buscava a cultura popular como algo estanque e localizado, atribuindo às histórias que coletava um certo grau de ingenuidade. Talvez seu grande problema fosse tentar encontrar uma cultura popular “idílica”, “estagnada” e “pura” no campo, quando há muito tempo ela já estava presente, transformando-se e dinamizando-se na cidade.

Observamos que a tendência à visão estagnada, presente na obra de Mota, é decorrente dos métodos e concepções que muitos folcloristas do século XIX desenvolviam em relação ao estudo das culturas, buscando-as com a finalidade de compará-las, mesmo que os parâmetros não fossem os mesmos. Nesse sentido, Herman Lima - escritor pré-modernista, médico, romancista, poeta - atenta para o lado “aventureiro” de Leonardo Mota, que “jamais se jactava a metodologia dos estudos comparativos de folclorista de gabinete”, e, por isso, passou anos de sua vida se dedicando às literaturas mais “exóticas”, percorrendo através de difíceis caminhos rastros etnográficos ou antropológicos para estabelecer uma analogia, de que se servia, “para ligar o fula da Guiné portuguesa ao sarará do Seridó, o lapão da Groenlândia ao dolococéfalo ariano da Alta Germânia”.<sup>36</sup>

Por meio das palavras de Lima, notamos que a “analogia” de Leonardo Mota não fugia do caminho trilhado por diversos folcloristas do século XIX, que saíam a campo para conhecer a realidade, e estabelecer categorias para cada elemento que encontravam. O grande problema desse método era que seus estudiosos terminavam por estabelecer relações atemporais e hierarquizantes entre os elementos que encontravam, ligavam “o fula da Guiné portuguesa ao sarará do Seridó”, ignorando a espacialidade, a relação do homem com o meio ambiente e sua história.

Acerca das aproximações entre culturas longínquas, Edward Thompson lembra os problemas decorrentes nesse período, conhecido pelo

---

<sup>36</sup>LIMA, Herman. Apresentação. In: MOTA, Leonardo. *Viroleiros do Norte: poesia e linguagem do sertão nordestino*. 3<sup>o</sup> edição. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962, p.10.

[...] interesse estritamente classificatório com relação ao costume e ao mito, algo semelhante ao interesse taxonômico de outras ciências oitocentistas. Costumes e crenças foram escrupulosamente examinados de acordo com seus atributos formais e, então, essas propriedades formais foram comparadas transpondo-se imensos abismos culturais e temporais.<sup>37</sup>

A complicação desse método estava em estabelecer uma cultura como a mais “evoluída”, e sair à procura das outras culturas “atrasadas”, suas especificidades e origens, sem notar que, na verdade, elas se relacionavam e transformavam o tempo todo. No trabalho de Leonardo Mota não é difícil localizar essa deficiência, pois, partindo do cerne da “cultura erudita”, o folclorista adentrava o sertão no intuito de coletar e comparar os fragmentos da “cultura do povo”, sem perceber que essa também sofria transformações e modificações no processo histórico.

O empenho de Mota para realizar seus estudos através de métodos comparativos era tão grande que, conforme lembra Lima, sacrificou tudo, “um cartório rendoso, de que se desfez a trôco de dez réis de mel coado, sossego próprio, estabilidade da família, saúde e confortos citadinos”. De acordo com o autor, o maior interesse de Mota era conviver com o homem do sertão, “caboclo de alpercata”, de chapéu-de-couro, “avesso a etiquetas atrofiadas da fibra natural”, o “homem do pão-pão, queijo-queijo”, que encheria páginas e páginas dos livros do folclorista.<sup>38</sup>

Na concepção de Herman Lima, Leonardo Mota era

(...) faiscador em primeira mão de tanto tesouro perdido na ganga bruta da alma popular, em adagiário, anedotário, desafios e trovas, ou na simples coleta da exata locução matuta, do mais alto teor expressional e psicológico e do mais vivo alcance para a compreensão da nossa gens<sup>39</sup> (sic)

Depreendemos da definição de Lima a importância atribuída ao folclorista que, de acordo com sua concepção, exerceu papel de “faiscador”, ou seja, garimpeiro nômade, que buscava “riquezas” tanto em áreas de minas, onde

<sup>37</sup> THOMPSON, 2001, op. cit., p. 232.

<sup>38</sup> LIMA, 1962, op. cit., p. 10.

<sup>39</sup> Ibid., p. 9.

abundassem os “valiosos tesouros”, como também em regiões já empobrecidas e abandonadas. Lima acreditava que o grande diferencial de Mota era “garimpar”, ele mesmo, os saberes “mais arraigados na alma matuta” e, através de suas coletas, “extrair” o “tesouro” mais velado nos modos de expressar da nossa gente.

Acerca dessa relação com o “garimpo”, atribuída a Leonardo Mota, reforçamos que, embora conseguisse recolher e registrar aspectos singulares da cultura popular brasileira, na maioria das vezes não tinha qualquer noção dos sentidos, significados e importância que essas manifestações cumpriam na vida e no cotidiano das pessoas das quais retirava os fragmentos.

Embora houvesse uma defasagem na lógica da coleta empreendida por Mota e também em suas interpretações acerca da cultura popular, não podemos ignorar a abundância, riqueza e precisão das informações coletadas. Suas principais publicações foram: *Cantadores* (1921), *Violeiros do Norte* (1925), *Sertão alegre* (1928), *No tempo de Lampião* (1930), *Prosa vadia* (1932), além de artigos publicados na imprensa.

Examinamos algumas produções de Leonardo Mota para serem trabalhadas nesse capítulo, dentre elas optamos por dialogar principalmente com o seu livro *Violeiros do Norte: Poesia e linguagem do sertão Nordestino*<sup>40</sup>, publicado pela primeira vez em 1925, pois neste trabalho encontramos informações singulares acerca da poesia produzida em Pernambuco; narrativas religiosas que não são localizadas em outros materiais; e também informações singulares acerca de poetas que se destacaram na produção das primeiras publicações de folhetos populares.

Há, no volume, um capítulo que trata exclusivamente da *Religião na poesia do povo*, e está carregado de informações e juízos de valor do folclorista acerca das crenças religiosas de seus entrevistados. No início do capítulo, Mota evidencia que temas ligados à religiosidade não poderiam escapar às pesquisas sobre a poesia popular, já que era um elemento “arraigado na alma de nossa gente”<sup>41</sup>. De acordo com o folclorista, os cantadores se especializavam na discussão e comentários sobre a doutrina católica.

---

<sup>40</sup> MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte: poesia e linguagem do sertão nordestino*. 3<sup>o</sup> edição. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 181.

Para ratificar sua posição, transcreveu uma narrativa onde a presença religiosa era forte e manifestada, a história se chama *Castigo da soberba* e evidencia a confiança que os sertanejos depositavam na justiça divina:

Criou-se sem ir à Missa  
E nunca se confessou,  
Pôs os pés na santa Igreja  
Só quando se batizou,  
Negócio de penitência  
Êle nunca procurou.

Esmola por caridade  
Isso nunca que êle deu;  
Deitava e se levantava,  
Porém nunca se benzeu;  
Viveu assim, dêste gosto,  
Te o dia em que morreu<sup>4</sup> (sic)

Mota ouviu e transcreveu esse trecho do cantador Anselmo Vieira de Sousa. A narrativa conta a história do julgamento de um pecador, acusado pelo “Cão” de nunca ter seguido os preceitos católicos. Nos versos recortados, percebemos que o autor, ao narrar as atitudes do personagem, enfatiza seu distanciamento de obrigações que considerava pertinentes ao exercício religioso da fé católica, comenta os erros do fiel, e afirma valores para seus leitores acerca das práticas cotidianas da religião.

As mensagens religiosas se iniciam no título do poema, *Castigo da soberba*, que remete imediatamente a um dos sete pecados capitais, considerados sem perdão pela Igreja Católica, a soberba, que é descrita no folheto pelo modo de vida do personagem, caracterizado por grandes despesas supérfluas e gostos com ostentação e prazer, o que resulta em um castigo sem perdão, no momento de seu julgamento final.

Além da crítica aos indivíduos que colocavam em primeiro plano o ato de “ter” ao invés das virtudes de sujeito temente a Deus, percebemos na narrativa uma sugestão da trajetória de vida e morte de um cristão obediente à religião: Ao nascer, deveria ser “batizado”, para fazer parte da Igreja Católica, “criando-se” naquela comunidade religiosa, e cumprindo seus sacramentos; Deveria se confessar, fazer penitência, participar das missas, benzer-se, e dar esmolas em sinal de caridade e concretização do relacionamento com Deus, exercendo obrigações e virtudes,

cumpridas cotidianamente do deitar-se ao levantar-se, durante todos os dias de sua vida.

Percebemos, através do recorte transcrito, que, de acordo com afirmações de Leonardo Mota, a presença de valores católicos era constante nas narrativas da literatura de folhetos, e poderiam tanto estar presentes como afirmação, ou crítica àqueles que não os seguiam corretamente. A obra do folclorista está carregada de exemplos que indicam a afirmação dos valores religiosos em oposição a valores mundanos.

Embora o estudioso tenha conseguido encontrar e registrar manifestações da religiosidade católica nos folhetos da literatura popular, nem sempre as interpretou com a devida cautela, sem levar em consideração a peculiaridade e historicidade das produções que recolhia, por isso salientamos que é preciso ter cautela ao lidar com suas conclusões acerca dessa cultura religiosa.

As interpretações do folclorista acerca religiosidade presente nos folhetos populares, assim como as próprias narrativas que recolheu, serviram de mote para adentrar a discussão sobre as peculiaridades e contornos das manifestações de religiosidade presentes e difundidas nos folhetos populares produzidos no Recife nas duas primeiras décadas do século XX. Dizemos isso porque suas opiniões e pontos de vistas sobre essa religiosidade presente nos folhetos praticamente nos forçaram a problematizar as relações, tensões e os lugares sociais que diferentes indivíduos ocupavam e tentavam defender naquela cidade inserida num processo de transformação e modificação, no qual os indivíduos assumiam posicionamentos e pontos de vista no intuito de defender suas opiniões, valores e tradições.

Ao pesquisar o material do folclorista e também as narrativas desse período, chama-nos atenção as informações que o estudioso traz acerca das relações entre poetas e as instituições religiosas, aqui representadas diretamente pelos membros do clero católico. Como nossa proposta é perceber relações e tensões entre distintos sujeitos, seus posicionamentos diferenciados, a defesa de suas tradições, valores e o modo como imprimiam e difundiam seus posicionamentos no intuito de afirmar valores que professavam, decidimos aceitar o desafio e iniciar a discussão acerca da religiosidade presente nos folhetos por meio dessa temática indicada e enfatizada por Leonardo Mota.

Durante a leitura de seu texto, encontramos diferentes passagens referentes ao relacionamento do homem sertanejo com membros do clero católico. Acerca dessa temática, Leonardo Mota é enfático ao afirmar que o sacerdote era um ser à parte no seio da comunidade sertaneja, “respeitado” e “obedecido ninguém lhe discute os ensinamentos, e se o padre católico também erra ou peca, não é aos seus súditos em Cristo que cabe julgá-lo”<sup>42</sup>:

Ninguém me fale de padre,  
Seja lá que padre for:  
Não gosto de ouvir falar  
Dos ministros do SENHOR

Eu, como sou pecador,  
Estando são ou doente,  
Quero ver na minha frente  
Um ministro do SENHOR.<sup>43</sup>

O folclorista utiliza estes versos para afirmar o que tenta construir no decorrer do seu texto, quando sucessivamente mostra narrativas e opiniões que tentam evidenciar a imagem do padre como uma figura respeitada e presente na vida dos fiéis. Esta perspectiva, enfatizada por Leonardo Mota, é constante em seu texto.

Em suas coletas encontramos um texto utilizado pelo folclorista para ratificar sua concepção acerca da imagem dos religiosos, seu comportamento sério e respeitado. Na seção referida, o estudioso tenta demonstrar o emprego do dizer popular “Deus escreve direito por linhas tortas”, transcrevendo uma narrativa na qual a figura do padre é muito presente e referenciada, pois aparece associada à imagem de Santo Antônio:

Enterrado a mulher,  
Depois que se viu sózinho  
Correu dentro de uma mata,  
Depois saiu num caminho  
E viu que atrás vinha um homem  
Amontado num burrinho.

Pareceu-lhe que era um padre,  
Olhou pra diante e pra trás:  
- “Padre sempre dá conselho,:

---

<sup>42</sup> MOTA, 1962, op.cit. p. 181.

<sup>43</sup> Ibid., p. 181.

Eu já sei padre o que faz,  
 Nem que êle dê mil conselho:  
 Eu morro, não volto mais!"<sup>44</sup> (sic)

É sabido que, no Nordeste do Brasil, a condução em lombo de animal foi bastante utilizada tanto para o transporte de pessoas, como também cargas, contudo, no trecho que descreve a aparição do padre “amontado num burrinho”, existe forte associação entre o padre e a imagem de Jesus Cristo que, em sinal de humildade e para cumprir a profecia, adentrou Jerusalém montado no lombo de um “jumentinho”, no Domingo de Ramos, momento que abre as celebrações da Semana Santa<sup>45</sup>. Logo, a associação do padre à santidade de Jesus Cristo é o primeiro momento de destaque do trecho recortado.

Em seguida há outra característica que trata do bom relacionamento dos padres com seus fiéis, pois evidencia sua boa vontade em distribuir conselhos a quem necessitasse: “Padre sempre dá conselho / Eu já sei padre o que faz”, e provavelmente suas recomendações persuadiam os fiéis, já que o indivíduo tenta se convencer de que, mesmo que o padre viesse com seus “mil conselho”, ele não abandonaria a idéia de tirar sua própria vida.

Durante a narrativa, o fiel conversa com o padre, que é caracterizado com feições de “brandura”, “maciez”, “energia”, “semblante risonho”, com “palavras de grande valor” e opiniões inspiradas “pela providência”. O interessante é que em nenhum momento da conversa o sujeito percebe se tratar de Santo Antônio, e não de um simples padre, indicando uma possível conduta exemplar de alguns sacerdotes que poderiam, inclusive, ser confundidos com santos.

Essa narrativa avigora a opinião do folclorista acerca do respeito e admiração que os poetas populares dirigiam à imagem dos religiosos. A figura do padre e a do santo exercem uma fusão tão significativa na história que reforça a idéia do respeito à imagem “impecável” dos sacerdotes.

<sup>44</sup> MOTA, 1962, op.cit. p. 197.

<sup>45</sup> “Então Jesus enviou dois discípulos, dizendo: ‘Vão até o povoado, que está na frente de vocês. E logo vão encontrar uma jumenta amarrada, e um jumentinho com ela. Desamarrem e tragam os dois para mim. Se alguém lhes falar alguma coisa, vocês dirão: ‘O Senhor precisa deles, mas logo os mandará de volta’. Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta: ‘Digam à filha de Sião: eis que o seu rei está chegando até você. Ele é manso e está montado num jumento, num jumentinho, cria de um animal de carga’”. (Mateus, 21: 1-5). BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada* - Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, p. 1266-1267.



O folclorista dizia conhecer tão bem os gostos e posicionamentos dos sertanejos com os quais tomou contato durante suas incontáveis viagens pelo Nordeste do Brasil, que chegou a fazer uma advertência aos pesquisadores, enfatizando que os poetas não compunham narrativas criticando posturas dos religiosos: “Faria um rol reduzidíssimo quem se propusesse a catalogar as irreverências religiosas contidas na poesia do povo”.<sup>46</sup> A recomendação mostra que na sua percepção a relação dos homens sertanejos com os religiosos parecia ser tão definida e harmoniosa que as críticas encontradas constituíam um rol “reduzidíssimo”.

Apesar da insistência de Leonardo Mota na caracterização do padre como um sujeito bastante respeitado e bem visto na sociedade, o próprio folclorista vê a necessidade de reproduzir uma sátira, cuja aquisição foi “até” motivo de surpresa para ele, já que, ao contrário do que afirmara repetidamente, essa narrativa continha pesadas críticas aos membros da Igreja Católica.

Transcreve a história sem informar autor, local, nem data da coleta. A narrativa conta sobre o enterro do cachorro de um inglês, que, mediante pagamento ao padre e bispo, conseguiu, para seu animal, um imponente sepultamento:<sup>47</sup>

Um inglês tinha um cachorro  
De uma grande estimação,  
Morreu o dito cachorro  
E o inglês disse, então:  
- “Mim enterra êste cachorro,  
Inda que gaste um milhão.”  
(...)  
-“Mim quer enterrar cachorro!”  
Disse o Vigário: - ô inglês,  
Você pensa que isto aqui  
É o país de vocês?  
Disse o inglês: - “Com cachorro  
Gasto tudo, desta vez...  
  
“Êle, antes de morrer,  
Um testamento aprontou,  
Só quatro contos de réis  
Para o vigário deixou...”  
Antes do inglês findar,  
O vigário suspirou.<sup>48</sup> (sic)

<sup>46</sup> MOTA, 1962, op. cit., p. 182.

<sup>47</sup> Essa narrativa presente em diversos folhetos populares foi adaptada e incluída na peça “O auto da Compadecida” de Ariano Suassuna.

<sup>48</sup> MOTA, 1962, op. cit., p. 213-214.

Na narrativa coletada por Mota, percebemos o motivo do espanto demonstrado pelo folclorista ao se surpreender com as críticas direcionadas ao clero católico na história. Nesse trecho notamos como o poeta aborda a atitude do religioso, apontando-o como interesseiro, disposto a vender, “por um bom precinho”, os serviços do Senhor e da salvação. Notamos o desespero do outro personagem ao constatar que teria que dispensar uma grande quantidade de dinheiro para conseguir o que queria: “Com cachorro Gasto tudo, desta vez...”.

Além da crítica ao padre, o folheto evidencia o estranhamento com relação a outros sujeitos de atitudes desviantes. Observamos no recorte a alegorização do estrangeiro, um indivíduo de nacionalidade inglesa, que apresentava desejo curioso e excêntrico, retratado na história. O poeta enfatiza a presença desse inglês, rico detentor do poder monetário, disposto a gastar quanto fosse necessário para cumprir o desejo de enterrar seu cachorro e evitar que os “urubus do Brasil” comessem o animal. É um personagem estereotipado, inclusive na forma de falar, que reproduz erros de concordância geralmente praticados pelos estrangeiros, recém chegados ao Brasil: “Mim enterra”, “Mim quer enterrar”, o que indica uma tentativa de assemelhar o personagem à realidade, e assim melhor caracterizá-lo<sup>49</sup>.

O capitalista de fala e hábitos diferentes deseja obter a prestação de serviços religiosos para uma finalidade estranha ao poeta, que registra tanto suas ações destoantes, como também daqueles que se submetem ao seu poder monetário. A partir disso, há destaque às ações do padre, que a princípio marca sua posição de estranhamento com relação à situação, lembrando ao estrangeiro que ele não estava em seu país: “Você pensa que isto aqui / é o país de vocês?”, e, no entanto, logo em seguida, rende-se, a partir do aceno da possibilidade de ganhar algum

---

<sup>49</sup> Com relação à presença dos ingleses no Recife, Raimundo Pereira Alencar Arrais afirma que através do capital estrangeiro, notadamente inglês, o Recife recebe, depois de meados do século XIX, uma seqüência de equipamentos modernos: água canalizada, trecho Recife-Cabo da Estrada de Ferro Recife – São Francisco, Estrada de Recife-Olinda-Beberibe, serviços de bonde de tração animal, serviço telegráfico, serviço telefônico manual, de tal forma que em 1900, sob certos aspectos o Recife já podia ser chamado de “cidade moderna”. Abordaremos mais detidamente a presença e enfrentamentos direcionados aos ingleses no capítulo 3. ARR AIS, Raimundo Pereira Alencar. *Recife, Culturas e Confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 1998, p. 43.

dinheiro: “ quatro contos de réis / Para o vigário deixou...”, mudando completamente sua posição ao suspirar de regozijo com o aceno do pagamento.

No trecho, apreendemos a intenção do poeta em evidenciar um estranhamento com relação à presença dos estrangeiros e também “problemas” na conduta dos religiosos. Chama atenção aos modos “desviantes” de ambos apresentados numa poesia estereotipada e bem humorada, na qual sátiras e críticas são direcionadas a esses sujeitos.

Os trechos desse folheto, encontrados no livro *Violeiros do Norte*, apresentam-se como indício para que percebamos tensões entre o que o folclorista apresentava acerca da relação entre fiéis e os membros do clero católico, e aquilo que poderia ser encontrado nos próprios folhetos populares. Lembramos que o folclorista considerou essa poesia uma exceção, já que, como afirmava repetidamente, eram muito raras nos folhetos críticas aos membros da Igreja Católica.

Tentamos seguir as pistas deixadas pelo folclorista, na intenção de percebermos minuciosidades em relação às tensões apresentadas pelo estudioso. Apesar da falta de indicação de autoria, local e data do material coletado, através de algumas antologias, conseguimos identificar a narrativa como pertencente à lavra de Leandro Gomes de Barros<sup>50</sup>, autor cuja produção é enfatizada neste trabalho justamente por marcar lugares sociais através de suas poesias.

A narrativa recolhida por Mota e escrita por Barros intitula-se *O Dinheiro*, foi produzida na cidade do Recife em 1909, possui 16 páginas e está acompanhada de mais duas narrativas, *Casamento do sapo* e *Ultimas palavras dum papa*. O trecho do folheto coletado encontra-se nesse material, que traz a narrativa completa e faz pesadas críticas à submissão das pessoas ao poder representado pelo dinheiro:

O dinheiro neste mundo  
Não há força que o debande,

---

<sup>50</sup> PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Antologia Literatura Popular em Verso*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 576; BARROS, Leandro Gomes de. *O dinheiro*. *Antologia Leandro Gomes de Barros -3*. Tomo V. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1980.

Nem perigo que o enfrente,  
 Nem senhoria que o mande.  
 Tudo está abaixo d'elle  
 Só elle alli é o grande.

Elle impera sobre um throno  
 Cercado por ambição,  
 O chaleirismo a seus pès  
 Sempre está de promptidão,  
 Perguntando-lhe com cuidado  
 -O que lhe falta, patrão?

No dinheiro tem se visto  
 Nobreza desconhecida,  
 Meios que ganham questão  
 Ainda estando perdida,  
 Honra por meio da infâmia,  
 Gloria mal adquirida.

Porque só mesmo o dinheiro  
 Tem maior utilidade,  
 E o pharol que mais brilha  
 Perante a sociedade.  
 O código dalli é elle  
 A lei é sua vontade.<sup>51</sup> (sic.)

Nesse recorte, o poeta tenta descrever a importância atribuída ao dinheiro na sociedade em que vivia, mostrando o poder que este exercia sobre as coisas e as pessoas: “Tudo está abaixo d'elle / Só elle alli é o grande”, evidenciando ser o poder financeiro capaz de se sobrepôr a todos os outros elementos da sociedade, inclusive valores, costumes e práticas, como foi o caso do vigário apresentado no folheto, que mostrava sua venalidade, e abria mão de suas tradições religiosas em troca de alguns contos de réis.

O poeta demonstra sua opinião acerca dos elementos que cercavam o dinheiro, mostrando que, pelo fato de exercer domínio sobre pessoas e coisas à sua volta, possuía um “reino” cercado por “ambição” e “chaleirismo” (bajulação), e, embora tivesse “honra”, esta somente se destacava por meio da infâmia. Diante da alusão de que o dinheiro é o “pharol que mais brilha perante a sociedade”, o poeta critica a relevância que os valores materiais adquiriam na cidade que se modificava. O autor insistia na observação de que as práticas da sociedade “de antigamente”

---

<sup>51</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O dinheiro. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V, op. cit., p. 90-91.

estavam se tornando cada vez mais dispensáveis e relacionadas a ganhos monetários.

Nesse sentido, a narrativa encontrada no folheto tenta mostrar o poder do dinheiro ao corromper aqueles que se mostrassem fracos diante das tentações dos novos tempos, como foi o caso do vigário, que, diante do adiantamento de alguns contos, não somente sagrou o sepultamento do cachorro, como também encomendou sua alma, fez a missa de corpo presente, com direito a ladainha e tudo. No entanto, a crítica do folheto não se direcionava a um sujeito à parte no clero, o poeta lembra que o vigário não estava isolado na ação:

Mandaram dar parte ao bispo  
Que o vigário tinha feito  
O enterro do cachorro.  
Que não era de direito,  
O bispo ahi fallou muito  
Mostrou-se mal satisfeito.

Mandou chamar o Vigário  
Prompto o Vigário chegou  
As ordens sua excellencia...  
O bispo lhe perguntou:  
Então que cachorro foi  
Que o Reverendo enterrou?

Foi um cachorro importante  
Animal de intelligencia:  
Elle antes de morrer  
Deixou á vossa excellencia  
Dois contos de reis em ouro...  
Se errei tenha paciência.

Não foi erro, sr. vigario,  
Você é um bom pastor  
Desculpe eu incomodal-o  
A culpa é do portador,  
Um cachorro como esse  
Já vê que é merecedor.<sup>52</sup> (sic)

Percebemos que, não contente com a atitude do vigário, o poeta envolve também outros segmentos do clero na armação. O bispo é chamado a fazer parte da história, e a princípio se mostra indignado, “mal satisfeito”, querendo apurar o acontecido, manda trazer o vigário para saber sobre o que havia ocorrido. Dirige-se

---

<sup>52</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O dinheiro. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. op. cit. p. 95-96.

ao subordinado com autoridade de quem deseja repreendê-lo e pede explicações sobre o acontecido. Nesse momento, percebemos a malandragem do vigário que, ao ser pressionado, inventa que metade dos quatro contos recebidos havia sido oferecida ao bispo, que também teria direito à herança. Armado o golpe, ainda se finge de desentendido: “Se errei tenha paciência”, ao que o bispo reage prontamente, mudando completamente sua posição ao saber que também seria contemplado com a “herança”. Ao final, o religioso não somente aceita a transação, como elogia a atitude do padre e a astúcia do cachorro.

Notamos que a narrativa chama atenção para as atitudes venais de membros do clero que, em troca de riquezas materiais, vendem-se sem muita cerimônia. As críticas apontadas na narrativa de Leandro Barros são bastante contundentes e podem servir de indício para problematizar tanto as atitudes do clero presente na cidade do Recife em finais do século XIX e início do XX, como também o referencial de comportamento religioso defendido e pertencente ao poeta.

No entanto, retornando ao trabalho de Leonardo Mota, insistimos que o folclorista tomou a narrativa como uma simples exceção dentro da produção dos poetas populares que investigava, enfatizando a “raridade” de críticas direcionadas aos religiosos. Na opinião do folclorista, o respeito e admiração estavam constantemente presentes na relação do homem sertanejo com os religiosos, figuras tomadas como modelo de conduta.

Contudo, ao observarmos mais detidamente aspectos da poesia que o folclorista dizia conhecer “como ninguém”, observamos que suas percepções nem sempre correspondiam inteiramente as suas afirmações. Encontramos nas coletas realizadas e publicadas pelo folclorista uma outra indicação de que as relações entre fiéis e religiosos nem sempre eram “tão” harmoniosas quanto pretendia o estudioso. Veja essa estrofe retirada do capítulo “Religião e na poesia do povo” de *Viroleiros do Norte*:

Pode-se achar sogra boa,  
Padre desinteressado,  
Italiano inocente,  
Cigano sério e honrado  
O que nunca ninguém viu

Foi nova-seita corado.<sup>53</sup> (sic)

Nesse recorte, utilizado para evidenciar quanto os sertanejos abominavam os protestantes, aqui denominados “nova-seita”, percebemos que, para satirizar indivíduos de religião e crença diferenciada, o poeta utiliza a alegoria com outras figuras, geralmente “má afamadas” da sociedade, a exemplo da sogra, do italiano, do cigano e, o mais interessante, do padre, que é colocado nesse rol de figuras “problemáticas” sem maiores cerimônias, indicando que padres “desinteressados”, que se mostrassem desprendidos, generosos, privados de interesses (de lucro inclusive) eram difíceis, mas poderiam ser encontrados!

Ou seja, em um único capítulo de seu livro, o folclorista coletou outra crítica direcionada aos membros do clero católico e não percebeu, ou não disse que não percebeu. Acreditamos haver uma tensão entre o posicionamento do folclorista e os materiais que coletava acerca da produção da poesia popular. A partir de sondagens realizadas em folhetos do início do século XX, produzidos na cidade de Recife, alguns coletados por Leonardo Mota, notamos que o intelectual não conseguia compreender que as satirizações não eram ocasionais, aleatórias, eventuais, e, na verdade, poderiam ser encontradas com certa frequência nas narrativas.

Há um problema a ser pensado com relação à postura de Mota, pois, por mais que tentasse se aproximar da poesia popular, através de viagens, coletas, convívio com o homem do sertão, o “matuto”, o poeta, e todos esses sujeitos do interior, o folclorista possuía uma percepção bastante diferente daquilo que podia ser encontrado nos folhetos que ele mesmo coletava, ou seja, enquanto o estudioso buscava a produção presente na literatura que supunha estar presa no campo, com valores, costumes e tradições estagnadas, como sugeria ao propor a relação entre religiosos e fiéis, essa cultura se mostrava bastante diferenciada, dinâmica.

Sugerimos que, enquanto o folclorista buscava uma cultura popular homogênea, pura e bucólica, no intuito de recolher, prender e guardar aspectos da cultura popular sertaneja com objetivo de “salvá-la” e “protege-la” do esquecimento, não conseguia perceber que, na verdade, ela estava viva, era dinâmica e se transformava a partir das novas situações presentes na dinâmica da sociedade.

---

<sup>53</sup> MOTA, 1962, op. cit. p. 186.

O folclorista não percebia que, enquanto procurava uma cultura popular “idílica” e “ingênua” no campo, muitos aspectos dela já se manifestavam e marcavam lugares sociais na cidade, por ação dos muitos sertanejos que ali chegavam em busca de melhores condições de vida e sobrevivência, levando consigo suas manifestações que passavam a ser registros contundentes no sentido de apontar problemas, transformações e modificações que incomodavam esses novos indivíduos que ali passavam a viver.

As produções dos folhetos, que traziam uma relação umbilical com o sertão, eram carregadas de valores, experiências e sentimentos, utilizados como referencial em relação aos enfrentamentos empreendidos na cidade. As narrativas registravam posicionamentos, críticas, valores em defesa de tradições constantemente colocadas em xeque na nova dinâmica da urbe.

Essa ligação com o sertão, presente nos folhetos, era bastante peculiar, no sentido de defender sentimentos que muitas vezes entravam em embate com outros segmentos da sociedade, como acontecia no caso dos membros do clero, por exemplo. Os poetas partiam em defesa de uma tradição que cobrava posturas éticas, morais, referendadas por atitudes que tinham na moral, caridade, desprendimento, valores singulares de sua prática religiosa. Logo, diante de uma outra realidade, na qual notavam os “representantes da fé” assumirem atitudes suspeitas, interesseiras e gananciosas, suas narrativas não se faziam de rogadas em repreendê-los, satirizá-los e partirem em defesa de tradições que julgavam mais acertadas.

Nesse sub-capítulo, abordamos as tentativas de alguns intelectuais – folcloristas – em se aproximarem e recolherem fontes que diziam estar relacionadas às “origens do Brasil”, estreitamente ligadas à cultura do povo. Apontamos as maneiras como esses estudiosos, em especial o folclorista Leonardo Mota, recolheram, estudaram e perceberam os modos de ver e viver da população mais pobre, principalmente sua religiosidade, produzida a partir da literatura de folhetos. Ressaltamos que as impressões desses estudiosos nem sempre se parecem com aquelas encontradas em folhetos da época, como os que vamos trabalhar no próximo sub-capítulo.



## **2.2 - Poesia e religiosidade em folhetos populares: observações acerca do Clero Católico**

A partir de agora vamos apresentar algumas narrativas produzidas pelo poeta Leandro Gomes de Barros, na tentativa evidenciar seus posicionamentos contundentes no intuito de difundir uma moral religiosa bastante forte, defensora de valores e tradições que o poeta trouxera consigo do sertão, e que cobrava posturas contundentes daqueles que viviam e praticavam a cidade, principalmente seus representantes religiosos.

Abordaremos alguns aspectos de sua produção, principalmente aqueles relacionados a atitudes e visões acerca da religiosidade católica, mais especificamente com relação às posturas e atitudes do clero que, na obra do poeta, perceptivelmente fugia dos modelos de atitudes que trazia consigo, como referencial de bom comportamento religioso. Ao chegar à cidade, o poeta capta comportamentos desviantes por parte do clero e, a partir disso, empreende enfrentamentos que se destacam tanto pela defesa de uma religiosidade mais próxima ao sertão, como pela ofensiva contra aquilo que considerava incorreto. Através das fontes, perceberemos que a visão presente em muitos folhetos, muitas vezes se diferenciava substancialmente de outras produções da época.

Desde sua chegada à cidade do Recife, Leandro Gomes de Barros trabalhava no meio do povo, viajando, vendendo, negociando, compondo folhetos. Sua obra está permeada de temáticas que abrangem diferentes aspectos do cotidiano da cidade, a exemplo da política, religião, aumento de preços, cobrança de impostos, festas, problemas relacionados à seca, comportamentos, críticas à moral, costumes, dentre outros.

Ao trabalhar com a obra desse poeta, notamos que Barros possui uma especial preocupação em evidenciar e divulgar a doutrina católica, pois defende com vigor elementos constitutivos dessa prática religiosa, imprimindo para seus leitores exemplos de religiosidade a serem seguidos desde o nascer até a morte do fiel. No entanto, ressaltamos que, apesar dessa característica de exaltação da religião

católica, os folhetos de Leandro Gomes não podem ser considerados extensão dessa matriz religiosa<sup>54</sup>, já que ao mesmo tempo em que o poeta defendia suas crenças, sacramentos, normas, valores, dentre outros, também podia se colocar em forte oposição a ela, inclusive através de severas críticas à posturas e atitudes dos religiosos(as), evidenciando possíveis problemas com relação a atuação do clero na cidade.

Ao estudar a produção do poeta, encontramos tanto a valorização e defesa em favor da conduta de alguns religiosos, considerados santos, e de atitude e moral irrepreensíveis, como também caracterizações que enquadravam os membros do clero católico como interesseiros, gananciosos, usurários, maus caracteres, portadores de valores diferentes daqueles por eles mesmos pregados.

Vemos o poeta tomar a imagem do religioso sertanejo como baliza para avaliar e julgar o comportamento dos religiosos da cidade, toma beatos, vigários, padres e outros religiosos de conduta convicta e atitudes de fé fortes como parâmetro de bondade, caridade, desprendimento, pobreza, e, a partir desses referenciais, avalia os demais religiosos.

Ao enfatizar a conduta exemplar dos clérigos do sertão, é comum que o poeta recorra a figuras como o padre Cícero Romão Batista, nascido no Crato, Ceará, em 1844, e que ganhou a simpatia popular por seu trabalho de proteção e preocupação com os sertanejos mais pobres, descumprindo, inclusive, alguns rituais burocráticos da Igreja Católica, como o recebimento de pagamento pelos trabalhos realizados<sup>55</sup>. O padre Cícero é caracterizado por Leandro Barros como “bom velho pastor”, “justo”, “libertador da Terra”, “defensor de verdade”, dentre outros<sup>56</sup>, o que indica sua admiração com relação às práticas desse sujeito e justifica a utilização desse referencial como baliza para avaliar os outros religiosos.<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Ver trabalho de BRITO, 2001, op. cit., o autor evidencia como a Igreja Católica, tendo em vista manter sua hegemonia no interior do Nordeste brasileiro, utiliza clérigos e leigos católicos para disseminar mensagens bíblicas, exercícios, normas e valores de uma pedagogia severa e moralista através de folhetos religiosos.

<sup>55</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. O movimento de Juazeiro do Norte Padre Cícero e o fenômeno do Caldeirão. In: SOUZA, Simone de (Coord). *História do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará / Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989, p. 250-251.

<sup>56</sup> Barros, Leandro Gomes de. Festas do Juazeiro no vencimento da guerra. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 3. Tomo V. op cit., p. 209-226.

<sup>57</sup> A figura do Padre Cícero de Juazeiro é recorrente em muitos folhetos de Leandro Barros, no entanto não encontramos nesses materiais referências ao seu envolvimento com as oligarquias e

Embora haja todo um respeito e admiração aos clérigos do sertão, não podemos dizer que essa visão do padre bondoso e caridoso se estenda a todos os religiosos apresentados na obra do poeta, muito pelo contrário, ao chegar à cidade, o poeta lança mão de todo o seu estranhamento para identificar, satirizar e se contrapor a atitudes que considerava inapropriadas aos “ministros do senhor”, e isso, muitas vezes, leva-o a ser identificado por alguns autores como “anticlerical”.

Determinados textos apresentam referências explícitas ao comportamento desviante dos religiosos, outros utilizam caracterizações de duplo sentido, metáforas e alegorizações para indicar problemas em suas condutas. A narrativa Como João Leso tornou a illudir o bispo, publicada provavelmente em 1917<sup>58</sup>, é um ótimo exemplo para perceber a postura adotada pelo poeta. O folheto tenta evidenciar as contradições entre os discursos pregados pelos religiosos e suas práticas, é um perfeito “conto do vigário”, no qual padres, bispos e ladrões se relacionam tranqüilamente, ou tramam uns contra os outros, na tentativa de obter lucros.<sup>59</sup>

Na história apresentada por Leandro Gomes, um trapaceiro, que já havia enganado e roubado muito dinheiro do bispo uma primeira vez, arma um novo golpe, e, com o auxílio de padres, deseja roubar o restante da riqueza do pontífice. Os religiosos, na história, são tratados pelo narrador como “grandes trapaceiros”, “mestres dos quengos”, ou seja, aqueles que sabem “o diabo onde dorme”. As reuniões de preparação para acerto de contas são realizadas nas casas dos padres, e o golpe é todo planejado dentro do seminário:

Estudou bem o latim  
Muitas artes e sciencia  
Tantos que poude obter  
Nome de sua excellencia  
Todos que o conheciam  
Rendinham-lhe obediencia

---

política local, seu posicionamento de senhor de terras e dinheiro, exportador de matéria prima e rico proprietário. O que notamos nas narrativas é uma profunda admiração e respeito a um homem considerado referencial de justiça e santidade. Ruth Terra informa que no folheto *O princípio das coisas*, Barros aborda com certa desconfiança da relação do padre com seus “fanáticos”, no entanto, nos folhetos posteriores, volta a exaltar o padre. TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de Lutas - Literatura de Folhetos no Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983, p. 123-124.

<sup>58</sup> Esta data é aludida a partir do endereço: *Rua do Motocolombó, n. 28, Afogados*, residência do autor em 1917.

<sup>59</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Como João Leso vendeu o Bispo. In: *Antologia Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III*. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1977, p. 245-262.

Meteu-se no seminário  
 E foi muito bem aceito  
 Fez dous presentes ao papa  
 Esse ficou satisfeito  
 O papa o chamou nas folhas  
 Alumno justo e direito<sup>60</sup> (sic)

No trecho selecionado, que antecede o golpe a ser aplicado no Bispo, o poeta satiriza a formação dos padres, mostrando que, para se tornar um ladrão bem conceituado e obter o reconhecimento, o indivíduo da narrativa estuda latim, artes e ciências, entrando para o seminário, quiçá para complementar sua formação. Cria um clima de desconfiança e tensão com relação aos letrados, ao propor uma indicação de que seu esforço em instruir-se e estudar, na verdade, era uma forma de se diferenciar das demais pessoas e, assim, talvez poder enganá-las, tanto que, ao dizer que o ladrão conseguiu título de “sua excellencia”, tratamento gerador de reconhecimento e submissão dos demais: “Todos que o conheciam / Rendinham-lhe obediencia”, sugere uma aproximação entre aqueles que dispunham do mesmo título e a figura do golpista.

No recorte o poeta indica ainda que, talvez, houvesse algum tipo de identidade entre os ladrões e padres, já que, dentro da casa de formação religiosa, o golpista não somente é “bem aceito”, como, mediante alguns “presentinhos”, recebe, inclusive, o reconhecimento do papa por ser bom aluno, “justo” e “direito”, embora fosse um ladrão.

Em outro recorte da narrativa Como João Leso tornou a illudir o bispo, percebemos a forma como o poeta explana jocosamente sua opinião sobre os padres, segundo ele, em sua maioria venais e facilmente corrompíveis, evidenciando um provável enriquecimento ilícito:

Foi onde estava um padre  
 Manifestou-lhe o que havia  
 Mostrando-lhe um arrolamento  
 Do que o bispo possuía  
 Disse que ele era mole  
 Com qualquer jeito cahia  
 (...)

Disse João Leso; o terreno

---

<sup>60</sup> Ibid., p . 247-248.

Está muito bem preparado  
Alli revelou ao padre  
O plano que tinha armado  
O padre disse com esse  
Tira-se bom resultado<sup>61</sup> (sic)

No trecho transcrito, entendemos o padre disposto a participar do golpe, armado contra o bispo, seu superior, quebrando totalmente a relação de hierarquia, desde que o “resultado” fosse financeiramente bom. Não demonstra qualquer estranhamento com relação à explanação do golpe para enganar o bispo, e aceita prontamente a transação. Nesse recorte, o ladrão sinaliza um arrolamento dos bens do bispo, que são pormenorizados no restante do texto, mostrando, além de uma grande quantidade em dinheiro, propriedades, palácios e outras riquezas, segundo a narrativa, conseguidas, a muito custo, a partir das esmolas.

De acordo com Raimundo Pereira Alencar Arrais, no interior do catolicismo, praticado desde a colônia, o ato de dar esmolas, como parte de uma promessa ou devoção, ou compaixão cristã, desempenhava um papel relevante dos devotos com os santos. De acordo com o autor, a esmola, fosse a doação de um terreno por um potentado, fosse o vintém depositado na bolsa a um pedinte de santo, desempenhava um papel de mediação, de contribuição com a obra divina. Dentro desse espírito, orientavam-se as ordens mendicantes, entre as quais as dos capuchinhos, e os pedintes, que envergavam suas roupas escuras, rogando de porta em porta esmola para os santos de sua devoção.<sup>62</sup>

Os membros da Igreja Católica, de acordo tradição religiosa vigente, eram tanto dispensados do pagamento de serviços privados ou públicos de caráter pessoal, quanto dignos de receber as oferendas e esmolas para sobrevivência e manutenção dos serviços religiosos<sup>63</sup>, contudo, a partir da narrativa, apreendemos que as práticas pareciam não funcionar bem assim. Na poesia de Leandro Barros, fica indicado que o bispo parecia lidar com uma grande quantidade de riquezas que talvez extrapolassem inclusive o círculo das esmolas, e caridades recebidas, pois,

---

<sup>61</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Como João Leso vendeu o Bispo. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. op. cit., p. 250.

<sup>62</sup> ARRAIS, 2001, op. cit., p. 218.

<sup>63</sup> Ibid., 2001, loc.cit.

ao invés de serem distribuídas “aos desgraçados ou necessitados”, passavam a fazer parte dos bens pessoais do cura.

De acordo com Arrais, a acusação de que o clero pernambucano era ganancioso e venal não surgiu no período em que Leandro Gomes de Barros escrevia seus folhetos, na verdade, era muito anterior, o que fez com que, desde o final do século XIX, houvesse nas autoridades eclesiásticas preocupação em orientar posturas e condutas dos religiosos da Igreja Católica para evitar este tipo de acusação. O autor afirma que o bispo Diocesano D. José Pereira da Silva Barros procurou pôr em execução uma tabela de emolumentos para substituir aquela que havia vigorado no tempo de seu antecessor. Nela estipulava valores que deveriam ser cobrados pelos serviços dos párocos, incluindo também as obras que estavam dispensadas de pagamento, para evitar acusações de desvios.<sup>64</sup>

Parece que as acusações de enriquecimento rápido e instantâneo por parte dos religiosos, bem como o gosto pela opulência, eram percebidas tanto pelos membros da igreja, que tentavam se precaver ao máximo para evitar esses atos por parte dos religiosos, como também pelos fiéis, que satirizavam os desvios cometidos pelos clérigos. O próprio Arrais afirma que as brincadeiras dos “baixos estratos sociais” expunham ao ridículo os sacerdotes da religião; evidencia, por exemplo, as preocupações do Padre Miguel do Sacramento Lopes da Gama, que publicou repetidamente em seu jornal críticas às irreverências que o povo devotava à “Sagrada Religião”, bem como a “degenerescência” dos costumes.<sup>65</sup> Acreditamos que os folhetos de Leandro Barros poderiam fazer parte de alguns dos materiais que tanto incomodavam alguns moradores, pois circulavam por toda a cidade e serviam para indicar as formas que as pessoas do povo encontravam para acompanhar e se manifestar acerca das ações de determinados representantes religiosos.

As críticas presentes nesse primeiro folheto servem apenas para abrir um leque de diversas outras manifestações do poeta que dirigiam críticas aos religiosos da cidade, considerados muitas vezes incapacitados para sua vocação religiosa. O folheto A cura da Quebradeira, publicado em 1915, pode ser mais um exemplo de como podemos perceber os religiosos se “desviando dos caminhos de Deus”, pois,

---

<sup>64</sup> ARRAIS, 2001, op. cit., p. 221.

<sup>65</sup> Ibid., p. 206.

assim como a narrativa anteriormente trabalhada, aponta o mau comportamento dos clérigos, mostrando os fiéis não somente interessados “em falar de padres”, como não intimidados em satirizar e alegorizar suas ações.

A narrativa tenta, humoristicamente, tratar de um problema presente na vida das pessoas pobres da cidade do Recife, qual seja, a falta de dinheiro ou a “quebradeira”:

Ella quando entra em casa  
Esfria logo o fogão,  
Derrama-se gaz no sal  
E cai água no calvão,  
Cai areia na farinha  
E fura-se o caldeirão,

Quebram-se os beiços da jarra,  
Larga o fundo da panella,  
Some-se o côco do pote,  
Abre-se em banda a tijella,  
Ahi a dona da casa  
Toca a ficar amarella,

Da logo o cupim na roupa,  
Rompe-se os bolços da calça,  
Quebra-se a chave da porta  
E o homem assenta praça  
Porque sempre a quebradeira  
Vem junto com a desgraça...<sup>66</sup> (sic)

Em nenhum momento da narrativa o poeta afirma, declaradamente, estar se referindo à falta de dinheiro, causadora dos problemas dos pobres, contudo, pelas analogias que cria para falar sobre a chegada da “quebradeira”, vemos que desejava abordar a “doença” que atacava os bolsos da população. Relações como o “esfriamento do fogão”, certamente pela falta de alimentos para serem cozidos, o furo no bolso da calça, devido aos gastos constantes e excessivos de valores que se esvaíam com facilidade, o empalidecimento da dona da casa, seguramente por doença, ou fraqueza causada pela fome, evidenciam a falta de dinheiro e todos os problemas, inclusive o azar, que chegavam junto com ela, pois, como já dizia o ditado popular, “uma desgraça nunca vem só”.

---

<sup>66</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A cura da quebradeira. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. op. cit., p. 324.

A partir da abordagem do que seria a “quebradeira”, bem como os problemas que trazia, o poeta aponta meios para curá-la:

E' um remédio excelente  
 Cura até para o futuro  
 Mas para se tomar elle  
 Só n'um lugar muito escuro  
 Calçar sapato de banho,  
 Que possa pular um muro  
 (...)

Quando o doente usar elle  
 Deve aplicar o cuidado  
 Veja não tenha por perto  
 Algum subdelegado,  
 Muito cuidado com elle  
 Esse bixo é carregado

Essas ruas muito largas  
 Que tem illuminação,  
 Um agente de policia  
 Inspetor de quarteirão  
 Tira a força do remmedio  
 Faz elle perder a acção.<sup>67</sup> (sic)

Através das “dicas” para a “cura da quebradeira”, o “doente” deveria ser muito cauteloso, pois o “remédio” possuía uma posologia delicada, a ser ministrada com o máximo de atenção, ou perderia a eficácia. Assim como anteriormente o poeta não diz claramente o que seria a tal “quebradeira”, também, agora, não afirma com todas as letras a sua cura. Contudo, pelos apontamentos presentes na narrativa, podemos aproximá-la da subtração de bens alheios, ou o mais popularmente conhecido roubo.

Por ser algo ilícito, proibido, condenável, reforça que o caminho para a “cura do mal” deveria ser realizado com cautela, pois assim garantiria, inclusive, o futuro de seu autor. Para tanto, recomenda sua aplicação à noite, ou seja, no escuro, com o máximo de cuidado para não fazer barulho, trajando vestimentas adequadas, para uma possível fuga, até mesmo com transposição de muros, caso fosse necessário. A escolha de um local de ruas estreitas, pouco iluminadas, bem como o cuidado com autoridades policiais, como o subdelegado, ou autoridades locais, como o inspetor

---

<sup>67</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A cura da quebradeira. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. op. cit., p. 326-327



de quarteirão, confirmam que o “remédio” para a “quebradeira”, de fato era a apropriação indébita de bens alheios.

O mais interessante desta história é que, como já indicamos, as narrativas populares não se privavam de apontar possíveis problemas na conduta dos religiosos, observe a estrofe que abre a narrativa:

Um quego, mestre dos quengos  
 Adoeceu da algibeira  
 Enserrou-se n'um convento  
 Estudou de tal maneira  
 Que descobriu um remedio  
 Para curar quebradeira<sup>68</sup> (sic)

Logo no início da história, o poeta aponta que não foi qualquer pessoa, mas um “quego”, ou melhor o “mestre dos quengos”, ou seja, homem superior e de muito saber; perito em esperteza, astuto, ardiloso, que descobriu “a cura da quebradeira”. E, dentre tantos lugares possíveis para “meditar” sobre esta “cura”, encerrou-se justamente num convento, local utilizado pelos religiosos para melhor servir e amar a Deus. Isolado do mundo, num local reservado para ordens monásticas de vida ativa, estudou “de tal maneira” que conseguiu descobrir o remédio para a cura da “doença”.

É interessante perceber a idéia presente no folheto acerca das atividades que consumiam o tempo dos religiosos dentro no convento, já que supomos, não fosse à toa, que o local escolhido pelo poeta para pensar e criar algo ilícito e desonesto como o roubo fosse justamente o convento, como se houvesse a indicação de uma ociosidade por parte dos religiosos, que, em claustro, ao invés de praticarem atos relacionados à sua religião, ficassem unicamente pensando e praticando pecados mundanos.

Com relação à curiosidade das pessoas sobre o que se praticava no interior dos conventos e mosteiros, Alessandra El Far, em seu livro *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro*, mostra como este cenário era instigante para a imaginação do brasileiro, tanto que alguns autores da literatura

---

<sup>68</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A cura da quebradeira. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III, op. cit., p. 320.

pornográfica do final do século XIX e primeiras décadas do século XX escolhiam este cenário para as aventuras amorosas dos seus personagens:

Os mosteiros e conventos, por representarem na vida real locais de dedicação exclusiva ao cultivo da fé e da espiritualidade religiosa, eram vistos pelos autores de livros pornográficos como cenário perfeito às orgias, aos incestos, ao homossexualismo e a outras tantas relações profanas. O isolamento e a solidão, na perspectiva desses escritores, davam aos frades a opção de romperem seus votos para pôr em prática suas fantasias mais íntimas, sem o flagrante dos olhares vigilantes dos superiores e fiéis. Com isso, perdiam sua aura sagrada, assumiam ares de um verdadeiro oásis do prazer sexual, dando ensejo aos insistentes discursos anticlericais que acabavam por condenar a legitimidade dessas instituições. Não raro as personagens interrompiam suas memórias ou relatos para denunciar o ostracismo e a concupiscência reinante nesses falsos lugares de meditação e privação.<sup>69</sup>

Notamos que as atividades realizadas no interior do convento, seminário ou mosteiro exerciam muita influência sobre a imaginação daqueles que, de longe, supunham ações cometidas pelos sujeitos que faziam parte do ambiente de claustro.

Acreditamos que as conjecturas acerca das atividades ilícitas realizadas pelos religiosos, no interior ou fora dos conventos, não se manifestassem despropositadamente. Elas poderiam ter origem na observação, por parte da população, de comportamentos suspeitos apresentados por estes indivíduos, o que fazia com que as pessoas não estranhassem narrativas como as de Leandro de Barros, nas quais repetidamente havia a sugestão de que os religiosos realizavam determinados atos suspeitos.

As acusações aos clérigos, presentes nos folhetos do poeta, geralmente abrangiam não somente um sujeito, individualmente, como foi o caso do “frei” que descobriu a “cura da quebradeira”, mas se estendia a outros membros do clero:

Frei Quenguista vendo o mal  
Que estava nos perseguindo  
Consultou a outro frade  
Que estava este mal sentindo  
O frade deu parte ao bispo  
Disse o bispo: Venha vindo.

O frade estudou a cura,  
O bispo achou-a correta,

<sup>69</sup> El Far, 2004, op. cit., p. 220-221.

Consultaram ao cardeal  
 Diz elle: a obra é completa  
 Um arcebispo estudou  
 Como há de ser a diéta.

Disse Frei Espertalhão  
 O remedio é exelente  
 A pharmacia sendo grande  
 Cura-se radicalmente  
 Mas não guardando a diéta,  
 Está desgraçado o doente!..

Porém uzando o remedio  
 Sendo bem acautellado  
 Logo nas primeiras dóses  
 Verá o seu resultado  
 Disse Frei Espertalhão  
 Que foi com isto curado<sup>70</sup> (sic)

A satirização do autor com a elaboração poética da “cura da quebradeira” vai muito além de acusar e indicar um convento como o local de descoberta e experimentação do “remédio” contra o mal que atingia as pessoas. Percebemos em sua elaboração jocosa a crítica também a outros membros do clero que, possivelmente, sabiam do plano e ajudavam a aplicar o golpe. Apreendemos no conjunto da narrativa que o poeta utiliza a brincadeira para delatar sujeitos “cínicos” que praticavam golpes pela cidade, e também direciona sua forte crítica aos religiosos, que tiravam “cautelosamente” bons resultados das “doses do remédio” descoberto.

No início do trecho recortado, percebemos que o “Frei Quenguista”, apesar de estar “encerrado” no convento, como afirmado na primeira estrofe da narrativa, sabia e sentia o “mal que estava nos afligindo”, em uma alusão que se encaminhava para as condições de vida da população incluindo o próprio o narrador que, ao utilizar o pronome oblíquo átono “nos”, coloca-se entre os “doentes”. O frei “consulta”, “estuda” e trabalha em conjunto com outros religiosos, do alto e baixo clero e, a partir dessa interação, descobre e utiliza a “cura para o mal”.

Podemos apreender no fragmento retirado do folheto, além do tratamento jocoso direcionado aos membros do clero, alcunhados indiretamente de ladrões, que a narrativa está permeada de termos relacionados ao saber médico. O “frade

---

<sup>70</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A cura da quebradeira. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. op. cit., 325-326.

Quenguista” exerce uma função “científica” ao se “encerrar” do convívio social, “consultar”, “estudar”, diagnosticar, receitar, “remediar”, recomendar e finalmente “curar” a “doença” que afligia a população.

Notamos no folheto, além da sátira ao clero presente na narrativa, publicada em 1915, críticas relacionadas às reformas por que passava a cidade que, conforme acompanhamos no capítulo 1, a partir de 1908 passou a conviver com a presença de sanitaristas, médicos, engenheiros e profissionais que ajudaram a promover uma verdadeira reforma sanitária e urbanística, através de um projeto que visava modernizar a cidade, destituindo-a de seus traços coloniais.

A alusão à medicina no folheto de Barros evidencia a presença desse discurso no cotidiano da população que enfrentava ofensiva não somente infra-estrutural, com mudanças físicas nas dependências da cidade, mas também comportamental, à medida que era obrigada a conviver com o disciplinamento e ordenação através de críticas constantes aos seus hábitos e costumes.<sup>71</sup>

O folheto A cura da quebradeira é interessante justamente porque consegue dar a ver o modo como sujeitos, colocados à margem da população, pareciam lidar com as reformas, que alguns presenciavam apenas de longe, já que os habitantes das periferias conviviam principalmente com seus ônus, como não mercadejar em locais já “higienizados”, pagar pesados impostos municipais para garantir a continuidade das reformas, habitar nas periferias da cidade, no momento em que o centro virava local de especulação imobiliária, dentre outros<sup>72</sup>. A partir da satirização presente no folheto, que utiliza os contornos e formas dos “importantes” saberes médicos da época para descobrir algo tão desonesto como a metáfora da “cura da quebradeira”, percebemos a importância e valorização atribuída pela população a esses novos saberes, aproximados na narrativa de atos escusos, ilícitos, praticados por sujeitos “Espertalhões e Quenguistas”, que talvez achassem que não estavam sendo observados.

---

<sup>71</sup> LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. *Cidade São, corpo São: Urbanização e saber médico no Recife (Final do século XIX, início de século XX)*. 99f. 1996. Dissertação de Mestrado em História - Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

<sup>72</sup> ARRAIS, 2001, op. cit., p. 218; LUBAMBO, Cátia Wanderley. *Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero: A reforma urbana do início do século XX*. Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991, p. 133.

A associação entre religião e medicina mostra que talvez a população vislumbrasse uma relação entre mudanças e corrupções, como se estivessem de alguma forma ligadas e agindo em prol dos interesses de alguns poucos. A satirização demonstra que, ao contrário do que afirmaram alguns intelectuais estudiosos do “povo”, este não estava alheio aos acontecimentos da cidade e principalmente não ignorava atos contraditórios daqueles que se diziam à parte dos valores materiais.

Com relação ao título do folheto, podemos, inclusive, pensar em uma dupla significação para seu uso, que não sabemos se foi proposital, mas pode ser vislumbrada. A palavra “cura”, como é trabalhada do texto, pode ter significado de “ato ou efeito de curar(-se); “restabelecimento da saúde, meio de debelar uma doença; tratamento preventivo de saúde; processo de curar; solução, remédio”. Todos, utilizados em relação à melhora da saúde, contudo a palavra “cura” também pode significar clérigo, eclesiástico, padre, presbítero, pároco, reverendo, sacerdote, vigário.<sup>73</sup> Logo, “Cura da quebradeira” pode também significar “religioso da quebradeira”, ou aquele religioso que dá prejuízo, perda e talvez estragos ao bolso dos fiéis.

Com isto evidenciamos que, diferente do que anteriormente havia sido “observado” por estudiosos como o folclorista Leonardo Mota, os fiéis não somente falavam de padre, como também observavam seus “fracos”, defeitos e problemas, tratando-os jocosamente, como faziam com quaisquer outros sujeitos, comportamentos, tradições, inovações que contrariassem as tradições que valorizavam e seguiam. Nesse caso específico associavam os religiosos ao roubo, ganância, desvio nas normas e valores, cobrando posturas éticas e exemplares em suas práticas no convívio social.

Sobre a associação dos religiosos a atos inescrupulosos na cidade do Recife, acompanhamos que, desde o final do século XIX, o clero pernambucano vinha sendo bombardeado com uma série de acusações de desorganização, desrespeito, vadiagem, desobediência às leis civis, dentre outros. Entre 1870 e 1876, o Recife foi palco de um intenso debate filosófico-religioso, que apareceu na imprensa sob forma

---

<sup>73</sup> “Cura – Ato ou efeito de curar; tratamento. Figurado: sacerdote que pastoreia um pequeno povo; coadjutor de pároco. FIGUEIREDO, Cândido. *Novo Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: ed. Tavares, 1899. vol1. p.370, col.2.

de polêmicas, discussões e acusações dirigidas ao clero católico. Foi nesta conjuntura que se deu a gênese da Questão Religiosa, luta entre a Maçonaria e os Bispos de Olinda, onde se travou um longo debate entre o Estado e a Igreja, fato que não somente mostrou uma fase do jornalismo pernambucano, mas o ardor do combate.<sup>74</sup>

De acordo com Raimundo Arrais, a Questão Religiosa se acirra quando é nomeado Bispo de Olinda o capuchinho frei Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, um jovem inflamado no ultramontismo assimilado em sua formação doutrinária na França. O jovem assume o bispado determinado a purificar a Igreja de suas relações seculares, edificando um catolicismo mais obediente à Roma e também estabelecendo uma clara autoridade religiosa sobre o campo de competência da Igreja, separando-a da esfera secular.

Gilberto Freyre, em seu romance *Dona Sinhá e o filho padre*, constrói a história de um personagem fictício, que muito se assemelha à do jovem bispo. Contando episódios que fizeram parte da Questão religiosa, mostra, através de notícias retiradas de documentos da época, o modo como os padres eram tratados por seus opositores:

(...) embora os jornais, a serviço dos maçons, chamassem os bispos e os padres repetidamente, como se todos êles, anticlericais, tivessem ordem para empregar os mesmos epítetos contra êsses inimigos, de capadócijs, padrecos, irrisórios pedagogos, bolandilhas, sicofantas, sua arma principal contra os mesmos sicofantas, a de maior efeito entre o vulgo, num Brasil sempre muito inclinado a se deixar empolgar pelas campanhas de ridículo, até contra suas instituições mais sagradas, foi precisamente o ridículo, a caricatura, a anedota.(...) (grifo do autor, indicando passagens reais e não fictícias)<sup>75</sup> (sic)

Este tipo de tratamento direcionado aos religiosos esteve bastante presente no momento da tensão entre igreja e maçonaria, principalmente porque os maçons controlavam importantes jornais que funcionavam como veículos a seu favor. O jornal *Humorístico O diabo a quatro*, por exemplo, trazia regularmente em suas

<sup>74</sup> PEREIRA, Nilo. *Dom Vital e a Questão religiosa no Brasil*. Recife: Imprensa universitária, 1966. p. 19.

<sup>75</sup> FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá e o filho Padre*. 2<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora/ Instituto Nacional do livro, 1971.

reportagens imagens de padres gorduchos e preguiçosos, que faziam do ócio sua principal atividade.

Muitas vezes as acusações direcionadas ao clero não aconteciam sem propósito, não se fazia difícil constatar a iniquidade e dos vícios dos religiosos, percebidas facilmente através da displicência dos vigários e despreparo do clero. Raimundo Arrais afirma que sempre havia alguém criticando o estado de penúria a que estavam relegadas as coisas da religião, pela incúria dos vigários e falta de zelo das irmandades, responsáveis pelo culto público dos santos. Segundo o autor, as denúncias do comportamento desregrado dos padres chegavam à dissolução e à lascívia:

O próprio superior do convento de Santo Antônio do Recife deu fé, em atestado escrito, do comportamento de um frei Luiz de Santa Mafalda, descrito pelo superior como “escandaloso, e desrespeitador das leis que o chamão ao cumprim.to de seus deveres; costuma pernoitar nos lupanares, onde p. varias veses tem feito estrondosas assuadas, e já subio a tto. o seu despejo e a sua desmoralização que constou-me passeara publicamente pelas ruas desta cid.<sup>o</sup> a par de sua amazia...”<sup>76</sup> (grifo do autor) (sic)

Desde o final do século XIX os religiosos já apresentavam comportamentos concupiscentes, que certamente não passavam despercebidos aos olhos da população. Logo não era de causar estranhamento o modo como os folhetos populares vinham tratando os religiosos em suas narrativas carregadas de humor e duplo sentido.

O que, seguramente, deve ser problematizado é o modo como os intelectuais percebiam a produção dos poetas, na medida em que a classificam de “doce”, “inofensiva” como obra de uma criança, que não incomodava ninguém, não se impunha, não conseguia demonstrar sua posição, opinião e crítica. A partir do que foi apontado na produção de Leandro Gomes de Barros, podemos apreender que, ao contrário do que afirmavam alguns intelectuais, a exemplo do folclorista Leonardo Mota, as críticas ao clero aconteciam, eram bastante contundentes, evidenciando, além da insatisfação, uma tomada de posição de segmentos menos favorecidos da população, que, certamente, não estavam satisfeitos com tais comportamentos.

---

<sup>76</sup> ARRAIS, 2001, op.cit., p. 216-217.

As relações e tensões que emergem da literatura popular de folhetos são fundamentais para esse trabalho, principalmente no que tange a referenciais e experiências de tradições religiosas das quais eram portadores. Fosse estranhando as posturas e comportamentos do clero católico, para o qual traziam referencial sertanejo de bondade e caridade, que constantemente contrastava com o modelo encontrado e satirizado na cidade, fosse criticando novos comportamentos, valores, posicionamentos que iam de encontro a tradições e valores dos quais eram partidários, o fato era que nos materiais produzidos por esses sertanejos e retirantes havia posicionamentos que marcavam lugares sociais naquela cidade em transformação.

A religiosidade afirmada por meio dos folhetos pode ser singular para evidenciar essas lutas travadas por sujeitos que criticavam e questionavam a cidade na qual passaram a viver. O material produzido por essas pessoas é essencial para mostrar que, mesmo diante da ofensiva da modernização e de uma pretensa “civilização”, essas pessoas não se intimidavam, nem se faziam de rogadas, partiam para o combate aberto, enfrentando novas formas de lazer, jogos, empreendimentos, modas, e também seus divulgadores, fossem padres, médicos, mulheres, estrangeiros, protestantes, todos eram afrontados em nome de tradições e valores que esses sujeitos consideravam corretos. No próximo capítulo abordaremos mais algumas dessas relações e enfrentamentos.



### **Terceiro Capítulo: “Povo incrédulo e descrente”: em defesa de uma moral religiosa para o Recife**

No capítulo anterior, acompanhamos diferentes leituras acerca das ações do clero católico na cidade do Recife, trabalhamos com a contraposição de fontes recolhidas por folcloristas e também folhetos da literatura popular. A partir da leitura desses materiais, apreendemos relações discordantes e até mesmo conflitantes quando se referiam à mesma temática. Percebemos através dos folhetos a tentativa de difusão de referenciais de valores religiosos que muitas vezes se chocavam com aqueles que estavam presentes na cidade no início do século XX.

No presente capítulo, abordaremos de forma mais abrangente o empenho do poeta Leandro Gomes de Barros em imprimir e reivindicar, através de seus folhetos, uma moral religiosa católica, impregnada de experiências e visões de mundo, que se aproximava de segmentos da população, naquele momento recém-chegados à cidade, e que se posicionavam com estranhamento em relação ao processo de desenvolvimento, mudanças e inovações dos valores ali presentes. Tentaremos apreender as diferentes maneiras que o poeta encontrava para difundir mensagens que possuíam, como pano de fundo, sentimentos religiosos impregnados de uma moral que certamente era seguida por seus leitores.

Nesse capítulo poderemos acompanhar os olhares pessimistas que o poeta lançava sobre os novos valores da cidade, proferindo freqüentes reclamações de que o mundo estava mudado e a crença não era mais a mesma. O folheto *As cousas mudadas* sintetiza em um verso as suas inquietações,

A muito tempo que eu digo  
O mundo está as avessas,  
O povo incredulo e descrente,  
Me diz você, já começa  
Isto é sêde de agouro

Ou fême de uma conversa<sup>1</sup> (sic)

Para Leandro Gomes de Barros, o mundo “estava às avessas”, ou seja, encontrava-se contrário, inverso, oposto ao que considerava correto, tanto em relação aos acontecimentos, como também ao caráter e à índole das pessoas. Mostrava-se inconformado com as inovações e modismos do início do novo século, e por isso usava toda sua capacidade de rimar e fazer rir para mostrar seu lugar de descontentamento e desprezo com relação à situação do período.

As manifestações do poeta podem ser acompanhadas através de seus folhetos da literatura popular, aqui mais uma vez privilegiados como fonte singular que consegue dar visibilidade a sentimentos, valores, críticas e experiências de segmentos da população, pouco percebidos em outros tipos de materiais.

Na primeira parte do capítulo, abordaremos enfrentamentos empreendidos por Leandro Gomes, na tentativa de defender posicionamentos e vivências religiosas, colocadas em questão pela “nova” sociedade ascendente. O poeta satiriza muitas relações estabelecidas na cidade e, através de sua poesia bem humorada, alegoriza a adoção de valores e posturas dos novos tempos.

Na segunda parte do texto, preocupamo-nos com a defesa da religiosidade católica em oposição àqueles que o poeta considerava os principais culpados pelas mudanças que aconteciam no Recife. Nessa seção, localizamos os estrangeiros como principais oponentes a serem combatidos pelo poeta, já que, além de comportamentos, normas e inovações, eles eram acusados também de serem portadores de outros cultos que se difundiam na cidade. Faremos um tópico especial para abordar as relações e enfrentamentos direcionados aos “nova-seita”, uma espécie de alegorização de sujeitos protestantes.

Na última parte buscamos entender um pouco mais sobre a religiosidade presente nos folhetos de Leandro Gomes, suas origens, enfrentamentos e principalmente o lugar social que marcava ao defender uma crença muitas vezes estranha àqueles que pretendiam uma cidade moderna e desvencilhada de valores

---

<sup>1</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As cousas mudadas. In: *Antologia Leandro Gomes de Barros - 2*. Tomo III. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1977. p. 284.

rurais, sertanejos e conservadores, justamente o que a “tradição religiosa” presente nos folhetos desejava difundir.

### **3.1. “As cousas não vão de graça”: religiosidade nos folhetos populares em oposição a valores e práticas em profusão na cidade**

De acordo com as discussões até aqui empreendidas, podemos observar que, no início do século XX, a cidade do Recife passava por uma série de transformações infra-estruturais, que objetivavam aproximar a capital pernambucana de modelos de “modernidade” e “civilidade” em voga no período. Contudo, “embelezar” e modernizar a cidade não eram as únicas preocupações dos reformadores, que aspiravam “educar” e transformar não só sua infra-estrutura, mas também valores, condutas, costumes e hábitos da população.

No entanto, essas investidas não eram ignoradas pela população que se posicionava com rigor, lançando olhares de estranhamento contra a disseminação de ideais que tentavam “adequá-la” aos “novos tempos”. Esses sujeitos contestavam, satirizavam, e, através da negação, difundiam e reafirmavam outros valores, e posições, geralmente ancorados em tradições vividas, consolidadas e presentes em suas vidas.

Na tentativa de acompanhar alguns dos embates religiosos empreendidos através dos folhetos de Leandro Gomes de Barros na cidade do Recife, decidimos iniciar a discussão com uma narrativa produzida em 1915, chamada *A crise actual e o aumento do sello*, que aborda de maneira engraçada o momento de crise pela qual passava a cidade que, além de sofrer os tormentos da Primeira Guerra Mundial, tinha seu comércio enfraquecido em consequência das decorrentes secas que atingiam o sertão. O narrador aproveitava a agonia das pessoas diante do aumento dos impostos para abordar a ofensiva de mudanças em relação às práticas religiosas ali presentes e vividas.

O folheto reúne críticas a diferentes indivíduos da sociedade recifense do início do século, mas a primeira delas, era direcionada ao clero católico, que, como

podemos acompanhar no capítulo anterior, era um dos alvos preferidos do poeta. Aqui, mais uma vez, os membros da Igreja foram representados como os “comerciantes das coisas divinas”, que sofriam tanto prejuízo, quanto qualquer outro tipo de negociante em tempos de crise:

O arcebispo já disse  
 Se a cousa não melhorar  
 Eu vou trocar o cajado  
 Por um ansol vou pescar  
 Até ver si inda aparece  
 O que se possa ganhar.  
 [...]

Diz o vigário: este mez  
 Não apurei um crusado  
 O senhor de engenho chamou-me  
 Para fazer um baptisado  
 Voltei a pé e com fome  
 E o que fiz foi fiado.

Diz o bispo: esta semana  
 Sabe o que me aconteceu?  
 Fui ver se chismava gente  
 Um só não me apareceu  
 O vinho que levei para a missa  
 Um desgraçado bebeu.<sup>2</sup> (sic)

No trecho em destaque, observamos os caminhos encontrados pelo poeta para mostrar que a crise naquele período era tão séria que não havia quem conseguisse escapar de seus prejuízos, e isso se estendia aos religiosos. Aponta, através da sua poesia, os modos encontrados pelos “profissionais da fé” para abrandarem os problemas, principalmente a falta de dinheiro.

Notamos que o poeta possuía um referencial diferenciado com relação às atitudes do clero e por isso enfatizava com estranhamento e chacota os modos “inapropriados” daqueles que desejavam transformar os sacramentos em negócio, comparado a qualquer outra atividade comercial, cuja finalidade era exclusivamente obtenção de renda e lucro. Percebemos que talvez não fosse por acaso que, ao se referir às ações dos religiosos, o poeta privilegiasse a utilização de verbos como “ganhar” e “apurar”, no sentido de obtenção de lucros, ambas elocuições possuíam relação muito próxima com atividades comerciais.

---

<sup>2</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A crise actual e o aumento do sello. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III, op.cit., p. 303-305.

No trecho, o desejo de lucrar se relacionava com os sacramentos, que, de acordo com as normas vigentes na Igreja Católica, deveriam ser cumpridos em sinal da atuação de Cristo entre os homens, mas ali pareciam ser realizados com aspiração à obtenção de retorno financeiro. Notemos que, quando o vigário conta sobre o batismo que realizou a convite do senhor de engenho, ao invés de ressaltar o benefício de ter ajudado mais um fiel a renascer para a graça de Deus e se tornar cristão<sup>3</sup>, o que enfatiza é a indignação por ter se deslocado até a casa desse senhor, que já havia sido um dos maiores representantes das classes dominantes de Pernambuco, e ter voltado de lá sem receber nenhuma recompensa material.

Além disso, o poeta aproveita para lançar mais alguns senões relacionados aos vícios dos religiosos. Ao mostrar a indignação do vigário diante do ocorrido: “Voltei a pé e com fome”, associa à sua imagem dois conhecidos vícios, geralmente atribuídos à figura dos clérigos: preguiça e gula. Não é difícil encontrar nos jornais da época imagens de padres gorduchos e sedentários que cultivavam como ninguém alguns desses pecados capitais, considerados sem perdão pela Igreja Católica.<sup>4</sup>

Não obstante, de acordo com a narrativa, a deformação dos sacramentos não era somente relacionada ao batismo, nem tão pouco privilégio do baixo clero. Ao falar sobre as ações do bispo, o poeta entregava alguns de seus ‘deslizes’ com relação aos preceitos católicos: “Fui ver se chismava gente/ Um só não me apareceu”. No trecho, percebemos que, diante do desespero da falta de recursos, o religioso partia em busca de pessoas para serem crismadas. Contudo, ao possuir o substantivo coletivo “gente”, o trecho indica que serviria qualquer indivíduo, ou mesmo, qualquer quantidade de pessoas, o que valia mesmo era conseguir alguém para receber o sacramento.

No entanto, ao evidenciar o desespero do bispo por “gente” para crismar, o trecho evidencia mais um desvio do sacerdote no sentido de se afastar dos sacramentos, pois, na verdade, a lógica da crisma é justamente que aconteça a

---

<sup>3</sup> “Então Jesus se aproximou, e falou: << Toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que ordenei a vocês. Eis que eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo>>” (Mateus, 28: 18-20). BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada* - Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990, p. 1279.

<sup>4</sup> O periódico jornalístico *O Diabo a Quatro*, publicado durante os últimos anos do século XIX, é um exemplo do que foi afirmado. Nele é comum encontrar caricaturas de padres gordos e preguiçosos, pouco adeptos ao trabalho.

partir da manifestação da vontade do fiel, e não o contrário. De acordo com a Bíblia, esse sacramento é a confirmação do batismo, pois, ao ser ungido com o óleo, o indivíduo assume com mais maturidade o compromisso com a Igreja, sendo assim, o sujeito não deve ser levado ou ‘buscado’ por um terceiro, mas imbuído por sua vontade a receber o sacramento.<sup>5</sup>

Além dessas referências às tentativas de obtenção de lucro com as “coisas do Senhor”, há ainda uma última satirização que gostaríamos de enfatizar uma vez que, novamente, refere-se aos desvios dos religiosos. Logo no início do período, o poeta ironiza ao apontar o desespero do arcebispo diante da crise. É engraçada a indicação mostrando que o religioso pensava “até” na possibilidade de conseguir um trabalho: “Eu vou trocar o cajado/ Por um ansol vou pescar”. É claro que esse tipo de atividade sugerida mais se aproxima da idéia de tirar férias do que propriamente uma ocupação séria e formal, contudo, mais uma vez reforça a idéia anteriormente apontada com relação à preguiça e sedentarismo dos religiosos.

Através desse pequeno trecho, do folheto *A crise actual e o augmento do sello*, o poeta consegue demonstrar a vigilância que mantinha nas mudanças de práticas e valores adotados no início de século. Por meio das satirizações, notamos que o referencial religioso do narrador se distanciava consideravelmente daquele assumido pelos clérigos. Trabalho, caridade e desapego eram, sem dúvida, características singulares no modelo religioso aceito e procurado pelo poeta, logo o referencial ‘distorcido’ que encontrava na cidade fazia com que os curas fossem os primeiros a serem lembrados e criticados em suas narrativas.

Apesar da vigília permanente com relação às atitudes do clero, estes não eram os únicos a serem indicados no folheto como “desviantes das coisas divinas”. É interessante perceber os modos que o poeta encontrava para satirizar e apontar acontecimentos e situações que expunham de forma engraçada tensões, valores e

---

<sup>5</sup> “Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou as regiões mais altas e chegou a Éfeso. Encontrou aí alguns discípulos, e perguntou-lhes: << Quando vocês abraçaram a fé receberam o Espírito Santo?>> Eles responderam: << Nós nem sequer ouvimos falar que existe um Espírito Santo.>> Paulo perguntou: << Que batismo vocês receberam?>> Eles responderam: << O batismo de João.>> Então Paulo explicou: << João batizava como sinal de arrependimento e pedia que o povo acreditasse naquele que devia vir depois dele, isto é, em Jesus.>> Ao ouvir isso, **eles se fizeram batizar** em nome do senhor Jesus. Logo que Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e começaram a falar em línguas e a profetizar.” (Atos dos Apóstolos, 19:1-6, grifo nosso). BÍBLIA, 1990, op.cit., p. 1421.

práticas que, ao seu modo de ver, afastavam-se dos referenciais por ele considerados corretos e, por isso, eram apontados com estranhamento em suas narrativas.

Notemos, por exemplo, a capacidade de criação do poeta ao falar da ação dos fiscais durante o aumento da cobrança dos impostos. Para isso, adotava situações inusitadas, que tinham como pano de fundo uma ferrenha crítica à monetarização das relações:

Ordenei mais que um noivo  
 Pretendendo a se cazar  
 Sellar-se elle e a mãe  
 O pai tem de se sellar,  
 E o pai da propria noiva  
 Precisa se carimbar.

A sogra do noivo não,  
 Não é preciso sellar  
 A sogra, a cobra, o lacrau  
 Estão isentos de pagar  
 Graças ao veneno desses  
 Sempre podem escapar  
 [...]

Vi uma velha chorando  
 Dizendo meu Deus que sina!  
 Já fui aos homens da terra  
 Fui a justiça divina  
 Minha filha vai casar-se  
 Querem sellar a menina.<sup>6</sup> (sic)

No trecho, é perceptível que o poeta aproveitava alguns problemas enfrentados pelos comerciantes mais pobres, a exemplo do aumento do selo sobre os produtos comercializados, para suscitar questões acerca de algumas relações que vinham sofrendo transformação na sociedade. É interessante notar o modo como a narrativa relacionava elementos pertencentes a esferas absolutamente diferentes, como o matrimônio e os impostos, e, a partir dessa associação, normalmente não cogitada, terminava por evidenciar a crítica ali embutida.

No fragmento destacado, é latente a inquietação do poeta ao gerar uma situação na qual dissimulava relação aparentemente engraçada e irreverente, onde atos e manifestações religiosas e sagradas, passavam a ser controladas,

---

<sup>6</sup> BARROS, L. G. A crise actual e o augmento do sello. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2.op.cit., p. 310-311.

fiscalizadas e taxadas por autoridades civis, que lhes atribuíam novos e diferentes valores. O trecho se desenvolve como se o autor desejasse evidenciar que, nesse novo contexto, nada escaparia de ser transformado em mercadoria, mesmo que se tratasse do casamento, vínculo estabelecido segundo as regras de uma religião, um dos sacramentos da Igreja Católica, que deveria ser cumprido e vivido em sua normalidade, para que o fiel se mantivesse próximo à vontade de Deus<sup>7</sup>.

Ao criar uma situação onde ficava evidente o afrontamento entre as coisas de Deus e os valores do “mercado”, com ênfase à imposição do segundo sobre o primeiro, o poeta inevitavelmente mostrava o lugar de onde falava, e a convicção de algumas tantas pessoas, que, assim como ele, possuíam fortes crenças religiosas e se manifestavam para que, diante das investidas dos novos tempos, os valores religiosos fossem respeitados.

No trecho selecionado, percebemos que muitos personagens eram partidários da convicção do poeta: “Vi uma velha chorando/ Dizendo meu Deus que sina!” A senhora se chocava e mostrava seu desespero diante da transformação religiosa e também econômica por que passava a cidade. Sua indignação era tamanha que, diante da falta de justiça dos homens, clamava à justiça divina, pois, de acordo com os próprios conhecimentos populares, “tarda, mas não falha”.

Essa ciência, acerca da punição dos pecadores, fica evidente na própria narrativa. Observemos o que ocorre a um dos fiscais, responsável pela proliferação dos selos:

Morreu um dia um fiscal  
Foi dar contas ao Eterno  
Ghegou lá, Deus perguntou-lhe  
Rapaz, quede seu caderno?  
Disse o fiscal: dei-o hontem  
Ao caixeiro do inferno.

Então Deus lhe perguntou  
Porque não trouxe comsigo?  
Disse o fiscal é porque  
Aqui eu tenho inimigo  
Os empregados do mundo  
Tudo aqui correm perigo.

<sup>7</sup> “Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Esse mistério é grande: eu me refiro a Cristo e à Igreja. Portanto, cada um de vocês ame a sua mulher como a si mesmo, e a mulher respeite o seu marido.” (Efésios, 5: 31-33). BÍBLIA, 1990, op.cit., p. 1506.



Lá, eu empatei um santo  
 Pedir esmola na feira,  
 No dia que fiz um padre  
 Sellar uma padroeira  
 Fiz a proscissão dos Passos  
 Sahir em toda carreira.<sup>8</sup> (sic)

No trecho em destaque, o fiscal passava por um momento de provação, como consequência de ter levado tantos problemas à vida das pessoas na terra. Assim como todo cristão, quando morreu, precisou prestar “contas ao Eterno”, e foi interrogado sobre seus atos em vida<sup>9</sup>. O julgamento do fiscal aparece na narrativa como uma espécie de lição de moral, e certeza de que haveria compensação ou punição sobre todos os atos cometidos durante a existência do sujeito.

A primeira interrogação dirigida ao fiscal foi acerca de seu caderno: “Rapaz, quede seu caderno? Disse o fiscal: dei-o hontem ao caixeiro do inferno”. Por intermédio de Deus, o poeta perguntava sobre o caderno, porque acreditava que ali estariam registradas todas as injustiças que os representantes do governo cometiam contra os comerciantes e pessoas comuns aqui na terra. Durante a resposta, ficava clara a sátira dirigida a esses profissionais, ao anunciar que antes de qualquer atividade na sua vida post mortem, havia, primeiramente, dado uma “passadinha” no inferno, como se indicasse familiaridade com o ambiente.

Vale ressaltar que, além de mostrar todo seu desprezo e indignação contra os “empregados do mundo”, ao anunciar a passagem do fiscal primeiro pelo reino das trevas, o poeta indicava que esses sujeitos também eram mal quistos no céu, e ali possuíam muitos inimigos: “Aqui eu tenho inimigo / os empregados do mundo / tudo aqui correm perigo”. Ou seja, o narrador desejava mostrar a reprovação por parte de Deus, e dos moradores do céu, com relação às atitudes dos funcionários do governo na terra.

Notamos que a campanha contra os fiscais provavelmente acontecia porque o poeta acreditava que estes eram os mais fortes representantes daqueles que

<sup>8</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A crise actual e o aumento do sello. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2.op.cit., p. 314-315.

<sup>9</sup> “Não se iludam, pois com Deus não se brinca: cada um colherá aquilo que tiver semeado. Quem semeia nos instintos egoístas, dos instintos egoístas colherá corrupção; quem semeia no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna. Não nos cansemos de fazer o bem, se não desanimarmos, quando chegar o tempo, colheremos.” (Gálatas, 6: 7-9). BÍBLIA, 1990, op.cit., p.1500.

desejavam intensamente as transformações e a “modernização” da cidade, além de serem os causadores de muito sofrimento às pessoas que ali viviam.

O próprio empregado do governo, ao prestar contas de suas ações na terra, possuía consciência de que os principais pecados que cometera durante a vida foram afrontas contra a religião. Ao confessar, por exemplo, que empatou um santo de pedir esmolas na feira, mostrou toda a crueldade de um sujeito que, mesmo sabendo que aquela poderia ser a única possibilidade de sobrevivência de alguém, ainda assim o impediu de ganhar seu pão.

A feira era momento singular na vida dos sertanejos, pois muitos se sustentavam por meio da venda de roupas, cerâmicas, artesanatos, artigos de couro, artefatos de palha, arreios, dentre muitos produtos. Outros sobreviviam com apresentações artísticas, como era o caso dos cantadores, emboladores, que cantavam através de motes tirados de improviso, acrobatas e profissionais que conseguiam algum dinheiro através de sua criatividade e inventividade. Mas, além disso, a feira era, ainda, espaço para indivíduos que, impossibilitados de mercadejar, ou fazer apresentações artísticas, sobreviviam das esmolas que ganhavam, como era o caso dos cegos e outros deficientes.

O fiscal, representado no folheto, reconhecia sua falta de compaixão ao confessar, durante seu interrogatório, que impedira sujeitos necessitados de exercerem uma das poucas atividades que lhes era possível. O homem reconhecia que seu ato não fora louvável, pois, além de impedir a realização de um ato aprovado e aconselhado pela bíblia, como era a recomendação de dar esmolas – “A esmola livra da morte e purifica de todo pecado. Quem pratica esmola, terá vida longa.” (Tobias, 12: 9)<sup>10</sup> – ele também prejudicava pessoas que pediam e agradeciam em nome de Deus:

Tenham pena deste cego,  
Filhos da Virge Maria,  
Eu sou cego de nascença,  
Nunca vi a luz do dia!...  
[...]

Deus lhe dê muito dinheiro,  
Deus lhe dê muita alegria...

---

<sup>10</sup> BÍBLIA, 1989, op.cit., p. 540.

Que as moeda sejam tantas  
Que nem pó em serraria<sup>11</sup>(sic)

Nesse sentido, ressaltamos que o poeta estava atento às mínimas atitudes dos empregados da cidade, inclusive àquelas que contrariavam normas, valores e práticas vigentes nas tradições culturais de que era partidário, como é o caso da doação de esmolas aos mais pobres.

Seguindo o trecho indicado no folheto de Barros, percebemos que a ação contra os cegos não havia sido o único pecado do fiscal, que confessava atos ainda mais graves, como ter obrigado um padre a colocar selo de cobrança de impostos em uma padroeira: “No dia que fiz um padre / Sellar uma padroeira”, ato certamente merecedor de castigo exemplar, pois o culto à Virgem Maria era bastante forte entre os católicos da cidade.

O culto à Virgem Maria foi enfatizado no Recife durante o Segundo Reinado, por volta de 1850, fazia parte das reformas por que passava a Igreja Católica que tentava difundir os dogmas afirmados pelo papado, além de combater os “demasiados” cultos populares existentes no Brasil desde o período colonial. Raimundo Pereira Alencar Arrais afirma que o culto à Maria ganhou fervor entre os recifenses:

Sob suas diversas designações, o culto de Nossa Senhora, mormente o de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Penha, adquiriu no Recife um vigor impressionante. O fervor dos fiéis na colaboração para a demorada construção do templo de Nossa Senhora da Penha dá uma mostra dessa energia mobilizada pela fé.<sup>12</sup>

Os padres e representantes do vaticano faziam exercícios cotidianos para orientar fiéis no que dizia respeito aos rituais de culto à virgem. Manuais, livros, propagandas, Horas Marianas, celebrações no interior e fora das igrejas eram utilizados para expandir a devoção que era contrastada a cultos tradicionais como o de Santo Antônio, que não se “adequavam” aos planos de gestão urbana da cidade. A relevância da santa ganhou tamanho vigor que, a partir de 1919, Nossa Senhora

<sup>11</sup> MOTA, Leonardo. *Cantadores*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 3ª ed., 1961. p. 96.

<sup>12</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *O pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX*. 2001. Tese de Doutorado em História Social - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientador Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva, p. 225.

do Carmo subiu à posição de co-padroeira de Pernambuco, ao lado de Santo Antônio.<sup>13</sup>

A fé devotada a Maria pode ser tomada como um exemplo de que não havia somente enfrentamentos entre fiéis e reformadores na cidade, mas também relações, pois o culto adquiriu ao longo do século XIX e XX uma dimensão bastante forte e significativa. É bem verdade que nem sempre a relação com a santa se dava do modo que os reformadores desejavam, no entanto era inegável a força de sua devoção.

A fé que os poetas depositavam em Maria aparece na literatura de folhetos de forma expressiva. O poeta paraibano Manoel Camilo dos Santos (1905-1987) pode servir como uma espécie de arquétipo para que salientemos a relevância da devoção à Santa. Micheline Reinaux de Vasconcelos trabalha com um texto significativo desse autor, no qual há uma declaração de seus princípios, relacionando os principais motivos de sua fé e devoção à “Serva do Senhor”:

Sou católico por que tenho a felicidade de ser devoto Daquela que, 700 anos antes do seu nascimento, já os profetas se preocupavam com seu santo e privilegiado nome, que é MARIA SANTÍSSIMA...

Maria Santíssima a Virgem e Imaculada por excelência; o tesouro venerável do universo, a coroa da Virgindade o centro da doutrina verdadeira, o templo indestrutível no qual enserrou-se Aquele que nenhum espaço pôde o conter.

Maria Santíssima por quem os anjos se alegram, por que os demônios são afugentados, por quem as criaturas decaídas readquirem a felicidade eterna, por quem a Santíssima Trindade é exaltada no céu e na terra.

Maria Santíssima o manancial das fontes eternas, de graças, de virtude e santidade; Maria Santíssima por quem sobe-se as mais radiosas esferas da suprema felicidade eterna. <sup>14</sup> (sic)

A partir desse levantamento da obra de Manoel Camilo, bem como informações sobre o crescimento do culto à Maria na cidade do Recife, temos noção do tamanho da fé e credulidade dedicadas à figura da Santa naquela região. Logo,

<sup>13</sup> ARRAIS, 2001, op.cit., p. 224 - 229.

<sup>14</sup> SANTOS, Manoel Camilo dos. Vou dizer por Qual motivo Nunca Serei Protestante apud VASCONCELOS, Micheline Reinaux. *Os Nova-Seitas: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel - Pernambuco e Paraíba (1893-1936)*. 116f. 2005. Dissertação de Mestrado em História - Programa de Estudos Pós-Graduados em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ao estabelecermos relações entre os elementos mencionados e a narrativa de Leandro de Barros, poderemos dimensionar o temor do fiscal de *A crise actual e o augmento do sello*, ao confessar seu atentado contra a “Virgem Santíssima”, arremetendo impiedosamente um selo de imposto na padroeira, atitude que, dificilmente, teria remissão no céu.

Não obstante, acreditamos que o destino do fiscal tenha sido decidido após confessar seu último pecado: fazer a Procissão dos Passos “sahir em toda carreira”, pois, provavelmente, tanto os moradores do Recife, quanto os habitantes do céu, achavam que este pecado não merecia perdão.

De acordo com o memorialista Mário Sette, a Procissão dos Passos era uma das mais concorridas e demoradas da cidade, pois se iniciava na quinta-feira da Quaresma, assim que a tarde caía, e se encerrava na sexta-feira, no início da noite. Na quinta-feira, a procissão denominada do “Encerro” era iniciada na Igreja do Corpo Santo, que foi demolida em 1913 nas obras de ampliação da cidade, principiava com dobres lentos, dolorosos e tristes de sinos, e a imagem do Bom Jesus dos Passos saía envolta em um dossel de seda roxa num “longo, belo e tocante cortejo noturno” em direção ao Convento do Carmo, ali, passava toda a noite.<sup>15</sup>

No outro dia, com o cair da tarde, a imagem retornava ao Corpo Santo em uma procissão que tinha na cidade honras de esplendor e de fama, pois há muito tempo as pessoas esperavam por esse momento, como se fosse uma etapa do ano a ser cumprida. Sette recordava detalhes do ritual solene:

[...] As irmandades, as confrarias, o andor enfeitado com cravos e alecrins, as ordens terceiras, o seminário, o pálio, [...] as músicas, o povo... Um desfile extenso, colorido, bonito, empolgante! De quando em vez se via no meio do préstito um homem com um rabecão, outro com um violino, outro ainda com uma música na mão. Era a orquestra que ia tocar num dos passos. Ali o andor parava, dando as quedas do ritual. A multidão arrojava...<sup>16</sup> (sic)

O memorialista conta que a procissão demorava tanto, que as pessoas que moravam no trajeto por onde ela passava se preparavam com muita antecedência para receber as visitas que vinham de longe, permaneciam todo o dia e ficavam para

<sup>15</sup> SETTE, Mário. *Maxambombas e Maracatus*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1958.

<sup>16</sup> Ibid.

o jantar, uma vez que, quando tudo findava, a noite já havia caído, as ruas estavam cada vez mais vazias e escuras.<sup>17</sup>

Em função dessas informações, apreendemos a gravidade do ato cometido pelo “malvado” fiscal, que, de acordo com o poeta, atreveu-se a interferir no funcionamento de uma das cerimônias mais solenes e tradicionais da cidade, e em um ato de subversão colocou a “demorada” procissão para “correr”. Certamente, os três feitos cometidos por esse “abusado” sujeito na narrativa, principalmente contra os valores, obras e rituais religiosos, contribuíram para o castigo que lhe foi atribuído:

O Eterno olhou-o e disse-lhe  
 Já por alli cara dura  
 Vá encharcar o inferno  
 Com sua horrenda figura  
 O diabo disse: vote!  
 Eu quero é ver-lhe a lonjura.

Voltou para o pulgatorio  
 Foi o mesmo desmantello,  
 Quizeram o apedrejar  
 O porteiro não quis vel-o  
 Foi ao inferno, o diabo  
 Não quis, nem pr'a derretel-o<sup>18</sup>(sic)

No final da história ficava evidente o castigo para aqueles que descumpriam as normas e os valores da religião da qual o poeta era partidário. O fiscal recebe a punição por ter atormentado a vida de tantas pessoas na terra, é expulso do céu, do purgatório, e nem no inferno possui alguma serventia.

A partir do folheto publicado, percebemos que, apesar de trabalhar com personagens fictícios, inseridas em situações do cotidiano da cidade, o poeta não deixava de enfatizar lições de moral, que davam a certeza a seus leitores de que os sujeitos que praticavam ações danosas à vida das pessoas, tanto em aspectos materiais, como valores, normas e crenças, não ficariam impunes. Embora fosse uma crítica engraçada, construída com base em muita criatividade e inventividade, a narrativa não deixava de trazer uma dimensão da experiência do seu autor, que

---

<sup>17</sup> SETTE, 1958, op.cit.

<sup>18</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A crise actual e o augmento do sello. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2.op.cit., p. 315.

mostrava, além de confabulações no desenrolar da história, lições e valores que considerava os mais corretos para serem afirmados e difundidos durante as leituras ou audições.

Com relação à riqueza presente nessas experiências das poesias rimadas, é interessante atender para o que dizia Walter Benjamin acerca da dimensão da verdadeira narrativa:

Ela tem em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas se “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis.<sup>19</sup>

Nesse trecho, Benjamin criticava a perda da capacidade de narrativa em detrimento da informação, que já vem acompanhada de todas as explicações possíveis, não deixando possibilidade de suscitar reflexão, ao contrário do que acontece na narrativa, que deixa margem para que, ao longo de sua vida, o sujeito vá significando seu conteúdo, compreendendo-o a partir de suas experiências.

O que nos parece é que Leandro Gomes não desperdiçava em suas poesias a possibilidade de fazer com que seus leitores e ouvintes se inquietassem ao acompanhar as críticas direcionadas às transformações da cidade. Através do folheto trabalhado, percebemos que o narrador aproveitava sua habilidade de rima para imprimir nas histórias, além de intervalos engraçados, que faziam as pessoas se distraírem, também significados, experiências, valores que considerava corretos naquele período de transformações. É como se o poeta deixasse para seus interlocutores, pessoas que tinham experiências, dificuldades, e também origens semelhantes às suas, a possibilidade de significarem e corroborarem com suas insatisfações e descontentamentos com os acontecimentos correntes.

Acompanhamos nos folhetos de Barros constantes exercícios de intercambiar experiências e difundir valores, mesmo quando estes eram caracterizados como “antiquados” e “fora de uso”. É o caso do folheto *As saias calções*, escrito entre 1910 e 1913, uma narrativa singular, permeada de críticas e restrições às inovações que

---

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 200.

surgiam naquele início de século na cidade do Recife, mostrava valores de quem escrevia e também de quem lia o material.

O folheto *As saias calções* pode ser tomado como suporte para perceber as diferentes formas que o poeta encontrava para enfrentar os novos valores e atitudes disseminados e praticados na cidade. A narrativa está permeada de cobranças e punições endereçadas àqueles que aderiam às inovações. No início do folheto, assim como fazia freqüentemente, o poeta relacionava uma série de mudanças que lhe causavam estranhamento:

O mundo está as avessa,  
As cousas não vão de graça,  
Homem raspando bigode  
E mulher vestindo calça,  
Isso é um páo com formiga,  
Um banheiro com fumaça.<sup>20</sup>(sic)

Alguns hábitos e comportamentos sofriam alterações, e essas mudanças causavam incômodo ao autor da poesia, que, sempre de maneira muito bem humorada, proferia ferrenhas críticas aos seus praticantes. No trecho notamos que o poeta observava a reviravolta porque passava o mundo, pois sequer conseguia definir os papéis sexuais dos sujeitos ali presentes, o que lhe causava profunda indignação.

Leandro de Barros aproveitava a oportunidade para recriminar uma moda muito difundida na cidade, que se espalhava entre as mulheres, eram as famigeradas “saias-calção”, um tipo de vestimenta que em seu comprimento trazia muito tecido, mas na extremidade de baixo ficava presa aos calcanhares. O poeta considerava essa inovação “cousas do fim de mundo”, uma “sem-vergonhice”, adotada por mulheres de “índole” e “moral duvidosa”.

Na tentativa de combater a gravidade de tais inovações femininas, Leandro de Barros criou uma associação entre a adesão à moda e o afastamento e descumprimento de atos e práticas religiosas. No folheto *As saias calção* o autor

---

<sup>20</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *As Saias Calções*. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os dismantelos do Mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro de Pesquisas, Setor de Filologia, 1983, p.39-40.



concebia formas bastante criativas para mostrar aos leitores e ouvintes os diferentes problemas enfrentados pelos sujeitos que ousavam aderir a tal moda:

Hontem morreu uma velha  
 E não quis a confissão,  
 Disse ao filho antes da morte,  
 Para mim não faça caixão  
 E quero em vez de mortalha  
 E' uma saia calção.<sup>21</sup> (sic)

A personagem do trecho em destaque é um exemplo da oposição entre moda e religião, sua atitude traz “lições de moral” que deveriam servir como modelo para outras mulheres. Note que, na lógica do autor, por possuir mais tempo de vida, experiência e conhecimento acerca das normas e valores em vigor, a “velha” deveria saber discernir entre o “correto” e “incorreto”, “descente” e “indecente”, contudo não é isso que ocorre, pedia insistentemente ao filho a vestimenta da moda.

O poeta associa diretamente a adesão ao elemento da moda ao descumprimento das normas religiosas, observe que, mesmo em seu leito de morte, a “velha” não desejava receber o sacramento da confissão, porque só assim poderia morrer em paz e vestida com sua saia calção. Intencionalmente o narrador afirmava os perfis duvidosos daqueles que aderiam às inovações, construindo personagens sem caráter, não confiáveis, e de pouca credibilidade.

Insistimos no sentido de que para advertir seus leitores e ouvintes acerca da gravidade de condescender-se às inovações dos tempos modernos, o poeta reforçava seus argumentos recorrendo a valores, comportamentos e práticas religiosas, imprimindo nos folhetos uma moral que cobrava posturas acertadas e firmes diante das ofensivas da modernização. É interessante perceber que, além do rigor das cobranças de posturas firmes aqui na terra, o poeta acenava possibilidades de cobranças que se estenderiam, inclusive, após a morte, alegando que as punições não se limitariam às dependências terrenas, mas à chegada e permanência no céu. Observe o que aconteceu com esta outra velha:

Morreu agora uma velha

---

<sup>21</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As Saias Calções. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os dismantelos do Mundo*. op. cit., p. 41

N'uma cachaça medonha,  
As filhas enterraram ela  
Vestida em saia pamonha,  
Foi ao céu, S. Pedro disse  
Já por ali! sem vergonha<sup>22</sup>

Novamente outra pessoa é enterrada com as saias da moda. Note que mais uma vez o poeta insistia em dizer que a personagem era “velha”, o que, novamente, reforçava sua noção de que caberia principalmente às pessoas mais experientes a responsabilidade em se posicionarem criticamente diante das práticas e inovações do seu tempo.

Contudo, dessa vez, o que desabonava a “velha” era o fato de ter morrido embriagada, o que a inseria num rol de pessoas não muito bem quistas na sociedade, pois havia uma distinção entre os “amantes da cachaça”, e os conhecidos “cachaceiros”, sujeitos que bebiam desregradamente prejudicando a si e aos outros<sup>23</sup>. Nessa campanha, percebemos que, ao associar a “velha” à “saia” e à cachaça, o poeta reforçava a imagem negativa das pessoas que aderiam a tais modas.<sup>24</sup>

No trecho acima, o poeta não se limita a associar moda e o descontrole no álcool. No caso da velha “cachaceira”, quem decide enterrá-la com a tal “saia pamonha” são suas filhas, indicando que o problema do uso e disseminação da moda não estava somente entre os mais velhos.

Não obstante, a narrativa indicaria que a anuência a tal inovação não lhe custaria barato: “Foi ao céu, S. Pedro disse / já por ali! sem vergonha”. Se pensarmos que, de acordo com a tradição popular, São Pedro é o guardião das chaves do paraíso, e, segundo a narrativa, a “velha” só conseguiu conversar com

<sup>22</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As Saias Calções. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os dismantelos do Mundo*, op. cit., p. 43.

<sup>23</sup> De acordo com Hernani de Carvalho em seus estudos sobre a cachaça nos sertões do Brasil “[...] é necessário distinguir-se o amante da cachaça do cachaceiro: o primeiro, bebe-a aristocraticamente [...] ao passo que o último se dá ao uso desregrado da cachaça, prejudicando-se.” CARVALHO, Hernani de. *No mundo maravilhoso do folclore*. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1966, p.155-159.

<sup>24</sup> O descontrole no consumo de bebida não era raro de ser presenciado entre os sertanejos, o que ajudava a gerar uma série de ditados e provérbios intimamente relacionados ao consumo da cachaça. Encontramos alguns exemplos: “acontece desgraça porque não acaba cachaça”, “pinga demais, tombo na poeira”, “cachaceiro não tem segredo”, “cachaça tira o juízo, mas dá coragem”, “três coisas espirram um cabra pra fora da cafua: fumaça, goteira e mulher cachaceira”. MOTA, Leonardo. *Adagiário Brasileiro*. Fortaleza: edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982, passim.

esse santo, então chegaremos à conclusão de que ela sequer conseguiu passar das “portas” do céu, e, através das palavras do próprio santo, teve seu castigo exemplar, retornando, sem ao menos ser julgada.

Nesse sentido, ressaltamos que o poeta não parecia muito tolerante com as pessoas que aderiam às inovações, mostrando que tais atitudes eram dignas de reprovação, tanto na terra, como no céu. A despeito, suas repreensões, que até o momento foram dirigidas às velhas “sem vergonha”, não se limitariam a elas, uma vez que, em se tratando de Leandro Gomes de Barros, não tardaria para que os religiosos também fossem incluídos no rol de pecadores:

Dizia frei Ribingudo,  
 Hontem, pregando um sermão,  
 Deus filhos creiam por Deus  
 Que eu digo de coração,  
 Só queria ser mulher,  
 Para botar saia calção.

Dizia na confissão  
 A freira Chica Bazar,  
 Eu prefiro até fugir,  
 Se quizerem me empatar,  
 Mas, uma saia calção,  
 Eu não deixo de botar.<sup>25</sup> (sic)

No trecho o poeta faz mais uma irreverente ofensiva contra membros do clero católico, contudo, dessa vez não crítica a ganância, venalidade nem interesses por lucros. No caso desse folheto, é bastante sutil e extremamente provocante ao acenar possibilidades de homossexualismo entre os religiosos.

O frei Ribingudo durante o seu sermão, ao invés de pregar sobre as verdades cristãs, ou repreender comportamentos desmoralizantes, papel geralmente assumidos pelos oradores religiosos, “dizia de coração” que queria ser mulher para colocar as “tais” saias calção. Já a freira Chica Bazar, durante a confissão, momento de penitência, em que deveria revelar e arrepende-se de seus pecados, apenas confessa sua vontade de trajar a saia da moda, além de mostrar rebeldia ao ameaçar uma possível fuga, caso não a deixassem colocar a vestimenta, que era, até então, indumentária masculina:

---

<sup>25</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As Saias Calções. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os desmantelos do Mundo*, op. cit., p.41-42.

Procuro um jeito nellas  
 De forma nenhuma acho,  
 São botões como diabos  
 Desde cima até em baixo,  
 Estando mulheres e homens  
 Parece ser tudo macho.<sup>26</sup> (sic)

Diante da observação de que as saias calção eram vestimentas masculinas, parece-nos que o poeta sugeria uma inversão de sexualidade entre os religiosos: Os homens revelavam suas vontades secretas de se vestirem como mulheres, e as mulheres mostravam toda a sua rebeldia ao trajarem roupas que historicamente haviam pertencido aos homens. No trecho, há uma sugestão de que poeta se incomodava com essa flexibilização dos papéis de gênero que se acentuava na sociedade.

Raimundo Nonato da Silva Fonseca, em seu livro *“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1987-1930*, ao tratar da influência do cinema nos comportamentos sexuais, afirma que a aproximação das mulheres a comportamentos masculinos, assim como apropriação pelos homens de trajes e artifícios femininos, causava mal estar nas pessoas que criticavam os novos hábitos, considerados coisas de “almofadinhas” que “desfilavam pelas ruas ridicularizando a sociedade brasileira”.<sup>27</sup>

A reação com a flexibilização dos papéis sexuais não parece ter sido muito diferente no Recife. Os próprios folhetos de Leandro Gomes expõem com indignação o fato de as mulheres estarem não somente se apropriando dos trajes, mas também de comportamentos, posturas e hábitos historicamente masculinos.

O poeta constatava inflamado que “as cousas estavam mudadas”, pois, mesmo depois de casadas, as mulheres ganhavam as ruas para trabalhar, deixando os afazeres de casa por conta de seus maridos:

Agora é que elles estão vendo  
 Que a cousa está em começo

<sup>26</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As Saias Calções. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os desmantelos do Mundo*, op. cit., p.40.

<sup>27</sup> FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita”: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1987-1930*. Salvador: EDUFBA; Universidade Federal da Bahia. Centro de estudos Baianos, 2002, p. 180-181.

Tanto que muitos já disseram  
 Está tudo pelo avesso.  
 E ainda está em principio  
 Ainda vai pelo um terço  
 [...]

Ha homens que hoje vive  
 Do trabalho da mulher,  
 Embora que elle só faça  
 Aquilo que ella quizer,  
 Há de carregar no quarto  
 Os filhos que ella tiver<sup>28</sup> (sic)

O mundo não era mais o mesmo, o poeta se indignava porque as mulheres não se limitavam mais exclusivamente ao espaço doméstico. Elas ganhavam as ruas, iam para as fábricas fechar cigarros, engomavam roupas, eram amas de leite, costureiras, professoras, modistas e, até mesmo nos “sertões”, deixavam os maridos em casa “alcovitando as panelas” e partiam para o trabalho na roça<sup>29</sup>

Fossem pertencentes às classes mais abastadas, como parece o caso da crítica às mulheres que vestem as “saias calção”, ou fizessem parte das classes populares, como as trabalhadoras supracitadas, o fato é que as mulheres, definitivamente, não eram mais as mesmas, o que causava grande estranhamento no autor, que considerava estar “tudo pelo avesso”:

As mulheres que só vivem  
 A sondar a invenção,  
 Acharam que estavam bem  
 Inventando cinturão,  
 Com pouco mais ellas andam  
 Com cartucheira e facão.

Além da tal pulseira  
 Com que vivem algemadas,  
 Chegaram às saias pamonhas,  
 Com essas vivem peiadas,  
 Agora as saias calções  
 Chegaram mesmo damnadas  
 [...]

Hontem vi duas mulheres  
 Que estavam em discussão,  
 Sobre a crença do paiz  
 Fanatismo e corrupção,  
 Uma perguntou a outra

<sup>28</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *As cousas Mudadas*. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2.op.cit., p. 284-286.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 284-289.

Já vistas saia calção?

E apois minha visinha  
Disse a outra admirada,  
São cousas de fim do mundo,  
Bem disse frei Panellada  
Que ainda chegava tempo  
De agente viver peiada.<sup>30</sup> (sic)

No fragmento em destaque, é perceptível o incômodo do poeta com o fato de as mulheres estarem mudando, adquirindo novas posturas e comportamentos, que durante muito tempo lhes foram estranhos. A princípio, limitava-se a reclamar do uso do cinturão, acessório da moda naquele momento, e brincava com a possibilidade de futuramente elas adotarem o uso da cartucheira e facão, três elementos conhecidos e utilizados como indumentária exclusivamente masculina.

No trecho, é interessante notar as formas utilizadas pelo poeta para travar o enfrentamento contra as mudanças femininas, pois assume, inegavelmente, seu lugar de homem sertanejo. Percebamos que não é por acaso que menciona justamente três elementos que, historicamente, compuseram os trajes e vestimentas do homem do campo. Acompanhe a descrição feita por Henry Koster acerca da indumentária desses homens em viagem:

Sua roupa consistia em grandes calções ou polainas de couro taninado mas não preparado, de cor suja de ferrugem, amarrados da cinta e por baixo víamos as ceroulas de algodão onde o couro não protegia[...]. Seu chapéu, de couro, tinha a forma muito baixa e com as abas curtas. [...] Na mão direita empunhava um longo chicote e, ao lado, uma espada, metida num boldrié que lhe descia da espádua. No cinto, uma faca, e um cachimbo curto e sujo na boca. [...] A todo este equipamento, o sertanejo junta ainda uma pistola, cujo longo cano desce pela coxa esquerda, e tudo seguro<sup>31</sup> (sic) (grifo nosso)

Evidentemente nem todos os sertanejos que viviam na cidade do Recife se vestiam de acordo com a descrição de Koster, no entanto, o que ressaltamos é que o poeta escolheu uma indumentária familiar àqueles que compravam, liam e ouviam suas narrativas, porque assim eles tomariam a ofensiva feminina também contra si.

<sup>30</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As Saias Calções. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os desmantelos do Mundo*, op. cit., p.39-40.

<sup>31</sup> KOSTER, Henry. *Viagens ao nordeste do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1942, (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Serie 5ª. Brasíliana; 221), p. 133-134.

Talvez não tivesse tanta graça, ao invés de imaginar uma mulher vestida de cinturão, cartucheira e facão, trajá-la de colete, paletó e *croisé*, indumentárias de homens pertencentes a outras classes sociais. A graça estava justamente em buscar afinidade, aproximação e apoio com o público que, assim como o poeta, estranhava e não estava familiarizado com “tamanhas” inovações. Além disso, é possível que, até mesmo por possuir apreço pelo exagero e alegorização, o poeta tivesse buscado o referencial mais másculo e viril que conhecia para contrapor à ousadia das mulheres.

Na alegoria feminina criada pelo poeta, as mulheres se aproximavam de maneira admirável de formas e referenciais masculinos, chegavam a discutir assuntos que historicamente haviam pertencido ao domínio dos homens: “crença do paiz, fanatismo e corrupção”. Ou seja, de acordo com Leandro Gomes, algumas mulheres se masculinizavam de tal forma que temas como religião e política agora faziam parte do seu rol de discussões.

É interessante notar que a nova conduta feminina incomodava de tal maneira o poeta que, neste caso, até mesmo os religiosos, freqüentemente chacoteados e escarnecidos, eram muito sensatos ao anunciar que chegaria o tempo em que as mulheres viveriam “peiadas”, ou seja, tratadas como éguas, como animais, pois a peia era uma peça de couro ou corda com a qual se prendia o pé do cavalo, para que não se afastasse do campo de pastagem<sup>32</sup>.

Com isso o poeta desejava apontar quão absurdos eram os novos trajes femininos, usados somente por mulheres que se distanciavam dos valores religiosos e que chegavam a beirar o ridículo ao aderirem à “pouca-vergonha” e “ousadia” das inovações vindas e oferecidas pela moda.

Nesse sentido, sondamos que o narrador travava um embate com um grupo específico de mulheres da sociedade recifense do início do século, uma vez que as saias calções não eram indumentárias abertamente usadas e difundidas entre todas as mulheres da cidade<sup>33</sup>, na verdade eram peças predominantes no mundo das

---

<sup>32</sup> COSTA, F. A. Pereira da. O couro no vocabulário. *Jangada Brasil*, Número 14, Out. 1999. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/outubro14/of14100b.htm>>. Acesso em 30 maio 2007.

<sup>33</sup> Mário Sette descreve as vestimentas de “uma linda senhora” que trajava uma dessas saias da moda, vestia *espartilho arrojado, anéis em todos os dedos, mitenes, sapatos de saltos a Luis XV*. O memorialista observava a mulher que chegava às compras em sua carruagem, *puxada por dois*

moças e senhoras pertencentes à classe dominante que, além dessa inovação, aderiam a uma série de outros artifícios, pois acreditavam que somente assim atingiriam o ideal de modernidade.

No entanto, o desejo de ser moderno não se restringia às mulheres. Seu comportamento era, na verdade, extensão dos desejos impressos na camada mais ricas da sociedade recifense, que não diferia do caminho trilhado por cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Porto Alegre, que, através de reformas, urbanização, higienização, inovações tecnológicas, tentavam a todo custo se aproximar de ideais de “modernidade” e “civilidade” que passavam indubitavelmente pelo referencial encontrado na Europa.

A imposição do referencial europeu no funcionamento da cidade era constante nas atitudes das classes sociais mais ricas, contudo isso não passava despercebido para os diferentes segmentos da população que resistiam por meio do combate, crítica e contestação ao anseio que se desejava estabelecer como “oficial”. Percebemos nos folhetos de Leandro Barros críticas freqüentes com relação à difusão de valores, normas e práticas importadas do “estrangeiro”.

Assim sendo, a partir de agora acompanharemos os embates presentes nos folhetos direcionados contra aqueles sujeitos que chegavam à cidade trazendo, além de experiências, também diferentes valores e crenças, que seriam alvo de duras críticas difundidas através dos folhetos populares.

### **3.2. “Ou que lugar desgraçado”: enfrentamentos religiosos contra a presença estrangeira**

Ao analisar materiais referentes às duas primeiras décadas do século XX no Recife, não é difícil perceber tentativas de modificar a cidade e imprimir, em seus padrões, hábitos, comportamentos, valores, considerados mais “ajustados” para os “novos tempos”. Após as reformas urbanas de 1909, é perceptível uma campanha

---

*cavalos brancos*, vindo do seu *palacete na Madalena*. Certamente não era uma mulher de classe popular. SETTE, 1958, op.cit., p. 107-108.



pelos “bons” comportamentos, desejava-se, de diferentes maneiras, “educar” os moradores no intuito de aproximar a cidade de referenciais de “desenvolvimento”, “modernização” e “civilidade”, presentes em outras localidades brasileiras e que se inspiravam, essencialmente, nos padrões Europeus.

O anseio de aproximação com a Europa poderia ser percebido num breve passeio pelas ruas da cidade, onde, por meio da urbanização, das lojas, dos trajés, dos comportamentos, as pessoas buscavam constantemente se assemelharem às características do Velho Mundo.

Raimundo Arrais afirma que a conhecida Rua Nova ou Barão da Victoria se tornaria famosa por sua elegância, consumo da moda e cultivo da frivolidade. O autor informa que ali estavam localizadas lojas como a “Maison Chic”, a “Casa Sloper”, a “Casa Francesa”, a “Porta Larga”, e outras “representantes européias”, que vendiam todo tipo de material fino e requintado procurado pelas camadas ricas e abastadas. Na rua encontravam-se calçados chiques para senhoras, costumes de casimira, pratos chineses, louças, porcelanas, artigos japoneses, espartilhos, colarinhos, máquinas de escrever, e até mesmo pianos.

Os estudos de Arrais indicam que a maior movimentação da rua se dava no período da tarde, com estudantes voltando da academia, bondes lotados, muitos carros, alguns automóveis e jornalistas que registravam pessoas em compras, para publicarem os “perfis” e “instantâneos”, cujos clichês procediam de afamados ateliês de Paris. Naquela época, ser objeto desses “perfis” e “instantâneos” soava lisonjeiro e ser estampado em periódicos que circulavam entre “mãos finas dos altos círculos” representava um reconhecimento do bom gosto, civilidade e cultura buscados pelas elites.<sup>34</sup>

Mario Sette atentava para as novidades constantes na Rua Nova:

Modas de Paris. “Só faltava se cuspir à francesa”. Caíam as urupemas das varandas. As meninas botavam as cabeças de fora. E as manguihas também. Na rua Nova abria-se uma casa de cabeleireiros parisienses que vendia chinós, marrafas, crescentes, cachos, pentes de tartaruga e uma tintura que não manchava a pele... E cortava o cabelo por 320 réis.<sup>35</sup> (sic)

---

<sup>34</sup> ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Recife, Culturas e Confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 1998. p. 30-31.

<sup>35</sup> SETTE, 1958, op.cit., p. 34.

A mudança na cidade, as novidades das lojas, o referencial de “modernidade” e “civilização” que se adotava ajudavam a delinear o que se desejava fosse novo ‘perfil’ dos cidadãos recifenses. E, sem dúvidas, Paris era um centro de referência, no modelo que se pretendia tornar universal para a capital pernambucana.

Além do modelo parisiense, os ingleses também possuíam presença relevante no processo de busca de paradigmas para construir o que se denominava o “homem moderno”. Rostand Paraíso afirma que os ingleses influíam de modo marcante nos hábitos do pernambucano, estimulando a prática de esportes, modificando a maneira de comer e de vestir, e criando conceitos de disciplina, solidez e pontualidade. Segundo o médico memorialista:

Era chique, então, se proceder como o inglês: vestir-se como ele, tomar chá-das-cinco à sua maneira, bebericar um conhaque ou gim nas reuniões sociais, praticar esportes como o tênis ou o golfe, ser pontual nos seus compromissos, ter modos finos... e havia gente que, para alcançar esses objetivos, forçava a barra, querendo aparentar o que, na realidade, não era.<sup>36</sup>

Através da indicação de Paraíso, percebemos que a tentativa de se assemelhar e copiar os modelos estrangeiros era inegável e bastante praticada entre representantes das classes mais ricas da cidade, embora nem sempre o resultado fosse muito positivo.

Nicolau Sevcenko ajuda a pensar a aspiração em aproximar o Brasil da Europa, presenciada no Rio de Janeiro, em período muito próximo ao da capital pernambucana. Aponta, naquela cidade, o processo de substituição de padrões nacionais por modelos estrangeiros em voga com o advento da República:

[...] ao contrário do período da independência, em que as elites buscavam uma identificação com os grupos nativos [...] e manifestavam “um desejo de ser brasileiros”, no período estudado, essa relação se torna de oposição, e o que é manifestado podemos dizer que é “um desejo de ser estrangeiros”. O advento da República proclama sonoramente a vitória do cosmopolitismo [...]. O importante, na área central da cidade, era estar em dia com os menores detalhes do cotidiano do Velho Mundo. E os navios europeus, principalmente franceses, não traziam apenas os figurinos, o mobiliário e as roupas, mas também as notícias sobre as peças e livros mais em voga, as escolas filosóficas predominantes, o comportamento, o lazer, as estéticas e

---

<sup>36</sup> PARAÍSO, Rostand. *Esses Ingleses*. 2ª ed. Revista e Ampliada. Recife: Bagaço, 2003, p. 109.

até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos de prestígio.<sup>37</sup>

Observamos que alguns segmentos da sociedade buscavam referências em modelos estrangeiros, considerados mais apropriados para o período, que ficou conhecido, justamente, por afirmar a preponderância da cidade sobre o campo, do urbano sobre o rural, aproximando-se, para isso, de modelos europeus, como referência para a construção do que deveria ser o novo “padrão brasileiro”.

Embora o desejo de “ser estrangeiros” pudesse ser localizado e mapeado na capital pernambucana, não podemos afirmar que todos os moradores da cidade estavam satisfeitos com essas aproximações. Na verdade, existiam aqueles que observavam as tentativas de assimilações com estranhamento e até mesmo como algo impraticável, e não somente rejeitavam esses padrões, como também os enxergavam como invasores e difusores de práticas, valores e crenças que nada tinham a ver com aquilo que achavam correto e adequado para ser seguido.

Leandro Gomes certamente se enquadrava nesse perfil, uma vez que não possuía qualquer simpatia pelos modismos, comportamentos, valores, crenças e até mesmo pessoas vindas do “estrangeiro”. Em seus poemas identificamos uma peleja constante contra estes cidadãos, tidos e identificados em diferentes contextos, como mais um dos “culpados pelo atraso da nação”. O poeta embatia e negava freqüentemente tudo o que vinha deles, e mostrava que não estava satisfeito com a “influência perniciosa” que exerciam no Brasil.

No folheto *As saias calção* pudemos observar as formas encontradas pelo poeta para contrapor a influência da moda e das inovações apropriadas por mulheres da classe dominante, às práticas, morais e crenças religiosas aceitas e vivenciadas por muitos segmentos das classes menos favorecidas, aproveitando para mostrar que os novos padrões afastavam as pessoas “das vontades de Deus”.

Além de ter evidenciado todas essas características com relação às inovações incorporadas pelas mulheres na cidade, esse mesmo folheto vai além, porque mostra claramente a opinião do poeta sobre os verdadeiros responsáveis

---

<sup>37</sup> SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*. In: \_\_\_\_\_ *Literatura Como Missão*. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. 2ª ed. São Paulo: Campanha das Letras, 2003, p. 51.

pela difusão de tais inovações que em sua opinião ofendiam não só a moralidade, mas também a religião:

Um sertanejo já velho  
Veio a praça, desta vez  
Viu um maniquim vestido,  
Disse-lhe um homem não vez?  
Aquilo é saia calção,  
Se vende a qualquer freguez.

O velho se aproximando  
Disse muito admirado:  
Este diabo é o cão  
Que está todo abotoado,  
Credo em cruz, Ave Maria,  
Dou-te figa condenado.  
[...]

Disse o velho: eu sou de Deus  
E do inimigo fujo,  
Valei-me meu padre Cícero  
E Maria do Araújo,  
Isto aqui é o inferno  
Aquelle bicho é o sujo.

A franceza disse a elle,  
Entre na loja patrão,  
O senhor trará medida  
Para fazer saia calção?  
O velho pulou de um lado  
E puxou pelo facão.  
[...]

Foi e disse ao padre Cicero,  
Meu padrinho estou assombrado,  
Fui agora no Rucife  
Ou que lugar desgraçado  
Fui ao inferno e lá vi  
O diabo abotuado.<sup>38</sup> (sic)

Neste trecho evidenciamos um novo enfrentamento contra as inovações do início do século. A diferença é que o autor traz a peleja para ser combatida no interior do campo religioso, utilizando toda sua munção para mostrar o espanto e estranhamento com a ofensiva das mulheres, principalmente as estrangeiras.

Mais uma vez, o personagem que protagoniza o acontecimento é um velho, sujeito que possuía mais tempo e experiência de vida, e por isso era considerado o

---

<sup>38</sup> BARROS, Leandro Gomes de. As Saias Calções. In: LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os desmantelos do Mundo*, op. cit., p. 43-45.

maior referencial de honestidade e respeito nos folhetos. Não obstante, dessa vez, o velho era um sertanejo e, assim como o narrador e as pessoas que compravam e liam os folhetos, era repositório dos princípios mais rígidos da moral sertaneja e da tradição católica.

No diálogo inicial, momento em que o sertanejo observa a indumentária pela primeira vez, o poeta brinca com sua própria restrição em relação à roupa. Mostra um personagem que explica com “naturalidade” a novidade: “[...] não vez? Aquilo é saia calção, se vende a qualquer freguez.” O personagem do “homem”, numa tentativa de se mostrar moderno, acostumado às inovações do seu tempo, ou *smart*, como se dizia na época, parece indicar que o uso da indumentária era absolutamente natural e largamente difundido entre moradores da cidade. No entanto, o “smartismo” do personagem passa bem longe da reação esboçada pelo sertanejo, que se mune de todos os seus referenciais religiosos para travar um combate, duelando e enfrentando seu inimigo, para desmoralizá-lo e indicar quais os reais propósitos das “tais” inovações.

Ao iniciar a peleja, o sertanejo primeiramente identifica seu opositor e as “artes” que envolviam suas façanhas: “Este diabo é o cão que está todo abotoado”. Feito isto, dá início à batalha, e cumpre a primeira etapa da guerra religiosa ao criar uma armadura com a finalidade de guardá-lo e protegê-lo de todas as maldades de que o inimigo pudesse dispor. Seguindo as escrituras: “Ademais, fortaleçam-se no Senhor e na força do seu poder” (Efésios, 6:10)<sup>39</sup>, o sertanejo mune-se de palavras de grande força, ao pronunciar uma espécie de esconjuro, com a finalidade de afugentar o “Demo” e livrar-se de seus malefícios, além de invocar aqueles que o protegeriam dos perigos, fechariam o seu corpo, e quebrariam as forças do oponente: “Credo em cruz, Ave Maria, dou-te figa condenado”.

Com apenas uma palavra, o sertanejo invocava a oração do credo, popularmente conhecida por proteger quem o reza, afugentar o diabo e espantar assombração. Nesse caso, na impossibilidade de fazer toda a oração, ele simplesmente pronuncia o vocábulo “credo!”, adicionado da palavra “cruz” que, de acordo com a tradição popular, também possui preponderante influência para afastar

---

<sup>39</sup> BÍBLIA, 1989, op.cit., p. 1507.

os males demoníacos<sup>40</sup>. Além disso, ao invocar o amparo da Virgem Maria, ele consegue a proteção suficiente para esconjurar o perigo.

O uso da expressão “dou-te figa condenado” pode funcionar no texto de duas maneiras, pois tanto significa mais um pedido de proteção, pois a figa pode ser interpretada como uma espécie de amuleto, que protegeria seu usuário do mal, como também a necessidade do personagem em proferir o nome daquele que se queria combater. Aliás, nesse trecho nos parece que o grande desejo do poeta era esclarecer que todas aquelas inovações eram obra e manifestação do Satanás, do contrário, não insistiria, tão repetidamente, em proferir o nome de quem era enfrentado: “diabo”, “cão”, “dou-te-figa”<sup>41</sup>, “condenado”, “inimigo”, “bicho”, “sujo”. Sete denominações para o mesmo ser.

Assim que o sertanejo constata que aquelas obras eram “coisas do demônio”, não baixa mais a guarda e segue na batalha, deixando claro da parte de quem ele falava: “eu sou de Deus”, e também quais eram os seus aliados na empreitada: “Valei-me meu padre Cícero / e Maria do Araújo”, convocando-os para a linha de frente da batalha.

Ao invocar o nome do padre Cícero Romão Batista, conhecido nos meios populares por “Padre Santo”, cuja notícia da bondade e caridade se espalhou pelo sertão nordestino, e também da beata Maria do Araújo, que, de acordo com indicações, tantas vezes recebeu o corpo de Cristo vertido em sangue das mãos do Padre de Juazeiro, o poeta Leandro Gomes de Barros mostrava ser partidário de nuances de uma religiosidade sertaneja, arraigada em princípios bastante rígidos de conduta e moral tradicionais. De acordo com Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, o Padre Cícero era considerado:

[...] Repositório dos princípios mais rígidos da moral sertaneja, falava aos valores mais preciosos de sua gente, enfatizando ao mesmo tempo toda a tradição católica moldadora daquela civilização. Relacionando os exemplos cristãos com a vida rotineira do homem, vinculando os princípios de honradez, coragem, hospitalidade, trabalho, resistência ao sofrimento,

<sup>40</sup> NEVES, Guilherme Santos. “Vai-Tiarré” e outros esconjuros. *Jangada Brasil*, Ano VI, 63 edição, Fev. 2004. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/fevereiro63/pn63002c.asp>>. Acesso em 02 de junho 2007.

<sup>41</sup>No folheto *Peleja de Zé caixão com o Diabo* encontramos a expressão “Dou-te-figa” como mais uma denominação para se referir ao Diabo. FILHO, Manoel D’Almeida. *Peleja de Zé caixão com o Diabo*, 1972, 32 p.

respeito aos mais fracos, às próprias palavras do Evangelho, à vida de Cristo e dos santos, estendia-se com os matutos por horas infinitas.<sup>42</sup>

A partir da invocação de padre Cícero e da beata Maria do Araújo, no folheto *As saias calção*, percebemos uma aproximação com aspectos significativos da religiosidade do personagem do “velho sertanejo” e também dos valores de seu criador, cuja fé parecia não diferir substancialmente da expressa por seu personagem.

A partir da efetivação e caracterização de quais valores religiosos estavam em jogo, inicia-se finalmente, no folheto, a investida principal, configurada na contra ofensiva do inimigo, aqui protagonizado pela personagem da francesa, que se dirige diretamente ao “sertanejo”, convidando-o a para anuir ao objeto de sua negação: “Entre na loja patrão, / O senhor trará medida / Para fazer saia calção?”. Ao que o “velho” responde prontamente, abandonando, por hora, a batalha no campo das palavras e respondendo diretamente com uma ofensiva corporal: “pulou de um lado / e puxou pelo facão”, evidenciando que, além de um rico arsenal de devoção, exposto durante a batalha, ele também poderia partir para o enfrentamento aberto, defendendo sua honra “no braço”.

Ao final, quando a guerra foi posta, as armas lançadas e o campo de batalha mapeado, restava-lhe retornar ao interior, e queixar-se ao seu “padrinho” dos absurdos que presenciou na cidade: “Fui agora no Rucife / ou que lugar desgraçado”. O sertanejo da narrativa combatia as inovações da urbe, assim como seu criador, na vida real, não se cansava de apontar o estranhamento direcionado cotidianamente a esse “mundo às avessas”.

A partir do embate travado com a francesa da narrativa, acreditamos que Leandro Gomes estava atento à presença e influência estrangeira no Brasil. De acordo com estudos, desde meados do século XIX, houve campanha para que os imigrantes escolhessem Pernambuco como local para morar e trabalhar. No entanto, problemas com a crise na indústria da cana de açúcar e o deslocamento do eixo produtivo para o sudeste contribuíram para que a campanha não fosse

---

<sup>42</sup> BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. O movimento de Juazeiro do Norte Padre Cícero e o fenômeno do Caldeirão. In: SOUZA, Simone de (Coord). *História do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará / Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989, p. 252.

significativamente positiva. Mas, ainda assim, muitos estrangeiros terminaram ficando no estado:

As cifras censitárias comparáveis demonstram, com clareza, o fracasso das tentativas pernambucanas de atrair imigrantes agrícolas. Em 1872, o primeiro censo nacional contou 13.444 estrangeiros em Pernambuco; a metade constituída de portugueses, 40% de africanos escravos e livres. Em 1890, a população estrangeira chegava só a 2.690 indivíduos, o que parece uma subestimativa mas, ainda assim, bem baixa em comparação com o verificado nos estados do Centro-Sul. Em 1900 já havia 11 mil estrangeiros, aproximadamente, dos quais 23% eram portugueses<sup>43</sup>

Muitos dos estrangeiros que chegaram ao estado terminaram ficando na capital pernambucana. Ao pesquisar jornais da época, não é difícil encontrar a presença de imigrantes franceses, como os da narrativa *As saias calção*, trabalhando com moda, roupas e diversos outros apetrechos femininos, vindos principalmente de Paris. É o caso da revista *Chic* que divulgava toda sorte de produtos vindos da capital francesa e destinados à mulher “zelosa” na “perfeição da sua plastica e da sua elegância”:

ESPARTILHOS de Paris  
Cuidadosamente fabricados por M<sup>me</sup> J. Torcheboeuf. Os modelos Femina e Marie Anoinette são os que maior successo tem obtido nesta capital, não só porque o seu acabamento é irreprehevel, como também pela commodidade que offerecem a todas as senhoras elegantes que os têm adquirido. O FEMINA é o dernier bateau da perfeição de contornos, por não maltratar nem impedir quando vestido nenhuma das funcções organicas. O FEMINA é o espartilho ideal, vestil-o é um dever de toda a senhora zelosa da perfeição da sua plastica e da sua elegancia. A venda na MAISON CHIC<sup>44</sup> (sic)

Notamos que as francesas ditavam a moda do que era tido como “elegante”, ou não, para ser consumido pelas mulheres. A nota insiste nos cuidados que as senhoras deveriam possuir para serem “elegantes e zelosas”, além de enfatizar que a “plástica” passaria pelo referencial da magreza, observe que o trecho insistia na “perfeição dos contornos”, que somente seriam “bem delineados” com o “conforto” do produto anunciado.

<sup>43</sup> EISENBERG, Peter L. Transição para o trabalho livre. In: \_\_\_\_\_. *Modernização sem mudança: A indústria açucareira em Pernambuco: 1840/1910*. Trad. João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1977, p. 218.

<sup>44</sup> *Chic*, Recife, dez. 1903. Ano 3, Número 4, p. 4.



Com relação a essa mudança dos referenciais de beleza, Raimundo Nonato da Silva observa que no início do século XX o arquétipo do corpo feminino foi revisto, o referencial da matrona com formas arredondadas e fartas cedeu lugar à mulher de corpo bem torneado, magro e de formas lânguidas. Ao tempo em que o corpo do homem também deveria refletir saúde e agilidade, ficando para trás os corpos gordos, que demonstravam a falta de atividades físicas. De acordo com Nonato, criava-se uma nova mentalidade em relação ao corpo e ao trabalho.<sup>45</sup> Essas mudanças, na cidade do Recife, em sua grande maioria, vinham inspiradas na aproximação com referenciais europeus, bem como pela influência de muitos estrangeiros que interferiam diretamente nos referenciais em voga na cidade.

Embora as francesas estivessem, de certa forma, à frente do processo de mudança e inovação das características femininas na cidade do Recife, elas não eram identificadas como as únicas culpadas pelo “excesso” de transformações. Na verdade, talvez a nacionalidade que mais sofresse críticas por parte dos poetas populares, acusada da “má” influência nas “coisas do Brasil”, fosse a inglesa, acusada primeiramente pela maneira como lidava com seus investimentos no Brasil, e depois pelas diferenças de sua religião.

Nos folhetos de Barros, é possível encontrar diversas caricaturas dos sujeitos de nacionalidade inglesa que em suas narrativas se mostravam mestres na ofensiva contra os valores, os costumes e a religião. No capítulo dois já acenamos para a posição do poeta em relação a esses sujeitos, ao trabalharmos com o folheto *O Dinheiro*, que alegorizava a ação de um inglês rico e arrogante que desejava a qualquer preço realizar o enterro funerário de seu cachorro, mesmo que, para isso, precisasse passar por cima dos costumes e dogmas da religião católica.

Na verdade, a imagem do inglês rico e arrogante não é exceção na produção de Leandro Gomes, que se posicionava criticamente com relação à presença desses estrangeiros na cidade, acusando-os de serem gananciosos e usurários. Acompanhe alguns trechos da *Cançoneta dos morcegos*, presente no folheto *Os coletores da Great Western*, provavelmente de 1916, e perceba como, em apenas algumas linhas, o poeta apontava muitos dos defeitos daqueles cidadãos:

---

<sup>45</sup> FONSECA, 2002, op.cit., p. 51-52.

Essas linhas de ferro do norte  
Estão causando ligeira impressão  
O inglês leva o cobre que ha  
Não nos deixa ficar um tustão.

E o Brasileiro se banha se não for no  
bolço também.

Alem disso inda tem outra coiza  
O inglês não confia em alguém  
Conductor, bagageiro e fiscal  
Todos são collectados no trem.

E leva o carimbo da companhia! [...]

Machinista fedendo a fumaça  
Com a lenha que vem do sertão  
Pois enquanto o trem queima cavaco  
O inglês está poupando o carvão.

E o trem correndo e pingando arame...

Guarda-freios com roupas em tiras  
As botinas sem salto e sem bico  
Assim mesmo o inglês ainda diz  
Esse povo da linha está rico.

Mas só tem cebo da roupa...[...]

E o malvado do inglês quando o povo  
Vai dizer-lhe que o ganho é mesquinho  
Elle diz mim não pode dá mais;  
Dá um bolo na mão do visinho!...<sup>46</sup>(sic)

O trecho se refere ao tipo de administração empreendida pelos ingleses, responsáveis por algumas das linhas de trem do Recife. Nele há uma referência às diferentes maneiras que aqueles cidadãos encontravam para conseguir lucro no negócio. O poeta reclamava a transferência da riqueza produzida no Brasil para o bolso de estrangeiros, enquanto os brasileiros permaneciam na miséria.

Algumas atitudes dos ingleses incomodavam mais expressivamente o poeta, que criticava a cobrança indeterminada de passagens no interior do veículo; a economia nos gastos com combustível, através da utilização de madeira barata ao invés de carvão; bem como a exploração da mão de obra dos trabalhadores das linhas férreas, que andavam aos farrapos.

---

<sup>46</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Os coletores da Great Western / A cançoneta dos Morcegos / Peleja de José do Braço com Izidro Gavião. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2.op.cit., p. 197-198.

De diferentes maneiras, o poeta tentava mostrar que a lógica de lucro pertencente aos ingleses lhe era estranha, pois não conseguia tolerar o fato de, mesmo sabendo que recebiam muito com o privilégio das linhas de trem, que “pingavam arame”, ou seja, rendiam muito dinheiro, não eram retos, nem mesmo com seus funcionários, e, ao serem cobrados para que pagassem preços justos pela exploração do serviço, mostravam toda a sua avareza e usura ao afirmarem: “mim não pode dá mais”. Com isso, notamos que o poeta estava atento à presença e comportamento dos ingleses na cidade, tanto que satirizava não somente sua lógica de lucro e mesquinha, mas, inclusive, seu modo diferente de falar.

De acordo com Rostand Paraíso, os ingleses tinham presença significativa nos negócios da cidade, e administravam não somente as linhas férreas, mas diversos outros empreendimentos:

No início do século passado, quando o Recife tinha aproximadamente 200 mil habitantes, a colônia inglesa no Brasil já era bastante numerosa. Aqui havia uma grande quantidade de firmas inglesas, atuando no comércio e na indústria, além de bancos e de empresas concessionárias de serviços públicos. Tínhamos a *Western Telegraph Company*, que nos punha, através do Cabo Submarino, em contato com o mundo [...]; a *Pernambuco Tramways and Power Company*, que, com seus bondes elétricos, servia a praticamente todos os subúrbios do Recife, mesmo àqueles mais distantes, e que levava às casas de seus moradores a luz elétrica e o gás encanado, fabricado e estocado no Gasômetro; a *Great Western of Brazil Railway Company*, que, com os seus trens, interligava o Recife às cidades mais próximas, não só de Pernambuco mas dos Estados vizinhos; e, num tempo mais recente, a *Telephone Company of Pernambuco*, que trouxe para nós os últimos avanços tecnológicos na área. [...]<sup>47</sup>

Notamos na descrição de Paraíso que, de fato, a atuação inglesa na cidade, principalmente no setor de prestação de serviços, não foi irrelevante. No entanto, acreditamos que sua forma de administrar os empreendimentos, sempre pautada no lucro e na exploração capitalista declarada, não era compreendida nem aceita pelas muitas pessoas que dependiam e utilizavam os serviços cotidianamente.

Leandro Gomes era um desses usuários que criticava constantemente a lógica inglesa, às vezes compondo narrativas engraçadas para satirizar suas diferenças em relação aos brasileiros. O folheto *Os coletores da Great Western*,

---

<sup>47</sup> PARAÍSO, 2003, op.cit., p. 51-52.

provavelmente de 1916, pode ser utilizado para demonstrar esta contestação, pois nele mais uma vez o autor/ narrador aproveita a oportunidade para mostrar suas inquietações frente aos novos valores de uma sociedade em processo de transformação, na qual a ética capitalista chocava-se com os antigos hábitos e valores da população, inclusive os religiosos.

Inicialmente Leandro Gomes mostrava que os ingleses estavam dispostos a lucrar de qualquer maneira com as linhas de trem e, como medida para garantir essa arrecadação, aumentam o número de fiscais nos vagões, ordenando que cobrassem dos usuários, independente de quem ali estivesse, fosse militar, civil, deficiente, idoso ou até mesmo religioso, todos deveriam ser cobrados no trem, sob risco de punição:

Eu venho com carta branca  
O inglez foi quem Passou  
Eu como empregado reto,  
Faço o que elle me ordenou  
Morcego aqui este anno  
Foi coiza que caducou

Garanto que neste trem  
Só vai quem tiver bilhete,  
Ir sem passagem é querer  
Ferver água com sorvete  
A estrada é estação  
O chefe d'ella é cacête.

Se o papa chegar aqui  
Tem que comprar a passagem,  
Santidade é uma coiza  
Que não val nada em viagem  
Se não comprar o bilhete  
Só vai se for na bagagem.

Santo é lá para a igreja  
Milagre aqui não tem preço  
E o inglez disse – oh mim  
A ningem mais obedeço  
Santo que mim não conhece  
A esse nada offereço.<sup>48</sup> (sic)

Inicialmente o fiscal faz questão de afirmar que está ali apenas cumprindo a ordem de seu patrão “inglês”, de retirar do vagão qualquer pessoa que desejasse

---

<sup>48</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Os coletores da Great Western / A cançoneta dos Morcegos / Peleja de José do Braço com Izidro Gavião. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. op.cit., p. 191-192.

viajar sem passagem, referindo-se aos famosos “morcegos”, pessoas que pegavam carona no trem e desciam sem pagar por isso.

Para deixar em evidência as novas ordens, o funcionário chegava a supor uma situação extrema, afirmando que, até mesmo se o papa desejasse viajar, teria que comprar a passagem, pois a santidade nada valia ali. Por meio dessas afirmativas, o poeta cria uma situação limite para deixar evidente que, sob aquela nova perspectiva, dominada pelos ingleses, os mais altos representantes religiosos não teriam qualquer legitimidade.

De acordo com o poeta, no novo circuito comercial da cidade haveria uma hostilidade com relação aos valores e crenças dos brasileiros, pois seus novos controladores - estrangeiros - eram portadores de uma separação friamente imposta entre o mundo religioso e o mundo comercial: “Santo é lá para a igreja / Milagre aqui não tem preço”, o que indicava uma nova ordem de relações na cidade, onde até os milagres poderiam ser apreçados, embora ali, naquele momento, não tivesse preço algum.

Observamos que os últimos versos recortados são emblemáticos para demonstrar que o poeta estava ciente de que os novos cidadãos estrangeiros não teriam somente diferentes posturas comerciais, mas também religiosas. Percebemos que o poeta brinca não somente com o modo de falar dos ingleses, mas também com o conteúdo de suas crenças religiosas: “santo que mim não conhece / a esse nada ofereço”. Nesses versos, o poema dá margem a, pelo menos, duas interpretações, ambas indicando que os ingleses ali representados provavelmente eram partidários de crenças diferentes da católica, aproximava-os de referenciais protestantes.

Uma das interpretações cabíveis para os versos é pensar no poeta afirmando que já que o “Santo Padre”, o Papa, não reconhecia o protestante como adepto da sua crença, e nem os protestantes o reconheciam como uma autoridade religiosa a ser seguida, então o inglês não teria qualquer obrigação de respeitá-lo: “A ninguém mais obedeço”, e da mesma forma a este nada ofereceria.

Também podemos supor uma outra interpretação, pois no início da última estrofe fica claro que para os administradores das linhas de trem os “santos” eram coisa “lá para a igreja”, logo o estrangeiro parece sutilmente explanar a oposição

entre o culto católico, que possuía forte relação e devoção com os santos, e o protestante, que, apesar de acreditar que pessoas poderiam desenvolver condutas santas, somente orava e prestava culto a Deus<sup>49</sup>. Assim fica evidente que a descrença por parte do inglês nos santos e cultos católicos o desobrigava de oferecer qualquer coisa a estes.

O trecho recortado é significativo, pois mostra com precisão a relação dos imigrantes ingleses com o catolicismo, bem como a posição do poeta ao se dirigir aos ingleses, evidenciando que estes não levavam muito em consideração as crenças e costumes locais, principalmente no que tangia aos valores religiosos.

No entanto, o narrador não pára por aí, vai além, mostrando que, apesar de ser ferrenho defensor da crença Católica, nem por isso possuía atrelamento e filiação à sua estrutura eclesiástica. Então propõe nesse mesmo folheto uma contenda engraçada, talvez há muito esperada, entre um membro do clero, acostumado com as regalias de que desfrutava por ser religioso, e um representante dos ingleses, instruído a colocar as novas normas em prática:

Um frade foi viajar  
 Porem queria ir no molle  
 Disse com sigo eu sou frade  
 Fiscal commigo não bolle  
 Mas o collector lhe disse  
 Padre mestre se consolle.

Puche o bilhete ou o cobre  
 A coisa hoje está feia  
 Você manda no convento  
 Mas não na empreza alheia  
 Escolha das duas uma  
 Pagar ou ir a cadeia

Dizia o frade São Bento  
 Me acuda nesta viagem  
 Disse o homem nem S. Bento  
 Viaja aqui sem passagem  
 Veja não pague amanhã  
 O excesso e a carceragem

Vamos disse o collector  
 Eu tenho em que me ocupar  
 Talvez os prezos hoje tenham

---

<sup>49</sup> “Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto” (Lucas, 4:8). BIBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 66.

Um frade para pregar  
O frade meteu os pez  
Saltou e não quis pagar.<sup>50</sup>(sic)

O trecho mostra um confronto entre dois sujeitos que, de acordo com o poeta, representavam, cada um a seu modo, os desvios do seu tempo: os padres, porque eram acostumados com regalias, viviam em busca de favorecimento e se aproveitavam de situações para se beneficiarem; e os fiscais, porque representavam os ingleses e cumpriam à risca as ordens de seus patrões, mesmo que fossem de encontro às relações e costumes ali estabelecidos.

Inicialmente o fragmento evidencia que o frade tinha quase certeza de que não seria cobrado pela viagem: “Disse com sigo eu sou frade / Fiscal commigo não bolle”, o trecho indica que, apesar de estar ciente das cobranças que vinham acontecendo no trem, o religioso se agarra à sua condição de padre, supondo que nada lhe aconteceria.

Não obstante, o texto evidencia que o fiscal não se intimida com a posição religiosa daquele sujeito, pelo contrário, deixa bem claro que nos “novos” tempos as coisas seriam diferentes: “Puche o bilhete ou o cobre / a coisa hoje está feia”. Através de uma ordem, o empregado mostrava que não haveria regalias para determinados indivíduos e, inclusive, uma nova redefinição e demarcação de lugares sociais deveria ser respeitada: “você manda no convento / Mas não na empreza alheia”, ou seja, os antigos valores religiosos que transpassavam os templos de oração não eram mais válidos na era da administração inglesa, que impelia valores comerciais e de mercado sobre os valores religiosos: “nem S. Bento / viaja aqui sem passagem”.

Nesse folheto é perceptível que, por mais que o poeta, durante toda a narrativa, deseje chamar atenção para as mudanças dos “novos” tempos, principalmente através da crítica às inovações inglesas, de certa forma também torce para que o padre não se saísse bem, uma vez que, desde o início do trecho, mostra que estava de olho nas atitudes do religioso, que tentava não ser notado para não pagar: “queria ir no molle”, ou seja, desejava ser diferente dos demais, e

---

<sup>50</sup> BARROS, Leandro Gomes de. Os coletores da Great Western / A cançoneta dos Morcegos / Peleja de José do Braço com Izidro Gavião. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. op.cit., p. 195-196.

não se submeter às novas regras, principalmente por que teria que desembolçar algum dinheiro nesse meio tempo.

Logo, por mais que o narrador achasse a ofensiva inglesa descabida, também parecia não concordar com a atitude “folgada” do padre de não pagar a passagem, quando todos os outros usuários tinham de se submeter às novas regras. Então prepara um final ardiloso, no qual o religioso é afrontado e, com muita raiva, desce do trem, obviamente sem deixar nenhum centavo para o inglês.

O folheto consegue dar conta das inquietações do próprio narrador que, em determinados momentos, e contra certos sujeitos, termina torcendo pelas novidades. No entanto, passada a “folga” dos religiosos, ele volta a evidenciar as preocupações dos menos favorecidos da população em relação às inovações, atitudes e presença dos estrangeiros na cidade, que nem sempre era encarada como uma possibilidade concreta de “aproximar o Brasil à Europa”, pretensão de alguns segmentos das classes mais abastadas.

As pessoas que produziam e consumiam os folhetos pareciam ter uma posição de desconfiança com relação aos sujeitos de outras pátrias, portadores de valores e maneiras estranhas à cidade. Percebiam que, a partir da influência desses indivíduos, a urbe já não era a mesma, suas tradições vinham sendo postas em questão por estrangeiros que pareciam uma espécie de “representantes oficiais dos novos tempos”.

Peter L. Eisenberg traz um quadro que aponta alguns números acerca da chegada dos imigrantes no estado de Pernambuco:

**Quadro 1 - PRINCIPAIS GRUPOS DE IMIGRANTES EM PERNAMBUCO**

Ano <sup>a</sup>	Sexo	Portugueses	Italianos	Franceses	Ingleses	Espanhóis	Africanos
1872	M	5.637	292	201	179	189	3.065
	F	1.009	35	91	38	10	2.349
	Total	6.646	327	292	217	199	5.514
1900	M	2.015	397	56	146	124	
	F	446	163	83	96	38	
	Total	2.461	560	139	242	162	s / dados



<sup>a</sup>Os dados divulgados do censo de 1890 não especificam nacionalidades.

FONTES: Recenseamento da população... 1872, v. XIII, p. 218. Directoria Geral de Estatística, "Recenseamento da População em 31 de dezembro de 1900", pp. 142-143 apud EISENBERG, 1977, op.cit., p. 220.

Com base no quadro 1 - *Principais Grupos de Imigrantes em Pernambuco*, podemos inferir que de 1872 a 1900 não houve aumento significativo na população de estrangeiros no Estado, contudo, mesmo percebendo que os números não sofreram aumentos significativos, não devemos menosprezar a quantidade de mais de 11 mil imigrantes vivendo em Pernambuco a partir de 1900.

O que salientamos é que, por mais que os números não possuíssem significativa representatividade, não devemos deixar de levar em consideração a influência que esses sujeitos exerciam em alguns segmentos da cidade, já que atuavam em setores expressivos, como a prestação de serviços e o comércio, imprimindo lógicas e valores do aburguesamento na cidade.

Os folhetos não ignoravam a diversidade de estrangeiros desenvolvendo atividades no Brasil e, sempre que podiam, alfinetavam ingleses, criticavam franceses, italianos e outros imigrantes de uma forma geral. De acordo com as narrativas, pudemos acompanhar que franceses, italianos e ingleses eram as principais nacionalidades lembradas e criticadas, no entanto, o que incomodava nesses estrangeiros não era unicamente suas modas, hábitos, e valores diferenciados dos brasileiros. Um aspecto significativo que trazia muita observação para os autores dos folhetos, e que era enfatizado com fervorosidade nas narrativas, eram as práticas religiosas que chegavam e se expandiam com esses sujeitos, mesmo diante da hostilidade e ofensiva que vinham dos católicos.

### **3.3. “A nova-ceita é caipora”: ofensiva contra os protestantes**

Desde o início do século XIX, chegaram ao Recife diferentes denominações protestantes que se destacaram no processo de evangelização da cidade:

anglicanos, congregacionais, presbiterianos e batistas foram alguns dos principais grupos que fizeram parte do campo religioso da Capital Pernambucana até início do século XX.

De acordo com Micheline Reinaux Vasconcelos, os anglicanos começaram a atuar em Pernambuco a partir de 1812. Devido à presença da comunidade protestante em Pernambuco, o governador da Capitania demarcou e cedeu ao cônsul inglês um terreno no qual seria estabelecido o cemitério protestante, que não serviu somente para membros dessa comunidade religiosa, mas também alemães, suíços, holandeses, americanos, franceses, dentre outros. A primeira igreja protestante dos ingleses no Recife foi construída em 1838, e contou com anuência de diferentes autoridades da cidade, que fizeram uma única exigência com relação ao formato externo da construção, que não deveria ter aspecto de templo.<sup>51</sup>

Com relação a atuação desse grupo religioso, Elizete da Silva afirma que:

[...] a Igreja Anglicana, estabelecida no Brasil, identificava-se completamente com o protestantismo de imigração: os serviços religiosos eram feitos em inglês para a colônia britânica; sem nenhuma preocupação proselitista. Estabelecida por força de um tratado, moveu-se sempre dentro dos limites das concessões, evitando confrontos, pois estava vedado pregar ou declamar publicamente contra a religião Católica ou procurar fazer prosélitos ou conversões.<sup>52</sup>

Estabelecida no Recife desde o período imperial, a Igreja Anglicana não fugiu desse referencial. Antes da construção da *Holy Trinity Church*, os ingleses se reuniam em casas particulares e também num prédio na Rua do Hospício para fazerem seus cultos.<sup>53</sup>

Somente na segunda metade do século XIX, em 1868, o primeiro grupo protestante de caráter proselitista chegou à cidade, ele era composto de membros da Igreja Congregacional. A partir de 1873, os trabalhos do diácono Manoel José da Silva Viana e do missionário Robert Kalley ajudaram a coordenar a construção da

---

<sup>51</sup> VASCONCELOS, 2005, op.cit., p 34-35.

<sup>52</sup> SILVA, Elizete. Historiografia sobre o Protestantismo Brasileiro: algumas considerações. In: Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, 9, 2007, Viçosa. *Anais...* Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2007. p. 14.

<sup>53</sup> PARAÍSO, 2003, op.cit., p. 58-62.

Igreja Evangélica Pernambucana e, a partir dessa primeira matriz, surgiram outras congregações em Tegipió, Jaboatão, Vitória, Caruaru, Mogango e Balanço<sup>54</sup>.

Uma terceira denominação também bastante preocupada com o proselitismo religioso chegou a Pernambuco em 1873, eram os presbiterianos, que tiveram seus esforços traduzidos no empenho dos missionários estrangeiros em aprender a língua portuguesa, objetivando um melhor trabalho de evangelização. Suas ações tiveram início no Recife com a chegada à cidade do reverendo Jonh R. Smith, seguido de John Boyle e sua esposa. De acordo com Vasconcelos, em 1875, começava a ser publicado o primeiro jornal protestante do Nordeste do Brasil, intitulado *Salvação de Graça*.<sup>55</sup>

Um último grupo de atuação e presença significativa no Recife foram os batistas, em grande parte originários dos Estado Unidos, iniciaram seus trabalhos no final do século XIX. De acordo Elizete da Silva, essa denominação estabeleceu-se inicialmente no Sudeste, mas foi no Nordeste do Brasil que iniciou um trabalho mais efetivo.

Em Santa Bárbara D'Oeste, São Paulo, entre os imigrantes norte-americanos provenientes do sul dos EUA e dos desdobramentos da Guerra de Secessão existiram várias famílias batistas. Estas famílias reuniram-se em 10 de setembro de 1871 e organizaram a Primeira Igreja Batista em território brasileiro, composta exclusivamente de americanos e para atender as suas necessidades religiosas. Esse primeiro núcleo batista instalado no Brasil tinha todas as características de protestantismo de imigração, o serviço religioso era feito em inglês e não iniciou trabalho missionário entre os brasileiros.<sup>56</sup>

De acordo com Silva, a Igreja de Santa Bárbara D'Oeste resumia-se às necessidades espirituais dos colonos americanos, e teve vida efêmera. A autora afirma que o trabalho de evangelização batista teria início após a organização da Primeira Igreja Batista do Brasil, em Outubro de 1882, na cidade de Salvador, pois representou um típico "protestantismo missionário".<sup>57</sup>

No Recife, os batistas experimentaram uma primeira tentativa missionária em abril de 1886, contudo, sem alcançar os resultados esperados. Suas atividades

---

<sup>54</sup> VASCONCELOS, 2005, op.cit., p. 36.

<sup>55</sup> Ibid., p. 36-37

<sup>56</sup> SILVA, 2007, op.cit., p. 17.

<sup>57</sup> Ibid., p. 18.

foram reorganizadas em 1893, sob os cuidados de W. E. Entzminger, que realizou um trabalho interessante, pois em 1901 a Igreja chegaria a ser composta por 200 membros.<sup>58</sup> Dali em diante haveria uma preocupação considerável com a intensificação da atuação missionária no interior do Nordeste, tanto que, na virada de 1900 para 1901, organizaram a Convenção União Batista Leão do Norte, e o início da publicação do jornal *O Missionário*.<sup>59</sup>

Dessas acepções, podemos inferir que no início do século XX a cidade do Recife recebia um número considerável de organizações religiosas de caráter protestante, que realizavam diferentes tipos de trabalhos, marcando lugares no campo religioso da comunidade. Em 1901, por exemplo, o Jornal evangélico *O Embaixador* divulga os trabalhos de algumas dessas instituições através de propagandas acerca dos cultos e atividades desenvolvidas pelas igrejas:

#### MEMORANDUM EVANGELICO

##### **EGREJA EVANGELICA PRESBYTERIANA**

PASTOR JUVENTINO MARINHO

Escola Dominical aos domingos às 10 horas da manhã e cultos às 11 horas da manhã e as 7 horas da noite e nas quintas-feiras às mesmas horas [...] Rua da Concordia n. 39.

##### **EGREJA EVANGELICA BRASILEIRA**

Escola dominical à 10 horas da manhã

Cultos nos domingos às 11 horas da manhã e 7 da noite e nas quintas-feiras às 7 horas da noite. Comunhão no quarto domingo do mez. Rua Nova de Santa Rita n. 63, 1.º andar.

##### **EGREJA ÉVANGELICA RECIFENCE**

PASTOR LUIZ JARDIM

Culto aos domingos, às 11 horas da manhã e nas quartas-feiras às 7 horas da noite. Escola Dominical após o culto e comunhão no terceiro domingo de cada mez.

Rua da Concordia n, 31, 1º andar.

##### **EGREJA DE CHRISTO BAPTISTA NACIONAL EM PERNAMBUCO**

Culto aos domingos às 10 ½ horas da manhã e às 7 horas da noite. Reunião de Oração nas quintas-feiras às 7 horas da noite.

RUA AUGUSTA N. 125, 1º ANDAR

##### **EGREJA EVANGELICA BAPTISTA**

PASTOR SALOMÃO GINSBURG

<sup>58</sup> VASCONCELOS, 2005, op.cit., p. 36.

<sup>59</sup> Ibid., p. 40

Cultos nos domingos às 11 horas da manhã, às 7 da noite e nas quartas-feiras às 7 horas da noite. Escola Dominical às 5 horas da tarde.  
Salão Provisório - Rua Formosa n 21

**EGREJA EVANGELICA PERNAMBUCANA**  
**PASTOR CHARLES KINGSTON**

Ha pregação do Santo Evangelho todos os domingos às 11 horas da manhã e às 7 horas da noite. Nas quartas feiras, cultos às 7 horas da noite. Comunhão, no 1.º domingo da cada mez. Rua da roda n. 62, 1º andar.<sup>60</sup>  
(sic)

Através da nota no jornal *O Embaixador*, que se intitulava “órgão mensal de propaganda evangélica”, observamos que diferentes denominações utilizavam o veículo de comunicação para divulgação e propaganda de seus cultos religiosos. Faziam isso, provavelmente, por entenderem que aquele poderia ser um canal de aproximação entre igreja e fiéis.

Notamos que todos os grupos divulgavam dias e horários das atividades desenvolvidas, bem como o endereço do templo, ou espaço de congregação, certamente o faziam no intuito de informar àqueles que por ventura se interessassem em participar. Alguns grupos divulgavam o nome de seus pastores, que à primeira vista se mesclavam entre brasileiros e estrangeiros. Através da nota, temos uma pequena noção de como estavam localizados os diferentes grupos religiosos protestantes na cidade.

De posse dessas informações, podemos observar que o processo de chegada de missionários protestantes no Recife foi bastante gradual, e aconteceu ao longo de todo o século XIX. A partir do século XX, principalmente com o processo de urbanização e crescimento da cidade, essas denominações conquistariam cada vez mais fiéis e se expandiriam para diferentes campos de atuação.

Salientamos, no entanto, que o processo de crescimento das atividades evangélicas na cidade não passaria sem ser observado por certos grupos de pessoas que ali habitavam, pois elas acompanhavam com muita desconfiança a chegada desses sujeitos de crenças, princípios, visões de mundo, e práticas, completamente diferentes das suas.

---

<sup>60</sup> *O Embaixador*, Recife, ago. 1901. Ano 1, Número 5, p. 4.

Os folhetos da literatura popular são emblemáticos ao evidenciar o embate, travado entre segmentos mais ligados às tradições e normas católicas e os novos sujeitos, que chegavam em busca de locais de sobrevivência e também de expansão de sua crença religiosa. A associação entre protestantismo e estrangeirismo é inegável nos folhetos, assim como é inegável também a repulsa aos recém-chegados, na tentativa de valorizar e demarcar lugares sociais, tradicionalmente estabelecidos.

As narrativas de Leandro Gomes são excelentes para evidenciar os embates religiosos com os protestantes, assim como os olhares de desprezo que eram lançados sobre esses sujeitos que, de acordo com o poeta, representavam justamente os valores e princípios que os folhetos tentavam negar. Denominados nos folhetos de “nova-seita”, os protestantes geralmente tinham seu fenótipo aproximado a características européias, “amarello”, “amarello e barbado” ou um “triste amarello sem cor”, para se referir à tonalidade de sua pele, e sua religião categorizada como culto ligado ao Diabo.

Nessa parte do texto, trabalharemos, principalmente, com dois folhetos: *O diabo na Nova-Ceita*<sup>61</sup>, provavelmente de 1914, e *O Diabo confessando um Nova-Seita*<sup>62</sup>, possivelmente escrito em 1910. As duas narrativas foram selecionadas porque são expressivas no sentido de indicarem os pontos de vista do autor, os valores de que era partidário e, principalmente, as formas que encontrava para reafirmar sua religiosidade em oposição a outras práticas religiosas da cidade.

Leandro Gomes utilizou, em ambos os folhetos, sua criatividade para traduzir as características da “Religião da Nova-Seita”. Descrevia práticas, gestos e símbolos que afirmava pertencerem aos membros da “Igreja do Frei bode”, de acordo com as características descritas, uma alegorização das denominações protestantes que atuavam na cidade. O narrador enfatizava suas restrições a esses sujeitos, que adquiriam cada vez mais espaços, e também fiéis, contrapondo-se à religião católica, até então majoritária no Recife.

---

<sup>61</sup>BARROS, Leandro Gomes de. *O Diabo na Nova-Ceita*. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba.1980. p. 75-88.

<sup>62</sup>BARROS, Leandro Gomes de. *O Diabo confessando um Nova-Seita*, História de João da Cruz (Conclusão). In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. op. cit., p. 57-74.

Na tentativa de contestar os adeptos da nova religião, o poeta travava um embate frontal contra seus princípios, caracterizando-os de forma negativa, e criando separações rígidas entre as novas manifestações religiosas e a crença de que era partidário, com ênfase à exaltação dos valores de sua religiosidade, bastante ligada ao catolicismo de origem sertaneja.

O folheto *O Diabo na Nova-Ceita* tenta ser exemplar ao mostrar as “imperfeições” de quem aderira à nova religião. A princípio, o poeta tentava estabelecer um patamar para elucidar o quanto a seita poderia ser “malfazeja”, faz comparações extravagantes para mostrar a quantidade de problemas que seus cultos poderiam trazer:

O diabo ficou pobre  
 Viu que morria no pó  
 Chamou o pai d'elle e disse:  
 Eu não me desgraço só  
 Ou vou para a nova-ceita  
 Ou entro no catimbó.

O velho pai d'elle disse:  
 Rapaz pensas n'isso agora?  
 O catimbó nada val  
 A nova-ceita é caipora,  
 Nasce com o asar dentro  
 E acha a miseria fora<sup>63</sup> (sic)

No trecho há um diálogo em que o diabo e seu pai debatem acerca das opções religiosas oferecidas a pessoas que estavam em situação de pobreza, miséria e “desgraça”, elucidavam as desvantagens de certos cultos religiosos, tentando escolher o menos pior. Nessa narrativa, o poeta age estrategicamente ao colocar a religião da “nova-ceita” em pé de igualdade com o “catimbó”: “Ou vou para a nova-ceita / ou entro no catimbó”, pois sabia que a segunda religião possuía, entre os seus leitores e moradores da cidade, um estigma negativo e preconceituoso.

De acordo com René Ribeiro, no Recife, durante muito tempo, houve perseguição aos locais de cultos afro-brasileiros. Afirma que os adeptos desses cultos localizavam-se por toda parte, preferindo a obscuridade de sua prática religiosa por força do caráter reprovável que possuía entre diferentes segmentos

---

<sup>63</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O diabo na Nova-Ceita. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. op cit., p. 77.

sociais. O antropólogo afirma que sob essa forma parecem ter resistido as atividades religiosas do negro, quando muito estabelecendo-se em centros modestos de influência “sincrética”, chamados pela população de “catimbó”. Acerca da religião, o autor afirma que:

[...] nunca no Recife atingiu o *xango* o esplendor do *candomblé* bahiano, a regra parecendo ter sido o funcionamento de grupos pequenos que se esmeravam mais nos rituais privados, só ocasionalmente realizando cerimônias vistosas e públicas. É bem compreensível que assim fôsse por necessidade de se esquivarem às represálias policiais, à pressão da Igreja Católica e à hostilidade da parte da população mais identificada com a cultura européia.<sup>64</sup>

Através das informações emitidas por Ribeiro, entendemos os motivos que levaram o autor de *O Diabo na Nova-Ceita* a estabelecer um patamar bastante próximo entre as denominações, que chegavam à cidade, e o *catimbó*. Notamos a marginalização da religião dos orixás pelos moradores do Recife, que a tratavam com preconceito e hostilidade, logo, supomos que a melhor estratégia para mostrar o quanto a “nova-seita” poderia ser danosa era estabelecer uma associação direta entre as duas crenças, pois assim o poeta conseguiria que seus leitores estabelecessem um grau de julgamento com relação à “nova” religião, pautados em referências daquela que lhes era familiar, e não aprovada.

Leandro Gomes satirizava ao relacionar os problemas de ambas religiões, mostrando que nem mesmo o diabo, ao ser interpelado sobre qual delas poderia ser melhor, conseguia estabelecer distinções significativas, classificando-as: “desgraçadas”, “pobres”, “miseráveis”, “azarentas” ou “caipora”<sup>65</sup>.

*O Diabo na Nova-Ceita* traz alegorizações de características do protestantismo, satiriza seus praticantes, pré-requisitos para ingressar no culto e até mesmo as consequências de sua prática, tudo no intento de construir para o seu adepto imagem negativa e diferente daquela que se considerava saudável:

<sup>64</sup> RIBEIRO, René. *Cultos afrobrasileiros do Recife: Um estudo de ajustamento social*. Recife: Boletim do Instituto Joaquim Nabuco, 1952. p. 35-36.

<sup>65</sup> Caipora no fragmento citado possui relação com o azar, de acordo com Leonardo Mota: “Caipora é capim que, quando não chove, não nasce; e, quando nasce, o boi come. (protestam aqueles de quem se diz que estão sem sorte)” MOTA, 1982, op. cit., p. 86.



O nova-ceita já nasce  
 Triste e, amarello e sem cor,  
 A vista sempre espantada  
 Com aspecto aterrador,  
 Sem alma e sem consciencia  
 Sem prazer e sem amor.<sup>66</sup> (sic)

No fragmento acima, as características físicas do “nova-ceita” são ressaltadas de forma pejorativa, é como se possuir pele clara, ou “amarella”, “sem cor”, fosse motivo de desabono. Nesse trecho, é interessante perceber que, enquanto as classes mais ricas da cidade, conforme já observamos anteriormente, procuravam, por meio de aproximações, o padrão europeu de cor e “beleza”, outros segmentos da população, certamente de pele mais “escurecida”, chacoteavam a “palidez” dos novos moradores.

Além da cor, as posturas comportamentais assumidas pelos novas seitas também são alvo de escárnio. Acreditamos que as críticas à sua aparência de “vista sempre espantada”, “aspecto aterrador”, “sem alma”, “sem prazer” “sem consciência” e “sem amor” podem ser provenientes da observação das posturas assumidas por esses indivíduos, que se reservam das coisas mundanas, mantendo viva e constante a prática do amor ao Pai, em oposição ao mundo<sup>67</sup>. Este referencial certamente se chocava com os padrões católicos, muito mais festivos e até mesmo expansivos.

Contudo, a crítica à aparência física e posturas comportamentais dos protestantes não foram os únicos elementos lembrados em *O diabo na nova ceita*. Disposto a procurar briga, seu narrador resolve ressuscitar uma antiga querela entre católicos e protestantes com relação ao culto à Virgem Maria:

O que você está dizendo.  
 E'uma pura verdade,  
 Essa raça nova-ceita  
 Abusa da divindade,

<sup>66</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *O Diabo na Nova-Ceita, Vingança de um Filho, A Tarde*. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. op. cit., p. 77.

<sup>67</sup> “Não ameis o mundo nem as cousas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.” (I João, 2: 15-17) BÍBLIA, 1999, op.cit., p. 256.

Crêr no filho e nega a mãe  
Como é essa novidade?<sup>68</sup> (sic)

Barros se empenha em apontar um dos mais fortes indícios da aproximação entre “nova-ceita” e os protestantes, abrangendo argumento recorrente entre os devotos da Santa, que acusam os evangélicos de negarem seu poder, apesar de crerem em seu filho. Nos folhetos, essa pendência gera muita polêmica entre os adeptos do catolicismo e do protestantismo, que travam inúmeras discussões e acusações, geralmente amparados por diferentes leituras da bíblia.

Sobre a contenda em relação ao culto à Maria, é preciso ter presente a posição dos protestantes com relação à crença dos católicos em imagens, considerada idolatria. Nesse sentido, Gilmário Moreira Brito aponta que

Aos olhos do protestante, essa cultura religiosa, que se esquia dos rigores do poder para “*adorar santos*”, acrescentando dimensões mágicas e lúdicas em performances corporais, utilizando-se de ícones tradicionais para redimensionar símbolos de atividades rotineiras, estabelecendo uma relação de proximidade entre cotidiano do seu viver ao do santo de sua devoção, constitui-se em exercício religioso que subverte aspectos e perspectivas de moral, comportamento e ordenamento hierárquico, vislumbradas pelo protestante como desviante de uma conduta adequada, sendo por isso passível de estranhamento.<sup>69</sup>

Nessa perspectiva, o culto à Virgem Maria, peculiar por agregar dimensões mágicas, realizadas por atividades lúdicas articuladas de múltiplas linguagens e performances<sup>70</sup>, também causa “estranhamento” aos sujeitos advindos das denominações protestantes, no entanto essa desconfiança dos evangélicos em relação ao culto da Virgem é, muitas vezes, interpretado como “desvalorização” ou até mesmo “diminuição” do valor atribuído à Santa.

Nos folhetos de Leandro Gomes, a temática do culto a Maria aparece outras vezes, indicando que a discussão era valiosa para os fiéis que, na cidade do Recife, devotavam a Santa que, como acompanhamos em outras discussões, tinha, na

<sup>68</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O diabo na Nova-Seita. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. op cit., p. 78.

<sup>69</sup> BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. 2001. 295f. Tese de Doutorado em História Social - Programa de estudos Pós- Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Antonieta M. Antonacci. p. 205.

<sup>70</sup> Ibid., p. 204.

representação de Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Penha, manifestações fortes da crença popular.

Após a abordagem das tensões envolvendo católicos e protestantes na discussão sobre a devoção à Maria, retornamos as discussões que marcavam a ofensiva contra os protestantes na cidade, não obstante, a partir de agora trabalharemos com o segundo folheto de Leandro Gomes de Barros, *O diabo confessando um nova-seita*, provavelmente escrito em 1910, e que, assim como o primeiro, está permeado de críticas e ofensivas aos evangélicos que se estabeleciam no Recife no início do século XX, inclusive quando mais uma vez retorna à questão da devoção a Maria.

Nesse folheto, a ofensiva contra denominações reformadas se inicia no título da história: *O diabo confessando um nova-seita*, emblemático, ao indicar que Lúcifer era o líder da nova religião, que mesclava em seu culto sacramentos do catolicismo, uma vez que a história gira em torno das confissões dos pecados cometidos por um fiel, protestante, recém convertido:

E alli chegando um negro,  
Trasendo um livro na mão,  
Interrogando ao barbado;  
O que deseja irmão?  
Disse o velho meu padraço,  
Me ouça de confissão.<sup>71</sup> (sic)

No fragmento em destaque, o fiel da nova seita se dirige a seu líder maior, o Diabo, representado pelo “negro”, para solicitar a confissão de pecados que havia cometido após se converter à religião. O pequeno recorte está saturado de associações da “nova-seita” com o protestantismo e utiliza diferentes elementos para chacotear os praticantes da religião.

Note que no fragmento o Satanás, mestre da religião, chama seu interlocutor de “irmão”, tratamento recorrente entre os grupos denominacionais, que consideram todos os indivíduos irmãos perante Cristo e assumem freqüentemente essa forma de

---

<sup>71</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O diabo confessando um Nova-Seita. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. op. cit., p. 59.

tratamento<sup>72</sup>. Além disso, o fiel, ao se referir a seu líder maior, o Diabo, o chama “meu padraço”, tratamento que, propositalmente, dissimula um ditado bastante comum no Nordeste do Brasil: “Deus é pai e não padraço”<sup>73</sup>. A denominação dirigida ao “negro” mostra que, em oposição ao Ser Supremo do catolicismo, Deus / Pai, estava o líder da “Nova seita”, o Diabo / Padraço.

Além desses elementos, uma terceira alusão ao protestantismo é inserida no pequeno trecho, note que o Satanás chega “trazendo um livro na mão”, certamente o livro da “nova seita”, ou as bíblias protestantes, que geraram muita polêmica no período referido e foram alvo de controvérsias e discussões.

Micheline Vasconcelos afirma que as bíblias protestantes chegavam à cidade através do porto, e dali eram amplamente distribuídas ou vendidas no intuito de que acontecesse uma possível conversão pelo simples ato de sua leitura. De acordo com a autora, houve uma forte reação da Igreja Católica em oposição às denominadas “bíblias falsas”, geralmente distribuídas pelas sociedades bíblicas, em sua maioria de origem inglesa e americana.<sup>74</sup> Em 1902, o frei Celestino convidava a população para assistir à queima das ditas “falsificadas”, “truncadas”, e “adulteradas”,

[...] Era desde cinco longos meses que esse presumpçoso e improvisado pastor, verdadeiro lobo desfarçado em pelles de ovelhas, gritava ao bom grito: “Vinde, pernambucanos, vinde adquirir uma bíblia, a palavra de Deus, a fonte de todo o bem, de toda a felicidade. Procura a bíblia (protestante): ahi achareis luz, vida e verdade pura, sem mesclas de sentidos humanos, falsos e enganosos”, etc., etc.

E muitos curiosos [...], lá foram, [...], comprar [...]; [e] leram-n’a. [...] e nada podendo descortinar de per si do quanto havia-lhes falsamente garantido o célebre Salomão, forma entregal-a nas mãos dos missionários Capuchinhos da Penha, os quais irão queimar-a na praça pública ou no adro do seu esplendor e magestoso templo, domingo próximo, 22, às 8 horas da manhã, após as religiosas funções da sessão solene da temerosa Liga contra o Protestantismo. São convidados todos os nova-seitas a comparecerem (querendo) no lugar já indicado, para presenciarem esses factos e assignarem essa decepção.

São cerca de 200 volumes ou exemplares da bíblia protestante (entre grandes e pequenas) que vão ser entregues às chamas, não por ser bíblia ou palavra de Deus, mas sim, e tão somente por ser bíblia de protestante, por eles adrede e sacrilegicamente falsificada, truncada, e adulterada, e

<sup>72</sup> “Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos.” (Mateus, 23:8). BÍBLIA, 1999, op.cit., p. 29.

<sup>73</sup> MOTA, 1982, op.cit., p. 105.

<sup>74</sup> VASCONCELOS, 2005, op.cit., p. 49.

pela suprema autoridade infallível da verdadeira igreja de Christo justamente proibida e excommungada.<sup>75</sup>

É interessante notar, nesse registro do Frei Celestino, a preocupação dos religiosos católicos com a disseminação das bíblias protestantes na cidade, bem como exaltação àqueles fiéis que se mantinham convictos em sua fé católica e entregavam o material a ser “confiscado” pelos missionários, que, numa tentativa de, ao menos simbolicamente, extirpar a presença das correntes reformadas na cidade, reduziam os “livros adulterados” a cinzas.

Nesse sentido, o combate à presença protestante no Recife serve para que percebamos que nem sempre as relações entre os autores dos folhetos e os membros do clero eram conflitantes, haja vista que nesse momento ambos tinham alvo comum, combater o “invasor”, que colocava em risco sua religião. É bem verdade que, enquanto o clero lutava para garantir uma religião clerical e ligada ao vaticano, as pessoas comuns lutavam para manter suas práticas religiosas, muitas vezes sem estreita relação com a Igreja Católica.

O que enfatizamos é que, por mais que os folhetos não deixassem de criticar os padres por suas atitudes gananciosas e usurárias, havia momentos em que concordavam e travavam lutas com alvos comuns, embora os objetivos pudessem ser diferentes. Então, o que deixamos claro é que essas manifestações culturais não se davam somente no campo das tensões, mas também das relações entre as diferentes esferas da sociedade.

Dito isto, retornamos ao trecho selecionado do folheto de Leandro Gomes para indicar que a imagem do “negro” portando um livro na mão não deveria ser incomum para o período, uma vez que o material publicado pelo frei Celestino indica a forte relação entre os protestantes e as “bíblias falsas”. Logo, concluímos que a caricatura do Diabo, portando o livro, provavelmente possuía associação direta com a imagem dos evangélicos que ganhavam as ruas da cidade, utilizando suas escrituras como instrumento de evangelização.

Lembramos que, para esses sujeitos, a manifestação de fé através do cumprimento das escrituras: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda

---

<sup>75</sup> FREI CELESTINO. Amarga decepção salomonica! *A província*, Recife, Coluna Religiosa, 20 Fev. 1903, p. 01 apud VASCONCELOS, 2005, op.cit., p. 57.

criatura” (Marcos, 16: 15) <sup>76</sup> era uma forma de desempenharem confessadamente sua fé e levarem a palavra de Deus a quem não a conhecia, mesmo que isso causasse incômodo e oposição de certos moradores.

Além da sátira às “bíblis falsas”, outras manifestações de jocosidade foram direcionadas aos sujeitos praticantes de cultos não católicos na cidade. Destacamos um último trecho no folheto *O diabo confessando um nova seita* que possui passagem singular ao apontar uma possível inadaptação dos fiéis convertidos às normas e crenças da “nova religião”:

Perguntava o negro ao velho;  
O que quer você irmão?  
Disse o velho meu padraço,  
Me ouça de confissão  
P’ra vê se por esse meio,  
Eu posso ter o perdão.  
[...]

Disse o velho meu padraço:  
Uma vez eu fui pregar,  
O sermão da nova seita,  
Devido a não me lembrar,  
Chamei 3 vezes por Deus,  
Depois foi que fui chorar.

Que mais perguntou o negro:  
Tens feito no mundo tu?  
Eu, já enterrei um morto  
Já dei de vestir a um nú  
Disse o negro antes tivesse;  
Dado elle ao urubú.

Só serão esses pecados?  
Interroga, o negro então:  
Disse o nova seita sim  
Uma vez no sermão,  
Estava vexado e chamei,  
A virgem da Conceição!

O negro se ergueu e disse:  
Diga os nomes que quiser;  
Faça por não se lembrar,  
Do nome dessa mulher,  
Eu passo mil leguas longe,  
Do lugar que ella estiver.<sup>77</sup> (sic)

<sup>76</sup> BÍBLIA, 1999, op.cit., p. 61.

<sup>77</sup> BARROS, Leandro Gomes de. O diabo confessando um Nova-Seita. In: *Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. op cit., p. 60-61.

Podemos depreender a indição de Leandro de Barros de que os conversos da “nova seita” ainda estavam impregnados de hábitos, práticas e costumes católicos, e por isso cometiam “deslizes”, mostrando suas fraquezas em se adaptarem à nova religião. Além disso, o poeta enfatizava também a fervorosidade do catolicismo, presente naqueles que, mesmo desejando se afastar “de Deus”, cometiam atos falhos, e acabavam retornando às práticas de sua antiga devoção.

Percebemos uma mistura de crenças e práticas emaranhando-se em estranhamentos e superações, nos quais o fiel, por força do hábito, clamava o nome de Deus, involuntariamente, mesmo sabendo que o Ser Supremo de sua crença era Satanás. Além disso, insistia em praticar atos de bondade e caridade ensinados por Jesus Cristo<sup>78</sup>, quando, em sua religião, só se praticava crueldade e maldade.

No entanto, apesar de confessar que indiretamente não conseguia se desvencilhar dos valores e práticas católicas, todas as outras declarações pareceriam irrisórias diante do último “pecado”, praticamente arrancado do fiel: “Só serão esses pecados?”, perguntava o Diabo, como se quisesse ter certeza de que não lhe esconderiam nada. E, diante da cobrança, o fiel entrega sua culpa, mostrando que por um instante quase se esquecera de sua principal falha: “**Sim** / uma vez no sermão, / Estava vexado e chamei, / A virgem da Conceição!”. A força da expressão enfática “Sim” indica justamente uma lembrança quase deixada para trás, mas que no último instante vem à tona, e traz consigo novamente a querela em torno do nome da Virgem Maria.

Como afirmado anteriormente, a utilização do debate em torno da devoção à Maria é recorrente nos folhetos, justamente porque a Santa tornou-se adorada entre seus fiéis católicos, que se sentiam extremamente ofendidos diante das investidas protestantes. Nesse caso específico, gostaríamos de lembrar que Nossa Senhora da Conceição tinha na cidade uma devoção bastante significativa, inclusive sua festa era uma das mais concorridas e prestigiadas da cidade. De acordo com Mário Sette:

---

<sup>78</sup> “Então, dirá o Rei aos que estiverem à direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque eu tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me.” (Mateus, 25: 34-36). BÍBLIA, 1999, op.cit., p. 32-33.

Mais pomposa, muito mais mesmo, era a festa do Arco da Conceição. [...] O comércio em grosso do bairro do Recife, auxiliava os festejos que mereciam toda a simpatia e prestígio [...]. Havia novenário concorrido. [...] Dia santificado, dia grande, não faltava gente para aumentar o número já crescido de fiéis residentes no próprio bairro. Acorriam famílias dos arrabaldes. Misturavam-se tipos de todas as classes. Desde o açucareiro da Passagem da Madalena ao catraieiro da Lingueta. Desde a viúva rica moradora no Caldeireiro à mocinha pobre do Pátio do Terço. Do chefe de seção do Correio ao aguadeiro do beco das Sete Casas.<sup>79</sup>

O trecho recortado do folheto evidencia a forte devoção direcionada à Virgem da Conceição e, de certa forma, explica o espanto sentido pelo Diabo ao ouvir seu fiel em momento de “vexação” chamar pelo nome “dessa mulher”. Parece que o poeta desejava indicar o temor do diabo com relação à Santa: “Eu passo mil leguas longe, do lugar que ella estiver”, como se sentisse que contra ela nada poderia.

Edilece Souza Couto, em seu trabalho *Tempos de festas: Homenagens a Santa Bárbara, N.S. da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)*, encontrou um relato interessante no material recolhido por Manoel Querino em seu livro *A Bahia de Outrora*. O trecho aborda uma passagem em que o Satanás evidenciava sua querela com relação à Virgem da Conceição. O acontecimento lembra aspectos do folheto de Leandro Gomes, precisamente porque, assim como em sua narrativa, nele o Diabo mostrava sua insatisfação quando se proferia o nome da Santa:

Manoel Querino nos conta que numa noite na qual a roda de samba estava desanimada pela falta de uma viola, alguns homens saíram à procura de um músico. Numa esquina, encontraram um desconhecido tocando maravilhosamente o instrumento. O tocador, que se identificou com o estranho nome de Sassaraneco, deleitava a multidão, fazendo prodígios com sua “mágica viola”. Os dançarinos bradavam: Viva o senhor Sassaraneco! Ele respondia: Bravos às mulatas! Mas quando alguém gritava: Viva Nossa Senhora da Conceição!, o músico dizia baixinho: Com essa senhora não quero graça. Quando já era alta madrugada, um menino gritou assustado: Olhem, o senhor Sassaraneco tem o pé redondo. Imediatamente o homem desapareceu em meio a uma nuvem de fumaça cheirando a enxofre.<sup>80</sup>

Aqui, mais uma vez, ficam claras as reservas do Diabo em relação a Nossa Senhora da Conceição, o que nos leva a inferir que, tanto na história contada por

<sup>79</sup> SETTE, 1958, op.cit., p. 164-169

<sup>80</sup> COUTO, Edilece Souza. *Tempos de festas: Homenagens a Santa Bárbara, N.S. da Conceição e Sant’Ana em Salvador (1860-1940)*. 2004. 215f. Tese de Doutorado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis – SP, 2004. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Basto de Albuquerque. p. 172.



Manoel Querino, como na Narrativa de Barros, fica visível a lógica de que a Santa teria muito poder em relação ao demônio, e que por isso ele desejava a todo custo o afastamento em relação à mesma. Nesse sentido, ressaltamos que, apesar dos senões lançados pelos protestantes ao culto de Nossa Senhora, os personagens presentes nas narrativas dos folhetos tentavam mostrar sua força e poder entre os fiéis.

No presente tópico, apontamos as diferentes investidas presentes nos folhetos de Leandro Gomes direcionadas aos protestantes, inicialmente representados por imigrantes, que chegavam à cidade em busca de posições de trabalho e local para manifestação de sua crença religiosa. Mostramos como as narrativas lançavam temas polêmicos no intuito de chacotear e acusar esses sujeitos, sendo que os elementos que compunham gestos, indumentárias, comportamentos e até mesmo crenças protestantes eram alvo de escárnio e críticas dos fiéis católicos, que se sentiam ameaçados por essas novas manifestações religiosas.

Contudo, parece-nos que ainda falta responder algumas questões acerca dos valores, normas, princípios, condutas e principalmente tradições pertencentes a esses grupos de pessoas que se manifestavam tão enfaticamente através dos folhetos da literatura popular. Quem eram? De onde vinham? Quais eram mesmo as “tradições” de que eram partidários? Contra quem se rebelavam? Essas e outras questões são de importância ímpar para compreender os sentidos e significados que as relações, tensões e enfrentamentos apresentados até agora possuíam para a vida das pessoas que contestavam, à sua maneira, a ordem vigente na cidade. Estas e outras questões estarão presentes e norteando o próximo item que pretende melhor delinear essa discussão.

### **3.4. Esse mundo não é meu: retirantes sertanejos e suas manifestações religiosas no Recife**

Ao acompanharmos as relações, tensões e embates religiosos presentes nos folhetos de Leandro Barros, apreendemos uma constante luta para afirmar e defender valores, princípios e normas reguladoras de um mundo que o poeta acreditava ser o mais correto e apropriado, comparado a outras realidades que vinham sendo colocadas em prática na cidade do Recife no início do século XX.

O que nos parece é que o poeta partia em defesa de tradições religiosas essencialmente católicas que serviam para si e para seus leitores como uma espécie de baliza para viver, pensar e entender o mundo. Então, avaliamos que, nessa parte do texto, seria interessante pensarmos um pouco mais sobre essas tradições presentes nos folhetos, discorrendo sobre seus contornos, principalmente com ênfase em seus defensores. Tentaremos responder algumas questões acerca do lugar social de onde falavam, das crenças de que eram portadores, o que desejavam combater e, principalmente, por que consideravam que o “mundo estava às avessas”.

Gostaríamos de fazer essa discussão para deixar mais evidentes os posicionamentos, convicções, rebeldias e também irreverências de sujeitos que tentavam marcar seus lugares sociais e se manifestarem mesmo em ambiente pouco favorável.

Pensamos que a melhor maneira de chegar às pessoas que faziam, compravam, liam, ouviam e se manifestavam através dos folhetos da literatura popular aqui estudada seja, mais uma vez, por meio dos indícios deixados por Leandro Gomes de Barros, poeta que, através de histórias carregadas de sátiras e bom humor, apresentava, sob diferentes aspectos, a vida na cidade e o mundo dessas pessoas que ali se instalavam, sobreviviam e marcavam seus lugares.

Conforme afirmado no Capítulo Primeiro, Leandro Gomes, assim como a maioria dos seus leitores, não era originário da capital pernambucana. Na verdade, chegou ao Recife como mais um dos milhares de nordestinos que buscavam alternativas para contornar os problemas decorridos das sucessivas variações climáticas que assolavam o interior do Nordeste, e também para fugir da crise por que passava a produção de cana-de-açúcar.

Entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, pelo menos cinco períodos de extensa estiagem castigaram o Estado de Pernambuco e suas

adjacências. Esses tempos de seca contribuíram para que se formassem ondas migratórias de deslocamento do sertão em direção à capital, causando um inchaço populacional na cidade, que passaria da soma de 100 mil habitantes em 1872, para um total de 200 mil em 1910<sup>81</sup>, o que representou a acentuação de problemas graves como habitação, saúde, saneamento, desemprego e muitos outros.

A seca de 1877 foi sem sombras de dúvidas a mais arrasadora que Pernambuco presenciou, durou cerca de três anos e atingiu todos os Estados do Nordeste. Alguns estudos calculam uma estimativa de cerca de 500 mil mortos durante o período de estiagem. O espectro da fome marcou a vida de muitas pessoas, que viram de perto o desespero e a morte, e, na tentativa de fugir de uma situação de catástrofe, buscavam a cidade como possível local de sobrevivência. Clarisse Nunes Maia afirma que somente esta seca levou cerca de 20 mil migrantes para o Recife, o que causou muitos problemas de alastramento de doenças decorrentes das péssimas condições de abrigo dessas pessoas.<sup>82</sup>

Aliada às constantes secas, a crise no sistema produtivo do açúcar, que proporcionou às elites pernambucanas prosperidade incerta ao longo do século XIX, contribuiu para que cada vez mais pessoas fugissem do campo em direção à cidade:

[...]a instalação de usinas não foi suficiente para salvar economicamente Pernambuco. O açúcar sofria com intensidade, após 1890, as repercussões das repetidas crises da economia européia, que se refletiam nas quedas de preços e progressiva perda dos mercados.[...].<sup>83</sup>

Embora algumas usinas tivessem representado uma diligência modernizadora, amparadas pelos subsídios do Estado, o açúcar brasileiro terminou o final do século XIX perdendo os mercados externos e voltando-se, principalmente, para abastecimento do mercado interno, o que fez Pernambuco perder relevância econômica no quadro nacional.

Percebemos, então, que tanto as constantes secas que assolavam as regiões interioranas do Estado, localizadas no que posteriormente viria a ser denominado

---

<sup>81</sup> ARRAIS, 1998, op.cit., p. 43.

<sup>82</sup> MAIA, Clarisse Nunes. *Policidados: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife, 1865-1915*. 2001. 250f. Tese de Doutorado em História - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. Orientador Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho.

<sup>83</sup> ARRAIS, 1998, op.cit., p. 41.

polígono das secas, quanto a crise existente na indústria da cana-de-açúcar, contribuíram para que milhares de migrantes buscassem Recife na esperança de melhores condições de trabalho e moradia.

Uma vez instaladas na cidade, as pessoas que vinham do interior passavam a conviver diretamente com a dinâmica, crescimento e modificações ali impressas, e nesse momento mostravam que, além de suas famílias, pertences pessoais e sonhos de construir uma vida nova, também levavam consigo, no momento de sua partida, uma série de normas, valores, experiências que seriam tomados como referencial para ler, entender e criticar esse novo mundo do qual passavam a fazer parte. Esse posicionamento fica evidente através da leitura da obra do poeta Leandro Gomes de Barros, que, assim como a maioria dessas pessoas, também havia adentrado a capital como um retirante, fugindo da crise que tomava conta do interior.

Por intermédio da obra do poeta, podemos perceber as ações desses novos moradores do Recife, que se posicionavam mostrando pontos de vista e enfrentando posturas que não consideravam corretas. Por meio dos folhetos populares, vislumbramos os principais sujeitos dessa pesquisa, pessoas apontadas como “retirantes” que, ao chegarem à cidade e ali se instalarem, passavam a fazer parte da dinâmica que ali estava sendo impressa, fazendo-se e transformando-se juntamente com o processo.

Nesse sentido, os folhetos da literatura popular são fontes de valor especial para este trabalho, pois conseguem dar visibilidade à presença dessas pessoas, além de evidenciarem aspectos de suas vidas cotidianas, mostrando que, para além de simples números, índices ou porcentagens, esses indivíduos faziam parte dos acontecimentos e relações ali estabelecidas.

É interessante notar os modos que o poeta encontrava para comunicar-se com seus leitores, que nos folhetos viravam personagens e emprestavam aspectos de suas vidas para serem retratados. Barros apresentava uma diversidade de sujeitos com os quais convivia, dialogava e certamente ria junto. Encontramos representados em seus folhetos velhos, sertanejos, carregadores, vendedores, ambulantes, feirantes, empregadas domésticas, fateiras, enroladeiras de fumo, amas de leite, comerciantes, cobradores, engomadeiras, lavadeiras, condutores, soldados,

parteiras, alfaiates, funileiros, ferreiros, sapateiros, carteiros, trapicheiros, e diversos outros personagens que emprestavam suas histórias para dar vida a personagens que seriam reconhecidos, aplaudidos ou detestados por muitos.

Apesar desse leque diverso de sujeitos que podiam ser encontrados nas narrativas, percebemos que os personagens do poeta não eram de todo estranhos entre si, na verdade, além de trabalhadores que ali estavam para ganhar a vida e sobreviver, também eram partidários de tradições que podiam ser vislumbradas nos contornos das narrativas, nas entrelinhas e muitas vezes até mesmo no transcorrer do texto em formatos mais enfáticos.

Os sujeitos enfocados defendiam tradições de um catolicismo depositário de princípios rígidos da moral sertaneja, na qual devoção, moral, caridade, fraternidade e muitas outras características eram essenciais para mostrar o lugar de onde falavam. Depositários de uma religiosidade essencialmente ligada ao campo, posicionavam-se contrários a valores e comportamentos em crescimento e difusão na cidade e travavam embates, relações e tensões que terminavam por enfatizar para leitores/ouvintes os valores de que eram partidários.

Os folhetos do autor estavam carregados de mensagens religiosas que objetivavam combater normas e comportamentos tidos como “modernos” e “universais”. O autor contestava discursos de “higiene”, “civilização”, “aproximação com a Europa”, que eram propagandeados por sujeitos que representavam diretamente as campanhas e ações “modernizadoras” e “civilizadoras” da cidade.

Acerca dessas tendências modernas que circundavam o Recife, Cátia Lubambo informa que nas últimas décadas do século XIX a transformação da economia açucareira, o crescimento urbano do Recife e as correntes de modernização, que circulavam pelo país e Região, começaram a modificar a fisionomia social do meio ambiente do Nordeste. A autora mostra que a paisagem rural passava, a partir de então, a ser permeada por “padrões”, “estilos” e “moldes” tipicamente urbanos, enquanto proprietários de engenhos e trabalhadores do campo eram forçados a trocar de atividade, ou mudar-se para a capital.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> LUBAMBO, Cátia Wanderley. *Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero: A reforma urbana do início do século XX*. Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991. p. 80. p. 54.

Nesse mesmo sentido, Nicolau Sevcenko afirma que no Rio de Janeiro, durante o período de reformas e modernizações, abusou-se da oposição “cidade industrial/campo indolente”, registrando-se prontamente, na consciência intelectual, as idéias do desmembramento da comunidade brasileira em duas sociedades antagônicas e dessintonizadas, devendo uma inevitavelmente prevalecer sobre a outra, ou encontrarem um ponto de ajustamento.<sup>85</sup>

No Recife, a tendência de opor o urbano ao rural também se manifestou de maneira acentuada. Percebemos, por meio das fontes da época, que o anseio de “ser moderno” e “civilizado”, manifestado por grupos dominantes, terminava por negar outras realidades ali presentes, como era o caso dos retirantes, discriminados e taxados por serem justamente aquilo que “não se deveria ser”. Em posição ao “ideal” de ser “urbano”, “moderno”, “civilizado”, “letrado”, encontravam-se sujeitos taxados justamente por serem o oposto: “sertanejos”, “rurais”, “interioranos”, “conservadores”, “machistas”, “anti-higiênicos”, “tradicionalistas”, “analfabetos”.

No Recife do início do século XX, estabeleceu-se uma espécie de caçada aos “maus costumes”, “maus hábitos” e “maus elementos”, que insistiam em contrariar o ideal de civilidade que tentava ser disseminado pelas classes dominantes. A esses “maus elementos” respondia-se com dureza, inflexibilidade e até mesmo com o poder de polícia, agente ativo no cerco à cidade, na contenção da “pobreza suspeita”, e na perseguição de suas práticas hostis à ordem e ao ideal civilizatório.<sup>86</sup>

De diferentes maneiras os grupos reformadores insistiam no pendor das classes populares à criminalidade, atribuída à “falta de instrução” e “moral”, acirrada pela miséria, embriaguez, e prostituição<sup>87</sup>. A “incivilidade” ali existente foi preocupação constante dessas classes dominantes, que empreendiam enfaticamente discursos e ações contra as classes populares, muitas vezes consideradas perigosas.

No entanto, as ofensivas aos sujeitos menos favorecidos da cidade nem sempre foram respondidas com silêncios, conformismos e passividade. Na verdade, por diferentes momentos, aqueles que eram perseguidos por não se enquadrarem

---

<sup>85</sup> SEVCENKO, 2003, op.cit., p. 45.

<sup>86</sup> ARRAIS, 1998, p.75.

<sup>87</sup> Ibid., p. 74.

nos “ideais de modernidade” e “civildade” se rebelavam, combatendo quem lhes pretendia combater.

As manifestações de afirmação de tradições religiosas encontradas nos folhetos populares são um excelente exemplo de algumas dessas ações insurgentes contra a ordem vigente, que se pretendia universal. Nos folhetos, acompanhamos as formas como as pessoas de origem popular se rebelavam para defender suas culturas tradicionais, mesmo que elas fossem consideradas “antiquadas” ou “atrasadas”.

Nesse caso, o folheto terminava exercendo papéis diferentes, e ao mesmo tempo complementares. Além de funcionar como mídia difusora de propostas de religiosidades ligadas ao sertão nordestino, que muitas vezes contrariava, inclusive as configurações da Igreja Católica, também trazia em seu conteúdo irreverências e contestações com relação à ordem vigente e aos valores em profusão.

Através das relações e tensões presentes nas fontes produzidas por Leandro Gomes, percebemos que as pessoas que viviam na cidade do Recife nos primeiros anos do século XX tinham consciência de que a propagandeada “modernidade” não era assim tão boa e democrática, quanto anunciavam seus representantes. Afirmavam isso não somente porque suas tradições, valores e costumes não tinham espaço e nem vez no novo “mundo reformulado”, mas principalmente porque percebiam que uma boa parcela das novidades e benesses dos “tempos modernos” não lhes era direcionada.

Em detrimento das “deliciosas” novas formas de lazer, automóveis, velocidade, tecnologia, conforto, salubridade, saneamento e muitos outros lucros adquiridos por alguns sujeitos da “cidade modernizada”, o que sobrava para a maior parte da população era, nada menos, que os transtornos, invasões, deslocamentos para os arrabaldes, problemas com o transporte público, altos impostos, proibições, exclusões, perseguições, punições e, principalmente, extrema e absoluta negação do que eles eram e valorizavam.

Talvez por isso os alvos favoritos de críticas presentes nos folhetos fossem não somente os intelectuais, mas também médicos, padres, estrangeiros, mulheres, além de suas roupas, costumes, comportamentos, desejos, anseios, religiões e

todos os elementos que de alguma forma possuíssem relação com esses sujeitos que representavam os “novos tempos”.

No entanto, para além das críticas direcionadas à modernidade, não podemos deixar de perceber as relações que as camadas menos favorecidas estabeleciam com seus empreendimentos. De outro modo, não teríamos como explicar a produção e distribuição dos próprios folhetos aqui discutidos e abordados que, por mais que representassem a cultura sertaneja, produzidos e distribuídos por sujeitos do interior, só adquiriram formato e se desenvolveram nesse contexto de inovações.

Logo, não podemos deixar de atentar que, embora Leandro Gomes fosse um dos defensores mais ferrenhos dos valores tradicionais do campo, ao chegar à cidade, não pode deixar de se vislumbrar e seduzir pela possibilidade de criar algo novo, mesmo que fosse para defender velhos valores. Isso mostra a natureza dinâmica das relações, já que, em nenhum momento, as pessoas que chegavam à cidade conseguiam permanecer absolutamente alheias aos acontecimentos ali presentes, ou seja, as tradições que traziam consigo eram reinventadas e reelaboradas no processo de transformação.

E o mais interessante para ser percebido no interior desse processo de relações e tensões entre diferentes confrontos culturais, com relação à modernidade, é que, por mais que as produções populares, carregadas de seus valores, crenças, experiências e modos de vida, quisessem ser negadas no período de transformações da cidade, esses mesmos processos de inovações transformações e tecnologias permitiam que a produção referente a esses segmentos da população crescessem e se destacassem por todo o Brasil.

Esse é o caso dos folhetos populares que, ao terem sua produção consolidada e definida nos primeiros anos do século XX, conheceram a partir da década de 1920 aquilo que seria considerado o início do seu período áureo, graças às possibilidades de profissionalização de determinados setores que se especializaram exclusivamente na produção dessa mídia. A partir dessa década, seriam presenciadas mudanças significativas na produção, distribuição e até consumo dos folhetos, que teriam seu apogeu entre as décadas de 40 e 50,



momento em que o público crescia, aumentava o número de poetas escritores e também editores.<sup>88</sup>

Em meados dos anos 20, as configurações em torno do folheto começariam a mudar, pois, ao contrário do que acontecera em seus primórdios, em que os próprios poetas recorriam por conta própria a tipografias não especializadas para a impressão desses materiais, haveria o estabelecimento da atividade editorial, na qual a produção seria administrada por editores que tinham nos folhetos o centro de sua produção.<sup>89</sup>

Além disso, no período inicial de produção dos folhetos, a venda era realizada fundamentalmente pelo próprio autor, mas, a partir de meados de 1920, haveria uma mudança nesse processo. A venda passaria a ser realizada através de “depósitos” localizados em cidades estratégicas, para dali seguirem tanto pelas mãos dos representantes, como também pelo correio. Isso contribuía para que outras regiões do país, até então afastadas desse mercado consumidor, passassem a receber a produção que agora era realizada em larga escala.<sup>90</sup>

Algumas mudanças também aconteceram no formato do próprio folheto, que inicialmente possuía um número maior de páginas que variavam entre 16 e 32. Este contingente foi reduzido para 8 páginas, o que barateava ainda mais o custo da impressão. Aos poucos os folhetos foram ganhando capas mais elaboradas que substituíam as vinhetas simples e as poucas gravuras dos seus primórdios. Alguns profissionais se especializaram fundamentalmente na produção das capas que passavam pelos clichês de zinco, fotografias, cartões postais, fotografias, xilogravuras, litogravuras e diversos outros tipos de artes.<sup>91</sup>

Enfim, percebemos que a partir da década de 20 os folhetos adquirem diferentes contornos, assumindo características diferenciadas daqueles primeiros folhetos produzidos na cidade do Recife. Muitos deles teriam, inclusive, sua

---

<sup>88</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler e ouvir folhetos em Pernambuco (1930-1950)*. 2000. 543f. Tese de Doutorado em Educação – Curso de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Orientadora Prof. Dra. Magda Becker Soares. p. 81-84

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 82-84

<sup>90</sup> *Ibid.*, p. 82.

<sup>91</sup> MARANHÃO, Liêdo. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1981. p. 35.

produção deslocada para cidades de menor porte, o que muitas vezes contribuía para que seu conteúdo estivesse em harmonia com essa nova realidade.

No entanto, essa é uma nova dimensão da produção dos folhetos que, nos limites desse trabalho, não teremos como explorar, mas não podemos deixar de ressaltar que, mesmo com produção, distribuição e consumo diferenciados, os folhetos continuariam marcando lugares sociais por onde quer que fossem lidos ou ouvidos, deixando sempre viva e presente a aproximação com o sertão.

A proposta presente nesse item foi tentar abordar de forma mais direta os folhetos da literatura popular como suporte de relações e tensões entre os sujeitos que eram visibilizados por eles e os lugares sociais de onde falavam.

Ao final, pudemos perceber que as pessoas ali representadas possuíam muita proximidade com os homens e mulheres do sertão, que recém chegados à cidade se confrontavam com realidades absolutamente diferentes das suas, e, a partir de então, em defesa daquilo que acreditavam ser o mais correto, lutavam e deixavam evidentes suas tradições, sem abaixar a cabeça para aqueles que os apontavam como a negação do “mundo civilizado”.

Enfim, ao chegar à cidade, as pessoas estranhavam essa realidade nova e absolutamente diferente daquilo que conheciam e referendavam, talvez, por isso, não fosse de se estranhar que retornassem, insistentemente, a afirmar que “o mundo estava às avessas”!

## Considerações Finais

O passeio pelos primeiros anos do século XX na cidade do Recife, a partir das narrativas presentes na literatura de folhetos de Leandro Gomes de Barros, teve como uma de suas principais propostas evidenciar visões de mundo e tradições de determinados segmentos sociais, muitas vezes não percebidos por outros tipos de fontes e estudos históricos. Nesse sentido, gostaríamos de iniciar essas últimas palavras ressaltando e confessando alguns dos temores experimentados ao construir a proposta de trabalho, e a pesquisa em si.

O desafio inicial dessa pesquisa foi a proposição de um estudo histórico, utilizando-se primordialmente de fontes literárias, qual seja, a literatura de folhetos. É presente que alguns historiadores vem se lançando a trabalhos semelhantes, produzindo materiais de qualidade, que servem como referência para tal empreendimento, no entanto, nada disso diminuía o receio diante da investida.

No mesmo sentido, acrescentava-se a esse desafio inicial o temor de eleger um único sujeito como vetor para adentrar a cidade e estudar as relações históricas ali estabelecidas. Temíamos que, ao utilizar a obra de um único poeta, pudéssemos cair na armadilha de tomar o discurso e a experiência de um único sujeito, como padrão para analisar toda uma época.

Além disso, havia ainda a especificidade de ter sido esse poeta um dos pioneiros na produção e formatação dos folhetos da literatura popular no Brasil, logo mais uma temeridade que se somava a todas as outras, era o risco de parecer que desejávamos estudar o início da produção da literatura popular de folhetos, pura e simplesmente, quando, na verdade, essa era apenas mais uma das peculiaridades da pesquisa, haja vista que o universo que entremeava essas relações entre escritura e oralidade era fascinante, contudo nossos objetivos não se encerravam nele.

Diante de todas essas interrogações e receios, partimos para a pesquisa histórica, que se encarregou de responder algumas dessas preocupações. De fato,

as narrativas dos folhetos se revelaram fonte bastante rica e cheia de sinuosidades que, ao serem destrinchadas, conseguiam vislumbrar perspectivas dificilmente alcançadas em outros tipos de materiais da época. A especificidade de poder traduzir experiências, temores, receios, valores e diversos outros sentimentos ligados e produzidos pelas populações mais pobres, faz com que o folheto seja uma fonte ímpar que, contraposta e problematizada com outras fontes, pode mostrar aspectos singulares acerca dos sujeitos e da dinâmica da cidade.

Soma-se a essas características, a especificidade de que as narrativas, carregadas de moral, exemplos, experiências e vivências, não dão respostas prontas e acabadas, mas deixam margem para que seus significados e lições sejam pensados e vislumbrados em longo prazo. Isso faz com que seus conteúdos, escritos ou imagéticos, ganhem um valor ainda mais específico e importante, pois não ecoavam no vazio e faziam parte da vida das pessoas que liam, ouviam, contavam, e significavam seus conteúdos.

Com base nesses pressupostos, lançamo-nos nos exercícios com as leituras da produção de Leandro Gomes de Barros, e inicialmente nos deparamos com um sujeito aparentemente conservador, que defendia posicionamentos e valores de uma época saudosista, considerada referência para aqueles dias do “seculo das luzes”. Iniciamos as discussões acerca da Tradição versus Modernidade e, ao aprofundarmos as leituras das fontes (narrativas do poeta, materiais produzidos por folcloristas e memorialistas, jornais, periódicos e relatórios oficiais), aos poucos vimos emergir não somente posturas exclusivas e individuais de um sujeito provocador, mas nuances de todo um grupo de sujeitos, que mostrava seus contornos e sinuosidades a partir de posicionamentos e experiências bastante semelhantes.

A partir dessas características que saltavam das fontes, foi inevitável atentar para as relações entre a cidade e o campo, o tradicional e o moderno, principalmente ao percebermos que estávamos lidando com grupos de retirantes sertanejos, que possuíam referenciais de vida e religiosidade completamente diferentes daqueles presentes na cidade. Ao pesquisar diferentes arquivos, e diante das inúmeras reedições das obras de Barros, sondamos que seus folhetos eram bastante aceitos, e que, portanto havia o diálogo permanente e dinâmico com os

grupos de sertanejos presentes na cidade, em um vigoroso processo de ouvir, escrever, recitar, ouvir novamente.

Finalmente, pesquisar o início do processo de escritura das narrativas orais em folhetos populares foi apenas um mote para desvelar a suntuosidade de uma religiosidade forte, de sujeitos que se mostravam, davam-se a ver, partiam para o confronto aberto e, através de seus posicionamentos, marcavam lugares sociais e vivenciavam a experiências religiosas cotidianamente, independente dos novos valores, em relação com os processos em curso, principalmente em oposição àqueles que desejavam lhes combater.

Sendo assim, amenizados alguns dos temores inicialmente experimentados no processo de pesquisa, tentamos cumprir os objetivos propostos, realizando redefinições e ajustes, a partir do contato com as fontes e também das dificuldades encontradas para o desenvolvimento da proposta original.

A princípio pretendíamos estudar não somente a produção de práticas culturais religiosas a partir da literatura de folhetos, mas também sua difusão e recepção entre grupos culturais do Nordeste brasileiro, no entanto, com o andamento da pesquisa, optamos por enfatizar primordialmente o universo de sua produção, pois percebemos que manter a proposta inicial requereria, não somente ampliar a quantidade, mas também os tipos de fontes utilizadas.

Sendo assim, embora realizada a opção metodológica de trabalhar principalmente com o universo das produções dos folhetos populares, não perdemos a dimensão das riquezas e possibilidades presentes num estudo acerca da difusão e também das leituras realizadas com base nesse material. Dizemos isso fundamentados em narrativas encontradas, que revelam diálogos suntuosos entre seus produtores e público consumidor. É salutar o modo como o narrador apreendia posturas de leitores inquietos, que ao tomarem contato com as histórias, se sentiam na obrigação de procurá-lo para debater temáticas e expor opiniões, que novamente retornavam às suas narrativas.

É notável a relevância desses diálogos, em torno da difusão e leituras apreendidas nos folhetos populares, se configurando em possibilidades de investigação bastante ricas, mas que demandariam maior tempo de pesquisa, não disponível em uma dissertação de mestrado.

Além desse caminho, abdicado com muito pesar, também vislumbramos possibilidades de pesquisa, que fugiam dos objetivos aqui propostos, logo, não puderam ser exploradas, mas servem como indicativos para trabalhos futuros. Não deixamos de perceber, por exemplo, a especificidade de uma fonte de origem popular, produzida no período inicial do século XX, que se mostrava salutar em reunir sentimentos e posturas em defesa de valores e características em torno de tradições nacionais, e por conseqüência em oposição aos “causadores das desordens da nação”, ou seja, estrangeiros, considerados invasores que deveriam ser combatidos, diminuídos. É interessante perceber a relevância desse embate, levado para o campo religioso, através das críticas à religião do outro, suas satirizações e tratamentos pejorativos.

O que pensamos que seja importante sugerir é a especificidade das posturas assumidas por sujeitos de origem popular, que antes mesmo de todas as discussões e construções acerca de uma suposta “identidade nacional”, produzida por intelectuais no decorrer desse século, já partiam, à sua maneira, para ações enfáticas e acentuadas, marcando lugares sociais na defesa de sua “nação”. Embora estas sejam dimensões e sondagens ainda muito frágeis, elas podem ser mapeadas nas fontes, e por isso, sugerimos que não sejam negligenciadas ou desprezadas.

Encerrando essa parte acerca das possibilidades e impossibilidades de pesquisa, ressaltamos caminhos que, embora tocados pelas investigações aqui iniciadas, não puderam ser aprofundados de maneira rigorosa, mesmo que se apresentassem de relevância ímpar para o presente trabalho. Sabemos que diante da investigação e trabalho com os folhetos tivemos contato com nuances de um catolicismo peculiar, de tradições religiosas bastante ligadas ao sertão que, talvez, merecessem maior destaque e atenção. No entanto, justamente por ter surgido em período bastante avançado de pesquisa não recebeu o tratamento que acreditamos, fosse relevante para sua abordagem.

Reconhecemos, que alguns caminhos aqui sondados poderiam ser melhor enfatizados e problematizados, no entanto, novamente ressaltamos o curto período de tempo para realização desse trabalho, e as opções que inevitavelmente devem ser realizadas, muitas vezes, em detrimento de ricas possibilidades de pesquisa.

Contudo, consideramos que o caminho percorrido foi bastante válido, principalmente pelo diálogo com fontes ricas, produzidas por elementos pertencentes às camadas sociais menos favorecidas, portadores de diferentes percepções, posições e visões de mundo, que, às vezes veladas, outras explícitas, revelavam-se eminentemente políticas, ajudando-nos a entender posicionamentos e percepções que se aproximavam e se excluía num processo contínuo. Tentamos mostrar que a relação entre essas culturas não é estanque na sociedade, como blocos separados, mas processual, dinâmica e histórica.

O exercício aqui realizado não pretende colocar um ponto final nessa discussão, pelo contrário, seu objetivo é levantar questões, dúvidas, inquietações que possam ser futuramente resolvidas no trabalho direto com as fontes e leituras específicas. Sentimos que há muito a ser trabalhado, e por isso a necessidade de desvendar melhor as relações e pensar caminhos a seguir.

Sentimos que damos os primeiros passos no sentido de perceber as nuances de uma religiosidade que emerge aos poucos, de forma viva e bem humorada, a partir do trabalho de determinados sujeitos, que davam-se a ver a partir de sua obra e produções.

## Fontes

### Folhetos de Leandro Gomes de Barros

A crise actual e o augmento do sello / A urucubaca / O antigo e o moderno, Recife, 1915.

A cura da quebradeira / O Pezo de uma mulher, s.l., s.d.

A Força do amor (Completa), Recife, s.d.

As cousas mudadas / História de João da Cruz (4. Volume), Recife, s.d.

As Saias Calções / Um Susto de minha sogra, Recife, s.d.

Casamento a prestação / Testamento de <<Cancão de Fogo>>, Recife, s.d.

Como João Leso vendeu o Bispo / Como João Leso tornou a Iludir o Bispo, Recife, s.d.

Defesa feita pelo Doutor Ibiapina em que livrou da força um rèo já sentenciado. Recife, 1917; Echos da Pátria / Guerra / Canto da Guerra, Recife, 1917.

Doutores de 60, Recife, s.d.

Festas do Juazeiro no vencimento da guerra, Recife, s.d.

O Cachorro dos mortos (Obra completa). Recife, s.d.;

O cometa / Romano e Ignácio da Catingueira, Recife, 1910.

O Diabo confessando um nova – seita / História de João da Cruz (Conclusão), Recife, s.d.

O Diabo na Nova-Ceita / Vingança de um Filho / A Tarde, Recife, s.d.

O dinheiro / Casamento do Sapo / Ultimas palavras dum papa, Recife, 1909.

Os coletores da Great Western / A cançoneta dos Morcegos / Peleja de José do Braço com Izidro Gavião, Recife, s.d.

### Folhetos de outros autores

FILHO, Manoel D'Almeida. Peleja de Zé caixão com o Diabo, 1972.



## Jornais e Periódicos

- Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (PE):

*A luneta.*  
*A província.*  
*Chic.*  
*Diario de Pernambuco.*  
*Jornal do Recife.*  
*Jornal Pequeno.*  
*Lanterna Magica.*  
*O andarilho.*  
*O Embaixador.*  
*O Periquito.*

- Biblioteca Pública dos Barris (BA);

*Lanterna Magica*

- Fundação Joaquim Nabuco (PE)

*O Diabo a Quatro.*

## Fontes Bibliográficas

ALMEIDA, Renato. *Manual de Coleta Folclórica*. Rio de Janeiro, Oficinas Gráfica Olímpica Editôra Luiz Franco, 1965.

*Antologia* Leandro Gomes de Barros - 2. Tomo III. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1977.

*Antologia* Leandro Gomes de Barros -3. Tomo V. João Pessoa: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba.1980.

ARINOS, Affonso. *Lendas e tradições brasileiras*. São Paulo: Typographia Levi, 1917.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada* - Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. *Saneamento de Recife: descrição e relatórios*. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1942.

CAMPOS, Renato Carneiro. *Ideologia dos Poetas Populares do Nordeste*. Recife: MEC-INEP –Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Recife, 1959.

CARVALHO, Hernani de. *No mundo maravilhoso do folclore*. Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, 1966.

CASCUDO, Luís da C. *Vaqueiros e cantadores*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1968.

FIGUEIREDO, Cândido. *Novo Dicionario da lingua portugueza*. Lisboa: ed. Tavares, 1899.

FREYRE, Gilberto e outros. *Livro do Nordeste*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979.

FREYRE, Gilberto. *Dona sinhá e o filho Padre*. 2<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora/ Instituto Nacional do livro, 1971.

KOSTER, Henry. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. São Paulo: Nacional, 1942, (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Serie 5<sup>a</sup>. Brasileira; 221).

LESSA, Orígenes; Vera Lúcia de Luna e (Orgs). *O cordel e os desmantelos do Mundo*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Centro de Pesquisas, Setor de Filologia, 1983.

LINHARES, Francisco e BATISTA, Octacílio. *Antologia Ilustrada dos Cantadores*. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

LIRA, Mariza. *Migalhas Folklóricas*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Ltda, 1951.

LOPES, José Ribamar. *Literatura de Cordel; Antologia*. Fortaleza. BNB. 1982.

MAGALHÃES, Basílio de. *O Folk-Lore no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1928.

MARANHÃO, Liêdo. *O folheto popular: sua capa e seus ilustradores*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 1981.

MOTA, Leonardo. *Adagiário Brasileiro*. Fortaleza: edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

MOTA, Leonardo. *Cantadores*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 3<sup>a</sup> ed, 1961.

MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte: Poesia e Linguagem do Sertão Nordestino*. 3<sup>o</sup> edição. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

PEREIRA, Nilo. *Dom Vital e a Questão religiosa no Brasil*. Recife: Imprensa universitária, 1966.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Antologia Literatura Popular em Verso*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

RIBEIRO, René. *Cultos afrobrasileiros do Recife: um estudo de ajustamento social*. Recife: Boletim do instituto Joaquim Nabuco, 1952.

ROMERO, Sílvio. "O Brasil Social". In: *O Brasil Social e outros estudos sociológicos*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira: Contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira*. Primeiro Tomo – 3<sup>o</sup> Edição aumentada. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1943.

SETTE, Mário. *Maxambombas e Maracatus*. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1958.

WANDERLEY, Eustórgio. *Tipos Populares do Recife Antigo*. 2<sup>a</sup> série, 2<sup>a</sup> edição. Recife: Colégio Moderno, 1953-1954.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALMEIDA, Magdalena Maria de. *Mario Sette: o retratista da palavra*. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2000.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *O pântano e o Riacho: A formação do espaço público no Recife do século XIX*. 2001. Tese de Doutorado em História Social - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientador Prof. Dr. Marcos Antônio da Silva.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. *Recife, Culturas e Confrontos: As camadas urbanas na Campanha Salvacionista de 1911*. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo, HUCITEC; Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. O movimento de Juazeiro do Norte Padre Cícero e o fenômeno do Caldeirão. In: SOUZA, Simone de (Coord). *História do Ceará*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará / Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1989.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:\_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRITO, Gilmário Moreira. *Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: inter-relações escritura, oralidade, gestualidade, visualidade*. 2001. 295f. Tese de Doutorado em História Social - Programa de estudos Pós- Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Antonieta M. Antonacci.

BURKE, Peter. *Cultura Popular na idade Moderna*. São Paulo: Cia das letras, 1989.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e Imagem*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2004.

CERTEAU, Michel de. A beleza do morto In: *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (orgs). *A História Contada: capítulos de História Social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, p. 184, 1993.

CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

COUTO, Edilece Souza. *Tempos de festas: Homenagens a Santa Bárbara, N.S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)*. 2004. 215f. Tese de Doutorado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis – SP, 2004. Orientador: Prof. Dr. Eduardo Basto de Albuquerque.

CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DA MATTA, R. Digressão: A fábula das três Raças, ou o problema do racismo à brasileira. In: *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOSSE, François. A antropologia Histórica. In: *A história em migalhas: dos Annales à nova História*. Tradução Dulce Oliveira Amarante dos Santos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

EISENBERG, Peter L. Transição para o trabalho livre. In: \_\_\_\_\_. *Modernização sem mudança: A indústria açucareira em Pernambuco: 1840/1910*. Trad. João Maia. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 1977.

EI FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *"Fazendo fita": cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1987-1930*. Salvador: EDUFBA; Universidade Federal da Bahia. Centro de estudos Baianos, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler e ouvir folhetos em Pernambuco (1930-1950)*. 2000. 543f. Tese de Doutorado em Educação – Curso de Pós-Graduação em

Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Orientadora Prof. Dra. Magda Becker Soares.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os Vermes: O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1987.

KUBRUSLY, Cláudio A. *O que é fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LOPES, Maria Aparecida Vasconcelos. *Cidade São, corpo São: Urbanização e saber médico no Recife (Final do século XIX, início de século XX)*. 99f . 1996. Dissertação de Mestrado em História - Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1996.

LORENZI, H., ABREU, M.F.J. *Plantas Medicinais no Brasil: Nativas e Exóticas*. São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

LUBAMBO, Cátia Wanderley. *Bairro do Recife entre o Corpo Santo e o Marco Zero: A reforma urbana do início do século XX*. Recife: CEPE/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1991.

MAIA, Clarisse Nunes. *Policiados: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife, 1865-1915*. 2001. 250f. Tese de Doutorado em História - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001. Orientador Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho.

MONTEIRO, Manoel. *Leandro Gomes: o rei do cordel*. Campina Grande: Projeto Paraíba, sim senhor!, 2005.

PARAÍSO, Rostand. *Esses Ingleses*. 2ª ed. Revista e Ampliada. Recife: Bagaço, 2003.

REZENDE, Antônio Paulo. *O Recife: Histórias de uma cidade*. 2º edição. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas do Rio de Janeiro imperial*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, Cecult, IFCH, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. A inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*. In: \_\_\_\_\_ *Literatura Como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Campanhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVA, Elizete. Historiografia sobre o Protestantismo Brasileiro: algumas considerações. In: Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões, 9, 2007, Viçosa. *Anais...* Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2007.

SILVA, J. P. Asas cobrem os céus. In: *XXII Simpósio Nacional de História*, 2003. Livro de resumo- XXII Simpósio Nacional de História: história, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH/UFPB, 2003.

SLATER, Candace. *A vida no Barbante: A literatura de cordel no Brasil*. Tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOARES, Afonso Maria Ligório. Tomar Bênção é um ato religioso ou somente influência da educação? *Alleluiah informativo ecumênico do Comitê de assistência religiosa*. CARE/HCFMUSP, São Paulo, ano 6, n. 54, p.4, abr 2006.

SOUZA, Itamar; MEDEIROS FILHO, João. *Os degredados filhos da seca: uma análise sócio-política das secas no Nordeste*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de Lutas - Literatura de Folhetos no Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organizadores: Antônio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a Cultura Popular Tradicional*. Revisão técnica Antônio Negro e Cristina Meneguello, Paulo Fontes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux. *Os Nova-Seitas: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel - Pernambuco e Paraíba (1893-1936)*. 116f. 2005. Dissertação de Mestrado em História - Programa de Estudos Pós-Graduados em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

VIANA, Antônio Klévisson. *Leandro Gomes de Barros: O pioneiro de literatura de Cordel*. Fortaleza: Tupynanquim editora, 2005.

## Documentos Eletrônicos

COSTA, F. A. Pereira da. O couro no vocabulário. *Jangada Brasil*, Número 14, Out. 1999. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/outubro14/of14100b.htm>>. Acesso em 30 maio 2007.

Detran /PE – Departamento Estadual de Trânsito de Pernambuco. *“Pernambuco Registra um milhão de veículos”*. 12 Nov. de 2002. Disponível em <[http://www.detran.pe.gov.br/noticias2002/news\\_12112002.shtml](http://www.detran.pe.gov.br/noticias2002/news_12112002.shtml)> Acesso em 15 maio 2007.

MAIA, Geraldo. A influenza espanhola. O Mossoroense. Mossoró: 28 jun. 2005. Nossa História. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/omossoroense/mudanca/nhistoria.htm>>. Acesso em 20 jun. 2006.

MOTA, Mauro. O *jogo do bicho*. Jangada Brasil: e o Bicho vai pegar. Ano VIII, edição especial, Nº 88, Mar de 2006. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/marco88/especial26.asp>> Acesso em 20 mar 2007.

NEVES, Guilherme Santos. "Vai-Tiarré" e outros esconjuros. *Jangada Brasil*, Ano VI, 63 edição, Fev. 2004. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/fevereiro63/pn63002c.asp>>. Acesso em 02 jun 2007.

WIKIPEDIA, *Cometa Halley*. Disponível em <[http://gl.wikipedia.org/wiki/Cometa\\_Halley](http://gl.wikipedia.org/wiki/Cometa_Halley)> Acesso em 12 nov. 2006.

---